

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

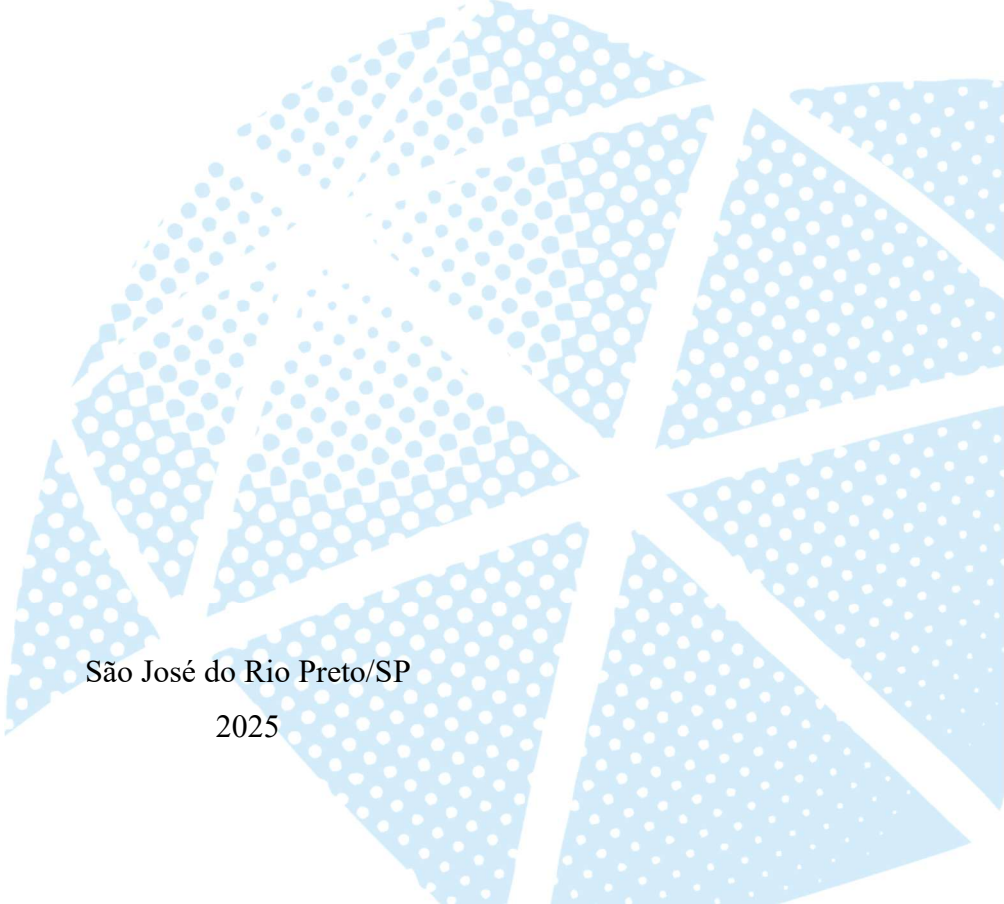
AUGUSTO VINICIUS DE OLIVEIRA DORDAN

DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:

relações de fronteira e constituição em *podcasts* de universitários

São José do Rio Preto/SP

2025



AUGUSTO VINICIUS DE OLIVEIRA DORDAN

DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:
relações de fronteira e constituição em *podcasts* de universitários

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística

Linha de pesquisa: Oralidade e Letramento

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Komesu

São José do Rio Preto/SP

2025

D694d

Dordan, Augusto Vinicius de Oliveira

Discurso científico/discurso da divulgação científica : relações de fronteira e constituição em podcasts de universitários / Augusto Vinicius de Oliveira Dordan. -- São José do Rio Preto, 2025
121 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Fabiana Cristina Komesu

1. letramento. 2. análise do discurso. 3. divulgação científica. 4. podcasting. 5. metadiscorso. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Este trabalho busca contribuir com estudos voltados a práticas de divulgação científica no contexto acadêmico, considerada a crescente injunção institucional por popularização do conhecimento científico, numa perspectiva contrária ao discurso do déficit atribuído ao pesquisador em formação.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This study aims to contribute to research on science dissemination practices within academic contexts, taking into account the growing institutional demand for the popularization of scientific knowledge, while advancing a perspective that challenges the deficit discourse commonly ascribed to early-career researchers.

AUGUSTO VINICIUS DE OLIVEIRA DORDAN

DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:

relações de fronteira e constituição em *podcasts* de universitários

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística

Linha de pesquisa: Oralidade e Letramento

Data da defesa: 16/06/2025

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Fabiana Komesu (Orientadora)

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

Profª. Dra. Cristiane Carneiro Capristano (Membro titular)

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Profª. Dra. Juliana Alves Assis (Membro titular)

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho (Membro suplente)

UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília

Profª. Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues (Membro suplente)

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

À Gislaine Luzia Dordan Corte, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Assumir uma perspectiva discursiva sobre a linguagem implica considerar que algo nunca é produto de uma só voz, nunca é produto de uma só mão. Em razão disso, das vozes e das mãos que me ajudaram direta ou indiretamente a construir este trabalho, agradeço:

à minha família, especialmente à minha mãe, Gislaine Luzia Dordan Corte, e a meus avós, Leonil Corte Dordan, Geraldo Dordan (*in memoriam*), Ondina Tridico de Oliveira e Antônio Francisco de Oliveira, pelo apoio incondicional e imensurável em minha formação humana e acadêmica durante todos os anos de estudo;

à minha orientadora, Fabiana Komesu, pela orientação sempre presente, pela amizade, pela responsabilidade ética e emocional com seus orientandos, pelos ensinamentos acadêmicos e não acadêmicos em nossos momentos de conversa, e, principalmente, pelos anos de parceria que trilhamos juntos desde a Iniciação Científica;

aos amigos Jeferson da Silva Souza, Maiane Angélica Baliero, Caio Vinicius Lopes, Ana Beatriz Costa de Oliveira, Émerson Henrique da Silva Magalhães, Leonardo Ferraz, Estela Brait Franco, Lucas Ferreira de Oliveira, Nathália Soares de Lima, Felipe Rodrigues de Araújo, Letícia Sangalli de Souza, Marcelo Henrique Vieira de Faria, Mikael Santana dos Santos, Maria Luiza Sansão Abrantes, Maria Eduarda Karzmierczak, Ubiratã Arruda de Aquino Tubis Martins, Fábio de Lima Moreira, João Gabriel Lourenção, Vera Câmara, pelo companheirismo e pelas palavras de confiança constantes;

a Francisco Octávio Ferreira Cardoso, pelo afeto mantido nos últimos 6 anos e pela participação ativa nas condições subjetivas e (i)materiais que me permitiram conduzir e concluir este trabalho;

aos colegas do Grupo de Pesquisa “Práticas de leitura e escrita em contexto digital” (UNESP/CNPq), especialmente, Julia Giacon Lopes, Carla Jeanny Fusca, Juliana Renata Pereira da Costa, Gabriel Guimarães Alexandre, Ana Eliza Jesus de Cerqueira Barreiro e Tamiris Vianna da Silva, pelas trocas acadêmicas (humanas!) neste percurso;

aos professores da minha escola de ensino fundamental e médio da cidade de Poloni/SP, Camila Vidotto Scrinoli, Vanessa José da Silva (*in memoriam*), Regina Célia Moda Machado, Cecília Forte Ribeiro, Eduardo Gonçalves, Elisabete Guidoni, Carmen Cucato e Ana Lúcia Vilhena, pelo incentivo constante à continuidade dos estudos e pelo trabalho incansável como docentes do ensino público paulista;

aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Lourenço Chacon Jurado Filho, Luciani Ester Tenani e

Eduardo Penhavel de Souza, pelos ensinamentos e debates propiciados no âmbito dos estudos da linguagem;

aos professores Anderson Carnin e Marina Célia Mendonça, pelas contribuições por ocasião de minha apresentação de painel e de debate, respectivamente, no Seminário de Estudos Linguísticos (SELin) da UNESP;

às professoras Cristiane Carneiro Capristano e Juliana Alves Assis, membros titulares das bancas de qualificação e defesa, pela leitura do texto e pelos ricos comentários, sem os quais este trabalho não teria a forma que tem; e aos professores Lourenço Chacon Jurado Filho e Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, membros suplentes da banca, por terem se disposto a contribuir com a discussão;

ao professor Cédric Fluckiger, aos demais membros docentes, discentes e aos servidores vinculados ao Laboratório Théodile-CIREL, pela recepção durante a realização de meu estágio de pesquisa junto à Université de Lille, França, entre os meses de abril e junho de 2024;

aos servidores técnico-administrativos da Seção Técnica de Pós-graduação da UNESP, especialmente, a Silvia Emiko Kazama e Camila Braga Moraes, pelo trabalho cuidadoso realizado em prol dos programas de pós-graduação da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto;

à Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE) da UNESP, pela possibilidade de manutenção no ensino superior, garantida a estudantes oriundos de escolas públicas e em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sem as quais eu não teria concluído o Curso de Licenciatura em Letras, nem ingressado no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (Processos nº 88887.831282/2023-00 e nº 88887.936730/2024-00) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Processo nº 2023/06752-6). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

RESUMO

Na associação entre Novos Estudos de Letramento e Análise do Discurso, esta pesquisa em nível de Mestrado tem como objetivo investigar relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica no processo de produção de roteiros de *podcast* de divulgação científica e de comentários reflexivos escritos por universitários vinculados a programas de pós-graduação da região sudeste do Brasil. Esse objetivo geral desdobra-se em outros, específicos: (i) com base na investigação dos roteiros escritos de *podcast*, analisar procedimentos metadiscursivos (Maingueneau, 1997; Jubran, 2005) adotados por escreventes universitários, considerando-se os diferentes modos de envolvimento (ou não) com a realização da atividade; (ii) com base na investigação dos comentários reflexivos, analisar a relação entre presumidos de gêneros do discurso (Corrêa, 2011) e presumidos das práticas discursivas (Volóchinov, 2019), considerando-se a projeção que o escrevente faz das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica. O corpus da pesquisa é composto de 76 produções textuais, organizadas em dois subconjuntos: 38 roteiros de *podcast* de divulgação científica e 38 comentários reflexivos produzidos por pesquisadores em formação (graduados, mestrandos, mestres, doutorandos) no contexto de uma disciplina de pós-graduação. A análise empregada é de natureza qualitativa, com aplicação de critérios quantitativos na sistematização de regularidades. A hipótese de partida é a de que, longe de serem reduzidos a um processo de “adequação” de linguagem (na passagem de um discurso a outro), os procedimentos metadiscursivos empregados pelos escreventes apontam para regularidades enunciativas do discurso da divulgação científica na universidade e para presumidos dessa prática discursiva, num contexto marcado por forte demanda de popularização da pesquisa acadêmica. Os resultados apontam para alta ocorrência de procedimentos metadiscursivos que buscam marcar o diálogo do locutor com o interlocutor, organizar o discurso e simular um efeito de transparência dos sentidos, no diálogo com presumidos em torno da prática de divulgação científica que privilegiam um equilíbrio entre ciência e senso comum, um estilo de linguagem acessível e a atribuição de um lugar privilegiado ao interlocutor.

Palavras-chave: letramentos acadêmico-científicos; discurso científico; divulgação científica; *podcast*; escrita; metadiscurso.

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological assumptions of New Literacy Studies and French Discourse Analysis, this Master's-level research aims to investigate the boundary and constitution relations between scientific discourse and the discourse of scientific dissemination in the process of producing scientific dissemination podcast scripts and reflective texts written by university students enrolled in graduate programs of the southeastern Brazil. This general objective unfolds into more specific aims: (i) based on the investigation of the written podcast scripts, to analyze metadiscursive procedures (Maingueneau, 1997; Jubran, 2005) adopted by university writers, considering the different degrees of engagement (or lack thereof) with the activity; (ii) based on the investigation of the reflective texts, to investigate the relationship between the assumed of discourse genres (Corrêa, 2011) and the assumed of discursive practices (Volóchinov, 2019), considering the writer's projection of the boundary and constitution relations between scientific discourse and the discourse of scientific dissemination. The research corpus consists of 76 textual productions, organized into two subsets: (i) 38 outreach podcast scripts and (ii) 38 reflective commentaries produced by early-degree (graduates, master's students, master's degree holders, and PhD students) in the context of a graduate-level course. The data analysis followed qualitative methods, with the application of quantitative criteria in the systematization of regularities. The working hypothesis is that, far from being a mere "adaptation" of language (from one discourse to another), the metadiscursive procedures employed by the writers point to enunciative regularities of science dissemination discourse within the university and to the assume of this discursive practice, in a context marked by a strong demand for the popularization of academic research. The results indicate a high occurrence of metadiscursive procedures aimed at marking the speaker's dialogue with the interlocutor, organizing discourse, and simulating a "transparency" of meaning. These features align with a social assumed surrounding science dissemination discourse that emphasize a balance between science and common sense, an accessible language style, and the attribution of a privileged position to the interlocutor.

Keywords: academic-scientific literacies; scientific discourse; scientific dissemination; podcast; writing; metadiscourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Instrução para produção do roteiro escrito de <i>podcast</i> (Parte 1).....	58
Figura 2 – Instrução para produção do comentário reflexivo (Parte 2).....	59
Figura 3 – Amostragem da organização dos dados no <i>software</i>	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Da perspectiva etnográfica à perspectiva discursiva.....	45
Quadro 2 – Modalidades de metadiscurso de uma perspectiva textual-interativa	50
Quadro 3 – Funções do metadiscurso de uma perspectiva discursiva	52
Quadro 4 – Codificação da organização do material coletado.....	60
Quadro 5 – Submodalidades de referências às instâncias coprodutoras do texto	71
Quadro 6 – Excertos de convocação reflexiva do interlocutor	72
Quadro 7 – Excertos de antecipação de interrogação do interlocutor.....	73
Quadro 8 – Submodalidades de referências à estruturação tópica do texto	74
Quadro 9 – Submodalidades de referências à formulação linguística do texto	76
Quadro 10 – Produção textual representativa do modo de envolvimento I (A1U1P1_01).....	80
Quadro 11 – Produção textual representativa do modo de envolvimento II (A1U2P2_14) ...	88
Quadro 12 – Excerto (24) (A1U2P2_03)	92
Quadro 13 – Excerto (25) (A1U2P2_10)	92
Quadro 14 – Representações do escrevente sobre a falta de familiaridade com a prática.....	97
Quadro 15 – Presumido do equilíbrio entre ciência e senso comum	100
Quadro 16 – Presumido do estilo de linguagem a ser empregado	103
Quadro 17 – Presumido do lugar atribuído ao interlocutor.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de produções em relação à filiação institucional dos participantes....62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Índice de confiança da população brasileira por fonte de informação	21
Gráfico 2 – Ocorrência de modalidades de metadiscursos nos roteiros de <i>podcast</i>	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise do Discurso
BrAMCorp	<i>Brazilian Academic Multiliteracy Corpus</i>
C&T	Ciência & Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
DC	Divulgação científica
DDC	Discurso da divulgação científica
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IES	Instituição de Ensino Superior
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
PPG	Programa de Pós-graduação
PTI	Perspectiva Textual-Interativa
TCLE	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias digitais de informação e comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: EM TORNO DE UM ESPAÇO INTERDISCURSIVO AMPLO	24
2.1 DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: RELAÇÕES DE FRONTEIRA E CONSTITUIÇÃO NA/DA LINGUAGEM	24
2.2. <i>PODCASTS</i> E(M) PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	34
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	38
3.1 UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA PARA OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO	38
3.2 O METADISCURSO COMO LUGAR DE OBSERVAÇÃO DAS RELAÇÕES DE FRONTEIRA E CONSTITUIÇÃO.....	47
4 MATERIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56
4.1 DESCRIÇÃO DO CONJUNTO DO MATERIAL	56
4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	62
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	66
5.1 PROCEDIMENTOS METADISCURSIVOS NOS ROTEIROS DE <i>PODCAST</i> E A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE LOCUTOR.....	66
5.1.1 Modo de envolvimento I: o locutor <i>pesquisador-divulgador</i>	80
5.1.2 Modo de envolvimento II: o locutor <i>aprendiz</i>	88
5.2 DOS PRESUMIDOS DO GÊNERO AOS PRESUMIDOS DA PRÁTICA DISCURSIVA: REGULARIDADES ENUNCIATIVAS NOS COMENTÁRIOS REFLEXIVOS.....	94
5.2.1 Presumido I: equilíbrio entre ciência e senso comum	100
5.2.2 Presumido II: estilo de linguagem a ser empregado.....	103
5.2.3 Presumido III: lugar atribuído ao interlocutor.....	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em nível de Mestrado está vinculada ao Projeto Temático FAPESP “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para a formação de professores e de pesquisadores globalizados” (processo nº 2022/05908-0), coordenado pela Profa. Dra. Inês Signorini (UNICAMP, pesquisadora responsável do projeto), que tem como objetivo identificar, descrever e analisar os modos de envolvimento de universitários em nível de graduação e pós-graduação em práticas de letramento acadêmico-científico voltadas à formação de professores e pesquisadores, em um contexto globalizado. Especificamente, vincula-se ao subprojeto “Letramentos acadêmico-científicos para a formação de professores e pesquisadores globalizados em educação científica: *podcasts*, *ted talks* e o enfrentamento da desinformação”, coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Komesu (UNESP, pesquisadora principal do projeto), que tem como objetivo descrever e analisar os modos de participação de aprendizes em eventos e atividades específicas (tais como produção de *podcasts* e *ted talks*) no enfrentamento da desinformação, em língua materna e em língua estrangeira, a partir de dois eixos de investigação: (i) ações de envolvimento do aprendiz em práticas letradas acadêmico-científicas voltadas à educação científica e (ii) reflexões do aprendiz sobre essas ações e os modos como elas se relacionam com suas experiências e expectativas.

Inseridas na interface entre Linguística, Linguística Aplicada e Educação, as investigações desenvolvidas no âmbito do Projeto Temático compreendem que há dois aspectos constitutivos das práticas de leitura e escrita de aprendizes universitários (Signorini; Fiad, 2011; Corrêa, 2013): por um lado, a manutenção de aspectos da cultura escolar do teste, centrada na reprodução de estratégias linguísticas e de padrões de leitura voltados à preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para os vestibulares; por outro lado, a diversidade de recursos linguístico-discursivos que constituem práticas letradas não acadêmicas pelas quais aprendizes universitários circulam na sua história de engajamento com a leitura e a escrita. Considerando esses dois aspectos, o Projeto Temático busca compreender como se constituem práticas letradas acadêmico-científicas contemporâneas na relação com experiências e expectativas de um alunado marcadamente heterogêneo. A hipótese que sustenta a investigação principal é a de que a identificação e a contextualização de interesses, valores, capacidades e recursos mobilizados pelos aprendizes em processos de ensino e a reflexão sobre esses processos são cruciais para que as práticas de letramento acadêmico-científico na universidade tornem-se significativas, na promoção de uma apropriação crítica de critérios epistemológicos, pragmático-discursivos e éticos para o Ensino Superior e para a pós-graduação.

Na associação entre Novos Estudos de Letramento e Análise do Discurso, esta pesquisa tem como objetivo investigar relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica no processo de produção de roteiros de *podcast* de divulgação científica e de comentários reflexivos produzidos por universitários vinculados a programas de pós-graduação da região sudeste do Brasil. Esse objetivo geral divide-se em dois outros, específicos:

- (i) com base na investigação dos roteiros escritos de *podcast*, analisar procedimentos metadiscursivos (Maingueneau, 1997; Jubran, 2005) adotados por escreventes universitários no que respeita a construção de uma imagem de locutor, considerando-se os diferentes modos de envolvimento (ou não) com a realização da atividade;
- (ii) com base na investigação dos comentários reflexivos, analisar a relação entre presumidos dos gêneros do discurso (Corrêa, 2011) e presumidos das práticas discursivas (Volóchinov, 2019), considerando-se a projeção que o escrevente faz das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica.

A análise empregada é de natureza qualitativa, com aplicação de critérios quantitativos na sistematização de regularidades. A hipótese de partida é a de que, longe de serem reduzidos a um processo de “adequação” de linguagem (na passagem de um discurso a outro), procedimentos metadiscursivos empregados pelo escrevente apontam para regularidades enunciativas do discurso da divulgação científica na universidade e para presumidos em torno dessa prática discursiva, num contexto marcado por forte demanda de popularização da pesquisa acadêmica. A pergunta a ser respondida é: numa conjuntura de luta contra a desinformação, uso massivo de redes sociais digitais e demanda pela popularização do conhecimento científico, quais presumidos atuam na constituição do discurso da divulgação científica na universidade?

A justificativa para o interesse desta pesquisa está localizada no debate sobre democratização do conhecimento advinda do avanço de tecnologias digitais, por um lado, e sobre a percepção pública da ciência, em meio ao fenômeno da desinformação, por outro lado. A assunção de que a ciência sofre uma crise de legitimidade é anterior à pandemia de COVID-19 e, como expõem os pesquisadores Yuriy Castelfranchi (Universidade Federal de Minas Gerais) e Marcos Nobre (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), na edição temática de

2019 da revista Pesquisa Fapesp.¹ Da perspectiva dos pesquisadores, essa crise tem ligação com outras crises de legitimidade sofridas por outras estruturas de poder, tais como o governo, o judiciário, a instituição educacional e a imprensa tradicional. Tal crise – ilustrada pela ascensão dos movimentos antivacina e terraplanistas, pela popularização do negacionismo científico e climático e pelo desenvolvimento da indústria da desinformação, num contexto de pós-verdade (McIntyre, 2018)² – relaciona-se, como abordam os pesquisadores, com o próprio desenvolvimento da ciência: se, durante a corrida espacial da Guerra Fria (1974-1991), os avanços científicos e tecnológicos faziam-se perceptíveis na aplicação de resultados à vida social e no decorrente aumento de financiamento à pesquisa, o período pós-conflito acentuou o distanciamento entre ciência e sociedade, dado o progresso científico, com especialização em determinados temas e métodos de pesquisa. Os autores concluem que, sendo a ciência uma estrutura de poder constituída a partir da relação com outras, como o governo (o que se dá na forma de financiamentos a órgãos de pesquisa e fomento, por exemplo), não é isenta das crises de credibilidade e de condução que essas outras estruturas também enfrentam.

Nessa conjuntura, há um discurso vigente que tende a atribuir à própria instituição científica a responsabilidade pelo distanciamento entre sociedade e conhecimento produzido em universidades. Escobar (2018) avalia, por exemplo, que em período anterior à pandemia de COVID-19 já se demandava, de um ponto de vista social (amplo) e institucional (específico) uma melhor comunicação dos avanços científicos produzidos em universidades. Da perspectiva da cobrança social, o autor – num tipo de representação que se reflete em outros trabalhos da área – argumenta que a relação direta entre o financiamento para pesquisas, advindo de dinheiro público, e o avanço científico, deveria garantir aos contribuintes o acesso às aplicações da ciência na vida cotidiana, por meio de uma melhor comunicação de resultados. Do ponto de vista da cobrança institucional, o jornalista caracteriza o fato de que o assunto tem estado ou deveria estar na agenda e na estrutura de funcionamento das Instituições de Ensino Superior (IES), por meio de uma abertura a outros grupos e de um diálogo dos cientistas com extrapares

¹ Trata-se da edição 284, de outubro de 2019, e do editorial “Resistência à ciência”, de Rodrigo de Oliveira Andrade. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-edicao-284/>. Acesso em: 28 maio 2025.

² A partir de definição do Dicionário Oxford, McIntyre (2018) concebe a pós-verdade como uma circunstância em que o estatuto de verdade de fatos objetivos exerce menos influência na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais. Da perspectiva do autor, a pós-verdade emerge na confluência de vários fatores historicamente constituídos que, em conjunção com o modo de funcionamento das redes sociais e das relações políticas na contemporaneidade, geram um cenário favorável à manipulação de informações por grupos específicos, com objetivos específicos, mesmo que essas informações sejam contrárias a conhecimentos científicos estabilizados e factuais. McIntyre (2018) menciona como exemplo de discussão sobre a pós-verdade a obra *Merchants of Doubt*, de Naomi Oreskes e Erik Conway, que debate a incursão ao negacionismo científico promovida pela indústria do tabaco nos Estados Unidos na década de 1950.

(o que caracterizaria outra frente de trabalho para os pesquisadores).³ Segundo essa concepção, a prática tomada como uma espécie de solução para a diminuição da lacuna mencionada é a da divulgação científica (DC).

A DC não é uma prática nova, ainda que seja constantemente repensada e reconfigurada em função das possibilidades e condições de um tempo e de um espaço. Há uma quantidade de textos de divulgação científica com os quais entramos em contato não apenas em práticas de letramento escolar, a partir de gêneros de DC presentes, por exemplo, em livros didáticos (Rojo, 2008), mas também em outras práticas que envolvem leitura e escrita e(m) diferentes suportes semióticos – como revistas e jornais impressos e eletrônicos, com consumo de conteúdos em formato de áudio e vídeo em redes sociais digitais, visita a museus e a parques tecnológicos –, como é possível constatar a partir da última edição da pesquisa “Percepção pública da Ciência & Tecnologia no Brasil”.

A investigação, conduzida pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Governo Federal, faz parte de uma série histórica publicada nos anos de 1987, 2006, 2010, 2015, 2019 e 2023. Oferece, portanto, um panorama da mudança da percepção pública de temas relacionados à Ciência e Tecnologia (C&T) num período de início da influência dos avanços das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na vida prática, até um período pós-pandemia de COVID-19, quando questões relativas à C&T estiveram mais evidentes para diferentes grupos da sociedade brasileira. No Relatório técnico da pesquisa (CGEE, 2024), o órgão informa que a investigação de 2023 foi realizada com 1931 pessoas com idade superior a 16 anos e residentes de todas as cinco regiões do país, com cotas para gênero, idade, escolaridade e local de moradia. Nessa edição, a pesquisa abordou pela primeira vez a percepção da população brasileira sobre temas como desinformação, mudança climática e o impacto e risco de novas tecnologias, como a inteligência artificial (IA).

Quanto ao interesse temático, a pesquisa constatou que a população brasileira está mais voltada a temas relacionados à Medicina/Saúde (77,9% dos entrevistados), ao Meio Ambiente (76,2%) e à Religião (70,5%), numa manutenção dos resultados obtidos em outras edições da pesquisa. A temática Ciência e Tecnologia representa interesse para 60,3% da população (queda

³ Nesse momento, enfatizamos um dos tripés da universidade pública, a pesquisa, em razão da natureza da discussão a ser desenvolvida. Esse “chamado” pela comunicação do trabalho que tem sido desenvolvido nas IES, no entanto, entende-se também a práticas ligadas à extensão e ao ensino. No âmbito das Humanidades, um exemplo de iniciativa do tipo ligada à extensão é o projeto “Filosofia na Praça”, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/filosofia-na-praca-2024/>. Acesso em: 28 maio 2025.

de 0,7% em relação a 2019), depois do interesse por Economia (67,7%). A investigação do CGEE destaca que esse interesse em C&T tende ainda a se modificar em relação a variáveis socioeconômicas da população entrevistada, pois é maior em parcelas que residem nas regiões Norte e Sul do país, que têm renda mais alta e que se engajam com alguma forma de manifestação política; o interesse cai conforme a variável idade aumenta. No entanto, ainda que o interesse em C&T não seja central na população brasileira, o relatório destaca o forte interesse em temas correlatos, como Medicina/Saúde e Meio Ambiente – aspecto que, na nossa percepção, poderia representar um reflexo do mencionado interesse social por aplicação prática e utilitária da ciência, em detrimento de conhecimento científico mais amplo (o qual contemplaria, por exemplo, as Humanidades e as perspectivas científicas que não necessariamente servem a objetivos práticos, como as Ciências da Vida e as Ciências Exatas e Tecnológicas).⁴

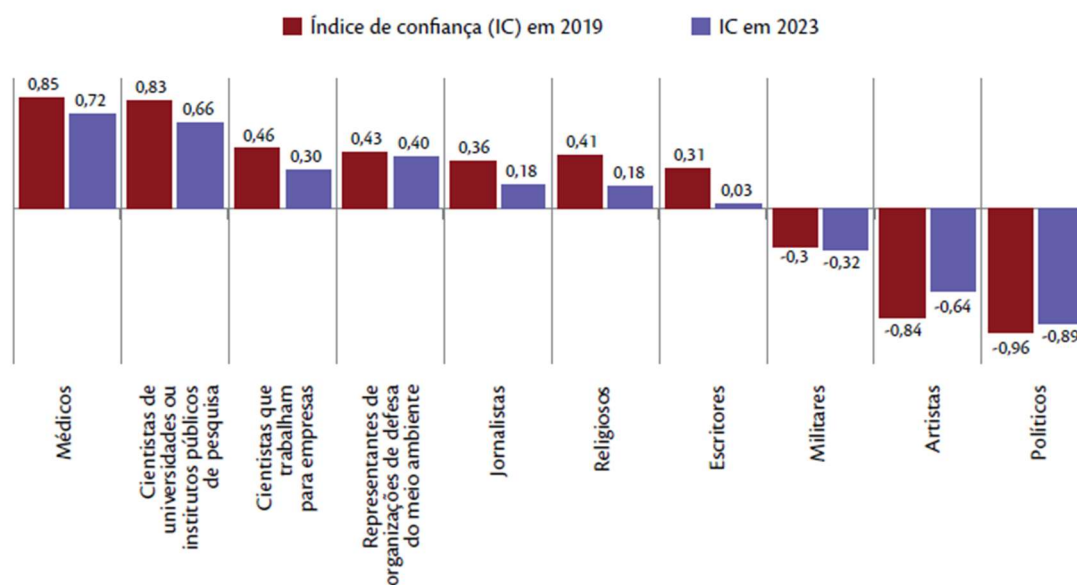
Há outro resultado que consideramos interessante destacar: os meios a partir dos quais a população brasileira acessa informações relacionadas à ciência, à tecnologia, à saúde e ao meio ambiente. Redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas digitais caracterizam-se como a forma de acesso primordial (por 72,9% da população), seguidos de programas de televisão (71,8%), matérias de jornais ou revistas impressas ou *on-line* (64,4%), rádios e *podcasts* (54%), livros impressos ou digitais (49,8%) e, por fim, enciclopédias *on-line* (43,9%). O relatório coloca em evidência, portanto, o potencial das plataformas digitais para a divulgação científica, considerada a grande parcela da população que as utiliza para consumo de informações relacionadas à C&T. Esse interesse caracteriza uma mudança em relação à pesquisa de 2015, por exemplo, quando o meio principal de consumo de informações científicas era a televisão e quando redes sociais, como Instagram e WhatsApp, não representavam, juntas, nem 7% das escolhas para acesso a esse tipo de conteúdo. Observa-se, portanto, uma mudança significativa no modo de acesso do brasileiro a informações sobre C&T – mas não somente.

Chamam atenção, também, as estatísticas relacionadas ao conhecimento que a população tem sobre a ciência brasileira: na edição de 2023, apenas 17,9% dos entrevistados afirmavam conhecer alguma instituição de pesquisa científica, enquanto 9,6% afirmavam lembrar-se de algum(a) cientista brasileiro(a) importante. Apesar dos números baixos, o relatório do CGEE destaca o aumento percebido em 2023 nessa categoria, em razão dos efeitos

⁴ Referimo-nos às áreas de avaliação da CAPES, distribuídas entre os colégios de Humanidades, Ciências da Vida e Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 28 maio 2025.

da pandemia de COVID-19 e da projeção midiática que muitas instituições presenciaram no período.⁵ Na série histórica, registra-se uma oscilação desses números, que só observaram melhora na última edição da pesquisa: em 2006, o conhecimento da população sobre alguma instituição de pesquisa concentrava-se em 16,4% dos entrevistados, número que subiu para 17,6% em 2010, caiu para 12,1% em 2015, e para os inéditos 9,1% em 2019, antes de subir novamente em 2023. O mesmo ocorre com o conhecimento sobre o nome de algum(a) cientista brasileiro: em 2006, esse conhecimento se restringia a 13,2% da população, tendo diminuído para 12% em 2010 e para 6% em 2015, antes de subir para 6,6% em 2019 e registrar, em 2023, o melhor número desde 2010 (9,6%, como mencionado). Apesar do pouco conhecimento sobre cientistas, esses ainda são mencionados pela população brasileira como representantes de fonte de confiança, atrás apenas da categoria dos médicos (com registro de queda em relação a 2019, no entanto), como é possível visualizar no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Índice de confiança da população brasileira por fonte de informação⁶



Fonte: CGEE (2024).

⁵ A esse respeito, publicamos um estudo resultante de trabalho de Iniciação Científica financiada pela FAPESP. Nesse trabalho, discute-se a projeção midiática do Instituto Butantan na rede social Instagram no contexto da vacinação contra a COVID-19 (cf. Oliveira *et al.*, 2024). Trata-se de uma instituição de pesquisa que, por vários motivos, passou a fazer parte do vocabulário relacionado à ciência no contexto da pandemia.

⁶ De acordo com o CGEE (2024, p. 17), “o índice de confiança corresponde ao cálculo da diferença entre as porcentagens de aprovação (mais confiança) e de reprovação (menos confiança) que são obtidas nas duas questões, dividindo-se, ainda, esse resultado pela soma desses dois valores. Isso fornece um índice que varia entre +1 (confiança absoluta) e -1 (nenhuma confiança). [...] Portanto, o IC varia de 1 (total confiança) a -1 (nenhuma confiança) e permite verificar, de forma agregada, as percepções positivas e negativas sobre os diferentes profissionais como fonte [de informação] [...]”.

No recorte relacionado à confiança em fontes de informação e à problemática da desinformação e das *fake news*, o relatório do CGEE aponta para um cenário que corrobora as assunções sobre a pós-verdade, circunstância segundo a qual as opiniões e valores pessoais são mais influentes na formação da opinião pública do que fatos objetivos (McIntyre, 2018). Assim, a maioria dos entrevistados (42,2%) afirma confiar em informações provenientes de pessoas ou instituição que admira, seguidas do Governo Federal (29,2%), de jornalista de imprensa ou da TV (28,7%) e de empregador ou patrão no trabalho (28,5%). Na esfera relacionada à desconfiança, a pesquisa destaca que cerca de 45,6% dos entrevistados suspeita que é falsa uma informação veiculada por pessoas ou instituições das quais discordam. Esses dados preocupam ainda mais quando lidos à luz daqueles relacionados à desinformação, especificamente: cinco em cada dez brasileiros (50,8% dos entrevistados) afirmam deparar-se frequentemente com notícias que parecem falsas, enquanto apenas 5,1% alegam nunca ter se deparado. Os efeitos dessa rarefação das fontes de informação na contemporaneidade são sentidos na necessidade apontada pela população de buscar validação a partir de múltiplas fontes (movimento mencionado por 40% dos entrevistados da pesquisa).

Como se vê, trata-se de um cenário complexo no qual, alinhada à concepção antes vigente da tecnologia como solução para os problemas relacionados à desigualdade no acesso a conhecimento educacional e científico (Assis; Komesu; Pollet, 2021), emerge uma concepção de divulgação científica como solução para problemas relacionados à lacuna entre ciência e sociedade, por um lado, e ao avanço da desinformação, por outro lado, a partir do ideal de que a produção e o compartilhamento de informação contribuiriam diretamente com a luta contra a produção e o compartilhamento de informação falsa/enganosa. A DC é também concebida como uma recomendação da Academia Brasileira de Ciências (ABC), em publicação recente,⁷ no enfrentamento da “desinformação científica” – aquela que envolve temas como saúde, meio ambiente ou tecnologia. No texto, o que a ABC destaca é o papel das IES e de outros centros de pesquisa no desenvolvimento de ações ligadas à comunicação pública da ciência, de modo a sensibilizar a população quanto a causas relevantes, como a defesa da própria instituição científica. É nessa conjuntura, caracterizada pelo entrecruzamento de demandas ligadas à percepção pública da ciência àquelas às quais as universidades e os pesquisadores já têm de responder, que essa pesquisa se constitui.

O trabalho obedece à seguinte organização: após esta introdução, passamos à exposição de considerações sobre discurso científico e discurso da divulgação científica num contexto de

⁷ Disponível em: <https://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2024/06/Livro--Desinformacao-Cientifica--ABC.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

acentuado uso de tecnologias digitais e de acentuada demanda por popularização do conhecimento produzido na universidade. Na sequência, apresentamos a fundamentação teórica, com base em pressupostos dos Novos Estudos de Letramento e da Análise do Discurso. Depois, detalhamos o contexto de coleta do conjunto do material e os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa. Posteriormente, apresentamos a análise dos dados e os principais resultados relacionados aos procedimentos metadiscursivos assumidos por escreventes universitários, e às relações entre presumidos de gêneros do discurso e presumidos da prática discursiva de divulgação científica. Por fim, sintetizamos as considerações finais desta dissertação de Mestrado.

2 DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: EM TORNO DE UM ESPAÇO INTERDISCURSIVO AMPLO

2.1 DISCURSO CIENTÍFICO/DISCURSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: RELAÇÕES DE FRONTEIRA E CONSTITUIÇÃO NA/DA LINGUAGEM

O discurso da divulgação científica (doravante, DDC) na universidade se constitui em um espaço interdiscursivo amplo. Para desenvolver essa afirmação, afastamo-nos de uma concepção abrangente e abstrata de “discurso” e aproximamo-nos de uma concepção mais restrita, que o concebe como “[...] uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (Maingueneau, 2008, p. 15). Na Análise do Discurso (AD), o discurso é tratado como um objeto integralmente linguístico e integralmente histórico que, constituído a partir da relação com seus outros, opera dentro de um sistema de restrições enunciativas que regulam aquilo que é dizível pelos sujeitos do discurso numa dada formação discursiva e numa dada conjuntura sócio-histórica. Na proposição de uma teoria sobre a gênese dos discursos na AD, Maingueneau (2008) salienta que essa relação de um discurso com outro não deve ser concebida de modo isolado, mas, sim, a partir da admissão do primado do interdiscurso sobre o discurso – isto é, a partir da assunção de que o discurso é fundado na interdiscursividade e na sua relação de semelhança, contiguidade, oposição com outros discursos.

Desse modo, quando tratamos do discurso da divulgação científica no âmbito das discussões sobre letramento acadêmico-científico – na apreensão de práticas letradas como práticas discursivas –, importa considerar o modo como esse tipo de discurso se constitui não “do nada” – *ex nihilo*, como menciona Maingueneau (2008). No âmbito dos estudos de letramentos, trata-se de considerar um seu estatuto de resposta a outros discursos, numa conjuntura marcada por transformações em torno do que “[...] conta como conhecimento em qualquer contexto acadêmico específico” (Lea; Street, 2014, p. 479), admitindo-se, que diferentes práticas de leitura e escrita têm caráter social e são atravessadas por relações de poder, autoridade e sentido.

A questão da interdiscursividade destacada por Maingueneau (2008) no tratamento dos discursos está inscrita numa perspectiva da heterogeneidade constitutiva da linguagem (Authier-Revuz, 1990), na consideração de que não há homogeneidade possível/alcançável a um sujeito, a uma formação discursiva ou a um tipo de discurso. No trabalho metodológico com essa hipótese, Maingueneau (2008) define uma tríade de conceitos operatórios a partir dos quais

se torna possível conceber o funcionamento de unidades discursivas: são as noções de universo, campo e espaço discursivo.

O primeiro conceito, de acordo com o autor, faz referência ao “[...] conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (Maingueneau, 2008, p. 33); um universo discursivo é considerado finito, portanto, ao passo que não se pode dizer tudo sobre qualquer assunto em todos os momentos – colocada a questão das restrições constitutivas de um discurso. O conceito de campo discursivo, por sua vez, refere-se a “[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”, sendo “concorrência” uma referência a “[...] tanto [a]o confronto aberto quanto [à]a aliança, [à]a neutralidade aparente [...] entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida” (Maingueneau, 2008, p. 34). Os espaços discursivos, por fim, são “[...] subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (Maingueneau, 2008, p. 35), isto é, são restrições entre um espaço e outro(s) conduzidas por hipóteses do analista, no que se refere ao tipo de relação interdiscursiva elegida para investigação.

Desse modo, seria possível compreender o universo discursivo da popularização do conhecimento científico na contemporaneidade a partir de diferentes vieses – isto é, poderíamos compreender a constituição do discurso da divulgação científica como um tipo de reação a outros discursos, como muitos trabalhos já buscaram investigar. Nesse universo discursivo, inscrevem-se diferentes campos discursivos que divergem sobre o modo como a função social de um discurso – no caso, o da divulgação científica – deve ser preenchida, tais como o campo jornalístico/midiático e, mais recentemente, como buscamos discutir, o acadêmico-científico.

Na seara das investigações sobre divulgação científica no âmbito de teorias do discurso, destacamos trabalhos que permitem pensar o deslocamento de um tipo de prática discursiva tradicionalmente reconhecida como divulgação científica, relacionada à interdiscursividade com o discurso jornalístico/midiático (Authier-Revuz, 1998; Grigoletto, 2005; Charaudeau, 2016), a um tipo de prática discursiva que, embora não inédita, emerge com mais força como atribuição do sujeito pesquisador. Numa visada específica, a partir do postulado de que o discurso é fundado na interdiscursividade, buscamos investigar como o discurso da divulgação científica se constitui em um campo discursivo que não o reivindicava antes na história de sua constituição, mas que passa a reivindicá-lo em função de uma dada conjuntura sócio-histórica: a do campo acadêmico-científico. Considerar a investigação do discurso da divulgação científica nesse campo implica considerar sua relação intrínseca com o discurso científico,

instância reguladora das práticas discursivas que são materializadas no quadro institucional acadêmico/universitário, no qual a instância da pós-graduação (com sua estrutura de cursos de mestrado, doutorado, bem como com a dinâmica da produção e da comunicação de conhecimento acadêmico-científico) se inscreve.

O discurso científico pode ser compreendido no âmbito da temática dos discursos constituintes, definidos por Maingueneau (2000, p. 6) como “[...] zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. Discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite [...]”. Dito de outro modo, os discursos constituintes são aqueles que, relacionados a determinada ordem de funcionamento de uma sociedade (como a ocidental, com heranças do mundo grego), regulam e legitimam a emergência de outros discursos, que se constituem a partir deles: trata-se, por exemplo, do discurso religioso, literário, filosófico e do *científico*. Da perspectiva da AD, os discursos constituintes estão relacionados à gestão da pluralidade discursiva em uma dada conjuntura sócio-histórica, pois, por conta de seu caráter fundador, buscam representar a fonte de autoridade e de produção simbólica em detrimento de outras, como aconteceu com o discurso filosófico, o religioso e o científico ao longo da história da sociedade ocidental (Maingueneau; Cossutta, 1995).

No caso do discurso científico, a articulação entre textualidade e espaço institucional se materializa na instituição científica, representada pelo espaço (físico ou não) das universidades e de outros centros de pesquisa (públicos ou privados), e por um corpo de enunciadores (e destinatários) consagrados, cientistas e pesquisadores, que se legitimam a partir de seu estatuto científico ao mesmo tempo em que atuam na construção dessa legitimação – destacado o aspecto *auto* e *heteroconstituente* do discurso científico como um discurso constituinte.⁸ A enunciação de (ou a partir de) um discurso constituinte mobiliza, como explicam Maingueneau e Cossutta (1995), uma cenografia (a representação construída pelo enunciator de sua própria enunciação), um código de linguagem (um espaço onde variedades languageiras são confrontadas) e um *ethos* (a construção de uma figura/de uma identidade enunciativa). Como enunciar no/a partir do discurso científico diz respeito a uma prática discursiva e social, essa enunciação implica a conjunção de uma cenografia, de um código de linguagem e de um *ethos* que objetiva projetar, por meio de certos gêneros do discurso, uma *subjetividade objetiva* alinhada às relações de poder e autoridade da comunidade científica, visto que, como argumenta Marques (2020, p. 14, grifos nossos):

⁸ O discurso científico, de acordo com Maingueneau (2015, p. 119), é aquele em que “[...] o locutor deve mostrar que se adapta às normas impostas pelo estatuto de ‘homens de ciência’, figura que transcende os múltiplos gêneros do discurso científico: imparcialidade, serenidade, clareza...”.

O discurso científico não é um discurso simplesmente “objetivo”, é, antes, um discurso objetivado (por alguém, credibilizado para o fazer). O efeito de objetividade discursiva resulta de um conjunto de escolhas do locutor. O processo de objetivação é, por um lado, um processo linguístico – e o apagamento enunciativo funciona desse modo –, mas é também uma objetividade conseguida pelo modo como o quadro teórico, a metodologia, os objetivos, a análise são discursivamente representados. O discurso científico é marcado pelo rigor, pelo quadro teórico e metodológico necessários à validade da análise realizada.

No caso do discurso da divulgação científica, podemos mencionar estudos desenvolvidos da perspectiva da AD que abordam seu funcionamento a partir de um corpus que representa um tipo específico de prática discursiva tradicionalmente reconhecida como divulgação científica: publicações em jornais e veículos de imprensa voltados integralmente ou não à DC. Um dos trabalhos mais influentes sobre DC na Análise do Discurso é o de Authier-Revuz (1998), que trata do fenômeno a partir de uma relação entre “interior” e “exterior” dos discursos; no caso, a relação entre interior e exterior do discurso científico. Da perspectiva da autora, essa relação é afetada por uma barreira linguística, a língua dos cientistas, tratada como uma língua distinta daquela do seu Outro⁹ e que, para ser acessível, precisa passar por uma espécie de “tradução”. Assim, a divulgação científica é definida como “[...] uma *prática de reformulação* de um discurso fonte (doravante D1) em um discurso segundo (doravante D2) [...]” que engloba conjuntos de textos reformulados “[...] na direção de tal ou tal grupo social [...]”, ou reescritos “[...] em função do ‘alvo’ visado” (Authier-Revuz, 1998, p. 108).

A partir da análise de artigos e dossiês das revistas *Science et Vie*, *Science et Avenir* e do jornal *Le Monde*, Authier-Revuz (1998) propõe que esse tipo de discurso se constitui na articulação entre discurso científico e o pedagógico, relação que se concretiza em regularidades enunciativas, como a predominância de formas do discurso relatado em D2, a partir de uma dupla estrutura enunciativa,¹⁰ e a ocorrência de procedimentos metalinguísticos como uso de aspas, itálico, apostos e incisas que ora justapõem, ora sobrepõem os dois discursos em contato, evidenciando seu distanciamento. De acordo com a autora, para além de simbolizar a diferenciação entre discurso científico e discurso pedagógico, o funcionamento do discurso da divulgação científica teria a função de construir “*uma imagem da comunicação em*

⁹ Esclarecemos que a oscilação entre a grafia de “outro”, com letras minúsculas, e “Outro”, com letra inicial maiúscula, não é gratuita e tem relação com as bases teóricas admitidas neste trabalho: enquanto “outro” faz referência ao significado dicionarizado da palavra – isto é, que não é o mesmo, diferente –, “Outro” refere-se ao Outro lacaniano mencionado por Authier-Revuz (1990) na discussão sobre as bases das heterogeneidades enunciativas.

¹⁰ Essa “*dupla estrutura enunciativa*” congrega, na formulação da autora, “[...] os interlocutores e o quadro de enunciação de D1, [e] os interlocutores e o quadro de enunciação de D2” (Authier-Revuz, 1998, p. 110).

funcionamento” (Authier-Revuz, 1998, p. 102), isto é, de oferecer aos interlocutores a imagem aparentemente transparente da troca de sentidos entre D1 e D2. Desse traço “aproximativo, heterogêneo, dialógico”, decorre o que a analista compreende como sendo outra função social da divulgação científica, qual seja, “[...] prover numerosos leitores de uma representação confortável de sua posição relativa à ciência, em um jogo de comunicação em que o discurso executa nele mesmo as figuras” (Authier-Revuz, 1998, p. 125).

Outro estudo sobre o discurso de divulgação científica em AD é a tese de doutoramento de Grigoletto (2005). A partir de preceitos do Círculo de Bakhtin e dos estudos de Michel Pechêux e Michel Foucault, a pesquisadora trata desse tipo de discurso de modo mais amplo que no trabalho de Authier-Revuz (1998) – amplitude a partir da qual podemos compreender aspectos de nosso próprio conjunto do material. Em sua pesquisa, assim como na de Authier-Revuz (1998), Grigoletto (2005) elege como corpus materiais advindos de publicações em revistas de divulgação científica: investiga-se o funcionamento do discurso da divulgação científica nas revistas *Ciência Hoje* (publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e *Superinteressante* (publicação da Editora Abril) – no primeiro caso, uma revista de uma associação científica com artigos de DC produzidos por cientistas; no segundo caso, uma publicação de um grupo privado com artigos de DC produzidos por jornalistas.

Diferentemente de Authier-Revuz (1998), que compreende o discurso da divulgação científica na ordem de uma reformulação, Grigoletto (2005, p. 44) concebe-o como “[...] um novo discurso, [...] na ordem de um deslocamento que não chega a produzir uma ruptura, já que se mantém o efeito de ressonância com o discurso da ciência”. Esse tipo de discurso é concebido, assim, como um discurso com regularidades enunciativas próprias, “[...] que integra[m] um espaço discursivo próprio [e] [...] intervalar, já que suas fronteiras são delineadas no entremeio da ciência, da mídia e do leitor” (Grigoletto, 2005, p. 44). Esse espaço discursivo intervalar, na concepção da autora, é constituído pelo discurso da ciência, do cotidiano e da mídia. Dada a natureza do corpus investigado, Grigoletto (2005) trata do discurso da divulgação científica como constituído no campo discursivo midiático (na concepção de Maingueneau do termo), dentro do qual o sujeito do discurso ocupa diferentes posições-sujeito e diferentes lugares discursivos (como o de cientista-divulgador, o de jornalista científico e o de editor do veículo de imprensa). Desse modo, o espaço discursivo da prática investigada pela pesquisadora (a DC publicada em materiais jornalísticos) sofre coerções determinadas “[...] tanto pelo poder/verdade da ciência como pelo poder/verdade da mídia [...]”, sem que essas coerções garantam a “[...] homogeneidade lógica dos sentidos como pretendem essas ordens detentoras de saber” (Grigoletto, 2005, p. 45-46).

Da perspectiva da semiolinguística, Charaudeau (2016), por sua vez, também se opõe à perspectiva que considera o DDC como tradução do discurso científico, argumentando que a DC articula discurso científico, didático e midiático. Essa postura é justificada, segundo o autor, pelo entendimento de que mudanças na conjuntura sócio-histórica ligadas à informatização do conhecimento atribuíram ao discurso de DC caráter informativo (como poderia se entender numa concepção mais restrita), explicativo (como no discurso didático) e captativo (que suscita certa adesão, como no discurso midiático). Num olhar para a constituição linguístico-discursiva desse tipo de discurso, o autor propõe que a divulgação científica, enquanto parte de um “contrato de informação midiática” (Charaudeau, 2016, p. 554), está submetida a quatro tipos de restrições:

- (i) restrição de visibilidade, ligada à atitude da mídia de colocar em evidência apenas fatos científicos estranhos ou polêmicos, que podem gerar impacto imediato na vida cotidiana;
- (ii) restrição de legibilidade, ligada à utilização de frases e construções sintáticas simples, bem como de léxico menos especializado e de apoio verbovisual ao leitor;
- (iii) restrição de seriedade, ligada à construção discursiva do texto de divulgação científica tanto no que diz respeito à sua apresentação visual (com apresentação de dados, tabelas etc.), quanto no que diz respeito à sua organização retórica e interlocutiva;¹¹
- (iv) restrição de emocionalidade, ligada à promoção de efeitos afetivos no leitor, como pela utilização de imagens e títulos que provocam emoção, medo, curiosidade na dimensão do *pathos*.

Se, por um lado, há uma série de investigações que tratam do discurso da divulgação científica a partir de sua relação com o discurso jornalístico e/ou midiático, por outro lado, há aquelas que o investigam a partir da porosidade/permissividade de fronteiras com os discursos científicos – aqueles que se constituem a partir do discurso científico enquanto discurso constituinte –, como o acadêmico. De acordo com Marques (2020), o discurso acadêmico e o discurso da divulgação científica não se desvinculam do discurso científico, dada sua natureza constituinte; dele se diferenciam por sua finalidade primeira e seus interlocutores pretendidos: enquanto o discurso científico tem como finalidade “fazer ciência”, o discurso acadêmico e o discurso da divulgação científica cumprem a função de “aprender ciência” e “divulgar ciência”,

¹¹ A esse respeito, conferir estudo de Salgado e Delege (2018) sobre o discurso da divulgação científica na/da revista Pesquisa Fapesp.

respectivamente. No caso dos interlocutores, ainda que haja semelhança quanto à “relação interacional assimétrica” (Marques, 2020, p. 18) instaurada por esses discursos, o discurso científico e o discurso acadêmico circulam numa comunidade dita fechada (a dos pesquisadores, ou a dos professores e alunos), enquanto o da divulgação científica cria

[...] comunidades alargadas, diversificadas, com intervenientes que desempenham funções sociais e comunicativas diversas, especialistas, mediadores e não especialistas, numa comunidade aberta em que os *media* sobressaem como um dos principais suportes de difusão. O discurso de divulgação científica circula numa comunidade aberta (Marques, 2020, p. 18).

A implicação do discurso científico no discurso da divulgação científica (também abordada nos trabalhos citados, que não desvinculam o segundo do discurso científico) e a noção de “comunidades alargadas” mencionada por Marques (2020) nos ajudam a descentralizar a divulgação científica enquanto prática discursiva tradicionalmente inscrita no campo jornalístico/midiático, e a discutir sua natureza heterogênea. Esse movimento de assunção da heterogeneidade da DC considera a gama diversificada de enunciadores (jornalistas de ciência, editores, pesquisadores universitários, pesquisadores independentes, professores e estudantes de diferentes níveis de ensino), de contextos de produção (campos jornalístico, midiático, acadêmico-científico, educacional) e de interlocutores projetados (leitores de *sites* e revistas, interlocutores sem formação acadêmico-científica consolidada, estudantes, outros potenciais interessados no tema) envolvidos na materialização desse tipo de discurso, por meio de uma rede de diferentes gêneros. Nesse campo heterogêneo, interessa-nos discutir um aspecto particular: a divulgação científica no campo acadêmico-científico, em que pesquisadores em formação têm de demonstrar determinado engajamento, como resposta a demandas e expectativas institucionais ligadas à produção e à comunicação/divulgação do conhecimento científico na contemporaneidade.

A discussão sobre a aproximação entre campo acadêmico-científico e divulgação científica é concebida num quadro que considera a confluência dessa prática com outras que também passaram a figurar na agenda de pesquisadores e instituições de ensino e pesquisa. No trabalho com gêneros digitais para a comunicação do conhecimento científico, Luzón e Pérez-Llantada (2022) descrevem o modo como mudanças sociais e econômicas advindas das transformações em torno do digital resultaram em práticas no campo científico, como a valorização da produtividade e da competitividade acadêmica, da publicação de estudos em periódicos de alto impacto e em língua inglesa, e da promoção de estratégias que visam à transparência e à reprodutibilidade das pesquisas científicas, por meio da política da Ciência

Aberta (*Open Science*). Citando Lillis e Curry (2010 *apud* Luzón; Pérez-Llantada, 2022, p. 29, tradução nossa), as autoras pontuam que as agendas de pesquisa e de avaliação acadêmicas existentes “[...] permanecem alinhadas a modelos nos quais a produtividade acadêmica e os produtos de pesquisa adquiriram o status de ‘*commodities*’”.¹²

Trata-se de uma conjuntura sócio-histórica de produção do conhecimento científico que valoriza a força tomada como individual do pesquisador e sua capacidade de se adequar a novas demandas – em constante atualização –, alinhadas a expectativas sociais e institucionais em torno da comunicação dos resultados de pesquisas. Ainda de acordo com as autoras, essa agenda de pesquisa e de avaliação, atualizada pelo crescimento e pela disseminação das tecnologias digitais, passa a vislumbrar uma outra frente de trabalho (e de avaliação) para o pesquisador: a comunicação entre cientistas e público geral sem necessidade de intermediação (Luzón; Pérez-Llantada, 2022), como a observada mediação jornalística entre esfera científica e esfera pública. Esse discurso em torno da popularização do conhecimento científico compreende que os gêneros digitais “[...] ajudam os pesquisadores a performar o papel de intelectuais públicos, e a discutir publicamente novas pesquisas a fim de ‘influenciar aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais’ (Kyvik, 2005: 290)” (Luzón; Pérez-Llantada, 2022, p. 37, tradução nossa).¹³

No entanto, para além da possibilidade de “ajudar os pesquisadores” a (tentarem) influenciar o debate público em torno de uma temática, a rede de gêneros do discurso que materializam o discurso da divulgação científica não se desvincula de uma constituição sócio-histórica desse tipo de discurso. No Brasil, a história da divulgação científica contempla uma série de iniciativas que, de acordo com Moreira e Massarani (2002), estiveram relacionadas aos interesses mais proeminentes de cada um dos períodos históricos observados pelos autores, como a necessidade de desenvolvimento da indústria científica no século XIX – impulsionada pela chegada da família real portuguesa –, e a exploração de diferentes meios de comunicação para divulgação de ciência no século XX – impulsionada pelo avanço técnico e científico da própria ciência brasileira –, sem considerar a inclusão da divulgação científica numa agenda de formação de pesquisadores.

Para além disso, os autores defendem que, pelo menos até a data de publicação de seu trabalho, no início do século XXI, as práticas de divulgação científica presenciadas no cenário brasileiro não estiveram descoladas de um “[...] ‘modelo do déficit’, que, de uma forma

¹² No original, “[...] remain aligned to models in which academic productivity and research products have gained the status of ‘*commodities*’”.

¹³ No original, “[...] digital genres help researchers to perform the role of public intellectuals, and discuss new research publicly in order to ‘influence political, economic, social or cultural issues’ (Kyvik, 2005: 290)”.

simplista, vê na população um conjunto de analfabetos em ciência que devem receber o conteúdo redentor de um conhecimento descontextualizado e encapsulado” (Moreira; Massarani, 2002, p. 63). Ainda, o diagnóstico dos autores nos permite notar que as preocupações que geriram diferentes iniciativas de DC ao longo da história brasileira estiveram ligadas a uma *aplicação prática de ciência* – com destaque para as descobertas científicas que alteraram determinado aspecto da organização social, como aquelas ligadas às Engenharias e às grandes obras urbanas – e à *disseminação de conceitos* das chamadas ciências duras (Matemática, Física, Química, Biologia), o que aponta para certo traço de utilitarismo dos resultados científicos e de marginalização das Humanidades na concepção de ciência predominante, fruto do tipo de investimento realizado na ciência e na divulgação científica brasileiras.

Se, nesse cenário, o diagnóstico dos pesquisadores sobre as atividades de DC até o início do século XXI baseava-se na percepção de um “modelo de déficit” (Moreira; Massarani, 2002), pode-se afirmar que a dificuldade de diálogo profícuo entre o campo acadêmico-científico e o seu exterior – como fomentado por Luzón e Pérez-Llantada (2022) – permanece, agora constituída pelos desafios do enfrentamento do fenômeno da desinformação e da deslegitimação das instituições como a dos centros de pesquisa e da própria imprensa. Podemos compreender que o discurso da divulgação científica responde não somente a funções sociais herdadas da história de sua constituição (como propagar conhecimento científico numa missão dita civilizatória ou de difusão), mas também a demandas que passam a afetar as bases a partir das quais se constitui: numa conjuntura de desvalorização da ciência, das verdades factuais e das instituições, atualiza-se em função das práticas de leitura e de escrita que passam a ser valorizadas e requeridas na sua materialização. A rede de gêneros (digitais) desse tipo de discurso, materializa um conjunto de possibilidades para o pesquisador, com vistas à sua projeção, como afirmam Luzón e Pérez-Llantada (2022) também um conjunto de (novas) demandas às quais têm de atender sem necessariamente para isso ter formação.

O “modelo de déficit” da DC (Moreira; Massarani, 2002) constitui assim um ponto específico do debate sobre práticas de divulgação científica conduzidas por pesquisadores: o da falta de formação acadêmico-científica para esse tipo de demanda. Em sua tese de doutoramento, Watanabe (2015, p. 28) salienta que a divulgação científica produzida por pesquisadores frequentemente é alvo de críticas por conta do emprego de “[...] linguagem complexa, abordagem prioritariamente conceitual [...]”, e por ignorar a “[...] natureza da ciência [...]”. Citando Cascais (2003 *apud* Watanabe, 2015), a autora sustenta que parte desse problema advém do fato de a divulgação científica não integrar o currículo da formação em nível superior

da maioria das instituições e dos pesquisadores, o que ocasiona num frequente autodidatismo. Essa formação, portanto, sob os efeitos do autodidatismo, defronta-se “[...] com o desafio de tratar a ciência para o público sem os conhecimentos específicos sobre o tema (Cascais, 2003)” (Watanabe, 2015, p. 28).

De nossa parte, o que poderíamos aferir sobre esse impasse é o fato de os pesquisadores (como sujeitos do discurso) enunciarem sempre (para legitimarem-se enquanto pesquisadores) a partir do discurso constituinte científico. Essa relação a ela não se resume, como buscamos discutir adiante, pois um discurso apenas se constitui na relação que estabelece com outros (Maingueneau, 2008); no entanto, consideramos válido reconhecer, de uma perspectiva discursiva dos Novos Estudos de Letramento, que as críticas sofridas por pesquisadores quanto a seus produtos de divulgação científica são, para além de lacunas de formação, conflitos da ordem do discurso, advindos da força coercitiva que o discurso científico exerce sobre a rede de enunciadore e interlocutores legitimados por ele, e que ao mesmo tempo o legitimam. A dificuldade estaria, portanto, na passagem de um discurso a outro, na (im)possibilidade de o sujeito do discurso conseguir projetar-se como enunciadore de um outro tipo de discurso que não (somente) o científico.

À luz da descrição histórica de Moreira e Massarani (2002), poderíamos definir como traço das atividades de divulgação científica na contemporaneidade o papel central das redes sociais digitais, da produção de conteúdo e, como tratam, Luzón e Pérez-Llantada (2022), dos gêneros digitais.¹⁴ O lugar de destaque que a ciência vem ocupando em ambientes digitais após a pandemia de COVID-19 pode ser vislumbrado, por exemplo, no modo como o discurso midiático ilustra iniciativas de DC de pesquisadores que, na condição de usuários de redes sociais digitais (como o Instagram, Facebook, TikTok e X/Twitter), produzem conteúdo direcionado a interlocutores externos ao campo acadêmico-científico. Como exemplo, podem ser citadas matérias de dois importantes veículos de comunicação – Pesquisa Fapesp¹⁵ e Folha de São Paulo¹⁶ –, que buscam caracterizar o entrecruzamento de práticas de DC com práticas digitais, como a produção de conteúdo. Em ambas as matérias, observamos a centralidade do

¹⁴ De acordo com o relatório Global 2024, das empresas We Are Social e Meltwater, o número estimado de usuários de mídias sociais digitais no Brasil é de 144 milhões, o equivalente a 66,3% da população. Estima-se ainda que o tempo médio diário gasto utilizando a internet é de 9h13min e que a principal razão de utilização de 78,7% dos usuários entre 16 e 64 anos é “buscar informações”. As redes sociais mais utilizadas, segundo esse relatório, são WhatsApp, Instagram, Facebook e TikTok. Trata-se, assim, de uma população hiperconectada, com massiva utilização de redes sociais digitais. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 28 maio 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/tiktokers-da-ciencia/>. Acesso em: 28 maio 2025.

¹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/08/influenciadores-de-ciencia-atraem-milhoes-nas-redes-com-experimentos-e-combate-a-fake-news.shtml>. Acesso em: 28 maio 2025.

debate em três aspectos: (i) o número de seguidores alcançado por pesquisadores que produzem esse tipo de conteúdo; (ii) o mencionado autodidatismo relacionado à atuação como divulgador científico em redes sociais digitais; (iii) a função social da divulgação científica na luta contra a desinformação.

Nessa representação sobre o fenômeno, podemos notar como esses três aspectos mencionados corroboram a apreensão de mudanças nos tipos de demanda às quais a divulgação científica passa a responder na contemporaneidade, na relação com sua constituição histórica. A essas novas demandas, subordinam-se: (i) a aproximação da imagem do divulgador científico com a de influenciador digital (Blanco; Amaral; Goulart, 2022), sob a lógica da conquista de espaço nas redes sociais (permanência no espaço e no tempo) por meio da produção de conteúdo e da conquista de seguidores (por meio da enunciação); (ii) a valorização de projetos amadores, advindos de uma força individual supostamente inerente ao sujeito pesquisador, ao mesmo tempo em que se reconhece a lacuna na formação e o autodidatismo no campo da divulgação científica no Brasil (Watanabe, 2015; Chagas, Massarani, 2020); (iii) a representação que se tem de que práticas de letramento científico têm papel importante na luta contra desinformação e *fake news* (Assis; Komesu; Pollet, 2021). Nesse contexto, tem sucesso aquele que consegue atingir seguidores em seu perfil numa rede social digital (Oliveira *et al.*, 2024) ou, ainda, visualizações de usuários da internet em conteúdo em vídeo e áudio – como o *podcast*.¹⁷

2.2. *PODCASTS* E(M) PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O nome *podcast* é oriundo da junção dos termos *broadcasting* (do inglês, transmissão) e *iPod*, dispositivo digital produzido pela empresa de eletrônicos Apple. Na origem, trata-se de um arquivo de áudio (em formato .mp3, por exemplo) que é disponibilizado em um agregador de conteúdos (tal como o SoundCloud, Google e Apple *Podcasts* e, mais recentemente, serviços de *streaming* musical, como Spotify, Deezer, Amazon Music e Tidal) e que pode ser baixado e consumido por um usuário da internet. Na esteira da popularização do formato e na sua aproximação com o contexto educacional (McGarr, 2009), por exemplo, há um debate em voga em diferentes perspectivas teóricas dos estudos da linguagem que o concebem ora como gênero, ora como mídia, ora como suporte. Um dos posicionamentos nesse impasse terminológico é o

¹⁷ Como discutem Blanco, Amaral e Goulart (2022, p. 183), há um “[...] perfil predominantemente masculino, heterossexual, cisgênero, branco e de classe média dos influenciadores que atuam como comunicadores de ciências nas redes sociais”, o que coloca os divulgadores científicos externos a esse padrão em local desigual, do ponto de vista da legitimação enquanto cientista-divulgador.

de Lenharo e Cristóvão (2016), do qual nos aproximamos neste trabalho: apropriando-se dos conceitos de mídia, gênero e suporte distinguidos por Bonini (2011 *apud* Lenharo; Cristóvão, 2016), as autoras defendem que o *podcast* seja concebido como uma “[...] tecnologia cuja função é mediar a interação linguageira” (Lenharo; Cristóvão, 2016, p. 311), uma vez que tal mídia contemporânea materializa diferentes gêneros discursivos por meio do suporte arquivo de formato .mp3.

Com efeito, o *podcast* parece constituir uma mídia produtiva para práticas de divulgação científica na contemporaneidade por conta de sua facilidade de produção e compartilhamento, como argumentam Dantas-Queiroz, Wentzel e Queiroz (2018). Na concepção dos autores, “[...] qualquer pessoa com acesso a um computador com microfone, a um *software* de gravação e à internet tem a capacidade de produzir esse tipo de conteúdo” (Dantas-Queiroz; Wentzel; Queiroz, 2018, p. 1892, tradução nossa).¹⁸ Compreendem, ainda, que a mídia tem frequentemente ocupado espaços educacionais, com foco no ensino superior, por conta da possibilidade de download do conteúdo em áudio e posterior escuta em diferentes momentos da rotina diária, mesmo aqueles *off-line* – característica do chamado conteúdo por demanda. Na análise do número de downloads de *podcasts* de divulgação científica brasileiros, tais como Dragões de Garagem¹⁹ e Fronteiras da Ciência²⁰ (ambos produzidos por graduados, graduandos e professores), os autores notaram que um estilo de comunicação constituído por recursos de humor, criatividade e linguagem informal caracteriza um parâmetro que atrai atenção do público.

Essa concepção de uma facilidade de produção do formato no contexto acadêmico aparece também no estudo de Tenani (2024), mas sob uma crítica ao efeito de apagamento da complexidade enunciativa do *podcast*. Na revisão de trabalhos que abordam seu uso no ensino superior, a autora constatou que, ainda que o uso criativo da mídia – caracterizado por casos em que uma equipe de alunos produz um *podcast* como atividade acadêmica, segundo McGarr (2009) – seja o mais esperado, certas práticas pedagógicas não levam em conta sua complexidade enunciativa. Da perspectiva teórica assumida pela autora, essa complexidade é particularizada pelo encontro de práticas orais/faladas e letradas/escritas no processo de produção do *podcast*, uma vez que a mídia prevê uma etapa de planejamento de roteiro escrito (em que enunciados serão escritos para serem lidos) e outra, posterior, de gravação (em que os

¹⁸ No original, “anyone that has access to a computer with a microfone, recording software and the Internet has the capacity of producing this kind of content”.

¹⁹ Disponível em: <https://dragoesdegaragem.com/podcast/dragoes-de-garagem/>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁰ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/frontdaciencia/>. Acesso em: 28 maio 2025.

enunciados escritos serão lidos e gravados). Assim, o interesse no *podcast* como objeto de práticas pedagógicas não deveria se dar por sua facilidade de produção e consumo, mas sim “[...] pelas práticas letradas digitais contemporâneas que a [o] particularizam (e que são mobilizadas pelos ouvintes [e produtores]) [...]” (Tenani, 2024, p. 291), tidas como espaço para a discussão sobre as relações entre fala e escrita e oralidade e letramento (Corrêa, 1997; 2004).

Do ponto de vista teórico-metodológico assumido neste trabalho, o roteiro escrito de *podcast* pode ser compreendido como um dos gêneros discursivos que constituem o repositório de gêneros guardados pela mídia *podcast*, a depender de sua natureza e do modo como ela se estrutura. Trata-se de um tipo relativamente estável de enunciado, uma vez que apresenta características composicionais, temáticas, estilísticas e interlocutivas que instauram um certo modo de se enunciar a partir dele. Como etapa prévia às etapas de gravação e de montagem do episódio de *podcast*, o roteiro se particulariza pela presença marcada de turnos de fala, uso de vinhetas e de música de fundo, bem como pelo investimento num tom mais íntimo e coloquial de comunicação (Sotério; Queiroz, 2023), ou ainda na simulação de uma dinâmica dialogal (Dang *et al.*, 2022 *apud* Tenani, 2024) – características compartilhadas por determinadas práticas de divulgação científica.

A observada perspectiva de mudança em torno da divulgação científica – uma “popularização” da divulgação, por assim dizer –, como demanda a ser cumprida pelo pesquisador, pode ser organizada em duas direções, a partir de ações institucionais e de ações acadêmico-científicas em torno dela. Em relação à primeira, destacamos: (i) o Decreto nº 11.754, de 25/10/2023, que institui um Programa Nacional de Popularização da Ciência no âmbito do MCTI;²¹ (ii) o lançamento do edital Comunicar Ciência, em 26/10/2023, pela FAPESP;²² (iii) a contabilização de produtos de divulgação científica nos critérios de avaliação da área de Linguística e Literatura da CAPES, dentre outras.²³ Em relação à segunda direção, mencionamos o fortalecimento da divulgação científica como campo de pesquisa consolidado, o que é demonstrado na existência de cursos de pós-graduação *stricto sensu* e *latu sensu*,²⁴ e na

²¹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11754.htm. Acesso em: 28 maio 2025.

²² Disponível em: <https://fapesp.br/comunicarciencia/edital>. Acesso em: 28 maio 2025.

²³ Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/linguistica-e-literatura-pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

²⁴ São exemplos o Programa de Pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural da UNICAMP (Disponível em: <https://www.labjor.unicamp.br/pos-graduacao/mestrado/>), a especialização em Divulgação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) (Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/cursos/especializacao-em-divulgacao-e-popularizacao-da-ciencia/>) e do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) (Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/cursos-pos-graduacao/latu-sensu/divulgacao-cientifica-campus-mesquita-distancia>), a especialização em Divulgação Científica e Popularização do Conhecimento da Pontifícia Universidade Católica

publicação científica a respeito do tema na América Latina, como Massarani *et al.* (2023) concebem, em pesquisa mais recente. No estudo dos autores, Argentina, Brasil, Colômbia e México concentravam, juntos, até 2020, 93,8% das produções acadêmicas na região, sendo o Brasil responsável por 68,8% das publicações analisadas (Massarani *et al.*, 2023, p. 43). Delineia-se, assim, a divulgação científica como um campo que desperta interesse de diferentes setores da sociedade, especialmente o acadêmico.

É nesse contexto, portanto, que se insere nossa investigação sobre as relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica na universidade: num espaço interdiscursivo amplo, situado no campo acadêmico-científico, que compartilha diferenças e semelhanças com a prática discursiva tradicionalmente concebida como *divulgação científica*, situada no campo jornalístico/midiático. Assim, compreendemos que o “dizível” (Maingueneau, 2008) no discurso de divulgação científica na universidade não é diferente do “dizível” no discurso científico, dada sua relação de constituição com ele. No entanto, nesse espaço interdiscursivo amplo, o discurso de divulgação científica na universidade não se legitima do mesmo modo que o discurso científico, motivo pelo qual estabelece relações de *fronteira e constituição* mais ou menos marcadas com aquele tipo de discurso.

Concebido no campo acadêmico-científico, o discurso da divulgação científica na universidade funciona também a partir de certas restrições, algumas advindas da sua relação de constituição com o discurso científico – como a missão de manter a “cientificidade” do que é divulgado –, outras advindas das suas relações de fronteira com esse e outros tipos de discurso, como o acadêmico. Dessa maneira, aquilo do discurso da divulgação científica na universidade que “escapa” ao discurso científico – isto é, aquilo que não seria esperado ou admitido dentro das restrições enunciativas desse tipo de discurso – constitui, portanto, uma *fronteira* entre discursos no universo discurso da popularização do conhecimento científico. Como pretendemos discutir neste trabalho, essas relações de fronteira e constituição se mostram no trabalho do escrevente universitário com a prática discursiva da divulgação científica.

Nesta seção, apresentamos considerações a respeito da emergência de práticas de divulgação científica no contexto acadêmico, considerada a relação constituinte entre discurso científico e discurso da divulgação científica. Na seção seguinte, descrevemos a construção do quadro teórico-metodológico da pesquisa, fundado na associação entre os Novos Estudos de Letramento e a Análise do Discurso.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA PARA OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

Os Novos Estudos de Letramento (*New Literacy Studies*) constituem-se como uma abordagem que nasce da chamada “virada sociocultural” dos estudos de letramento (Kleiman, 1995), a partir da ruptura com teorias que examinavam as práticas de leitura e de escrita de uma perspectiva dicotômica (entre fala e escrita), cognitivista e individualista, centrada nas habilidades de cada indivíduo.²⁵ Em *Literacy in theory and practice* (1984), obra seminal da perspectiva sociocultural dos estudos de letramento,²⁶ o antropólogo Brian V. Street explicita proposições sobre essa nova abordagem da cultura escrita em sociedade e estabelece uma distinção entre dois modelos que guiavam a compreensão e as pesquisas sobre leitura e escrita até o momento: o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento.

Na proposição do autor, sob o domínio de um modelo autônomo está a crença de que práticas de leitura e escrita seriam um conjunto de habilidades técnicas neutras, passíveis de serem adquiridas e replicadas em diferentes contextos. A crítica de Street (1984) incide sobre o fato de que, ao considerar essas práticas como neutras, o que se prioriza são conhecimentos dos grupos sociais dominantes (centrados na supremacia da escrita) e o que se cria é uma divisão entre indivíduos “letrados” e “iletrados” (Vianna *et al.*, 2016). Sob a ótica de um modelo ideológico (Street, 1984), está a compreensão de que o letramento é uma prática social situada em diferentes contextos sociais de uso da língua, o que se contrapõe à ideia de letramento dominante (no singular, centrado em certo tipo de escrita e na supremacia dela como sistema de representação) e aponta para a existência de letramentos (no plural), uma vez que se reconhece que práticas de leitura e de escrita (bem como os saberes, valores e significados atribuídos a essas práticas) são socioculturalmente diversas e variáveis em relação aos diferentes grupos que as constituem.

Dado o caráter diverso dos usos sociais da leitura e de escrita, Street (1984) reconhece a produtividade do conceito “práticas de letramento” para discutir não apenas situações

²⁵ Consideramos pertinente explicitar que, ainda que o registro do termo nas menções ao nome da teoria seja feito no singular, pautamo-nos na posição de Street (1984) de que não há um letramento único, mas letramentos, no plural. O registro no singular é feito tão somente em consonância com a publicação científica da área no Brasil.

²⁶ Como abordam Kleiman *et al.* (2024) numa rica discussão sobre as origens do termo “letramento”, a reflexão de Street (1984) é precedida pelas investigações de Heath (1983), de perspectiva etnográfica, e de Scribner e Cole (1981), de perspectiva psicológico-cognitiva.

empíricas que envolvem leitura e escrita – isto é, os “eventos de letramento”, conceito elaborado por Heath (1983) –, mas também valores, crenças e atitudes dos participantes desses eventos em relação à cultura escrita. Em outro trabalho, Street (2014 [1995], p. 174) afirma que “as práticas letradas incorporam não só os ‘eventos de letramento’, como ocasiões empíricas de que o letramento é parte integrante, mas também ‘modelos populares’ desses eventos e preconceções ideológicas que os sustentam”. Delineia-se, portanto, uma perspectiva teórico-metodológica que reconhece a diversidade das práticas letradas e de fatores sociais e ideológicos relacionados à sua constituição e à possibilidade de se investigar padrões nessas práticas.

A partir dessa compreensão, estabeleceram-se eixos de investigação em torno de práticas letradas em contextos particulares, como o acadêmico (Lea; Street, 1998; 2014; Street, 2010), que concebe a escrita acadêmica como prática social particular.²⁷ No campo dos letramentos acadêmicos, os estudos de Lea e Street (1998; 2014) em contexto anglófono descrevem como se constituem diferentes abordagens de compreensão das práticas de leitura e de escrita (em termos de ensino, de avaliação e de políticas linguísticas) num percurso que vai das fases iniciais do ensino regular até o ensino superior. A conceituação dessas abordagens está organizada, na proposta dos autores, em torno de três modelos: (i) o modelo de habilidades de estudo; (ii) o modelo de socialização acadêmica; e (iii) o modelo de letramentos acadêmicos. Por definição, o primeiro modelo concebe leitura e escrita como atividades individuais e cognitivas que poderiam ser transpostas de um contexto a outro sem dificuldade; o segundo, por sua vez, pauta-se na aculturação dos estudantes a certos tipos de práticas e de discursos acadêmicos, com aposta na possibilidade de reprodução “transparente” desses discursos. O terceiro, por fim, é concebido pela particularização, no ensino, daquilo que é ligado à produção de sentido, à construção de identidade, poder e autoridade em contextos acadêmicos específicos (como comunidades disciplinares, mas não somente), colocando “[...] em primeiro plano a natureza institucional daquilo que conta como conhecimento [...]” (Lea; Street, 2014, p. 479) – modelo que permite analisar práticas de uso da escrita não do ponto de vista do sucesso ou do déficit, mas da relação com as expectativas sociais dos (seus) interlocutores.

²⁷ Numa revisão de trabalhos centrais da abordagem etnográfica dos Novos Estudos de Letramento, Fiad (2017, p. 91) pontua que as práticas de letramento acadêmico se tornaram objeto de diversas pesquisas não só por conta do reconhecimento da heterogeneidade das práticas letradas, mas também “[...] por motivações políticas e sociais, destacando-se a expansão do ensino superior, tanto em quantidade de alunos, como principalmente em diversidade cultural e linguística [...]”. A relação entre a expansão do ensino superior e a das pesquisas quem têm como foco práticas de letramento acadêmico é comprovada pelo estudo de Kleiman *et al.* (2024), que demonstra um aumento exponencial nos últimos 30 anos na quantidade de investigações sobre o tema.

Dentre outras práticas, a divulgação científica é um exemplo que pode ser compreendido à luz dos três modelos (Lea; Street, 2014) quando de seu encontro com o contexto acadêmico-científico e a formação do escrevente universitário. Num modelo de habilidades de estudo, pode-se ter a concepção de que a partir de habilidades cognitivas restritas, o universitário seria capaz de circular facilmente entre campo acadêmico-científico e outros campos na produção de textos que se voltam à divulgação de conteúdo científico a um público não especializado. Sob um modelo de socialização acadêmica, pode-se ter a concepção de que, a partir do contato com discursos e gêneros voltados à divulgação científica, o escrevente universitário seria capaz de (re)produzir textos que compartilham dos mesmos propósitos e características, o que remete à aculturação pelo autodidatismo, como mencionado. Sob a ótica do terceiro modelo, o de letramentos acadêmicos, pode-se entender que, no processo de explicitação de critérios que permitem avaliar uma prática de divulgação científica como positiva ou negativa – tais como a elucidação da contribuição social/prática da pesquisa ou o investimento em um estilo de linguagem mais acessível a públicos generalistas, por exemplo –, o escrevente se tornaria apto a reconhecer aquilo que precisa ser feito, em termos de trabalho com a linguagem, para que sua produção atenda a expectativas sociais e institucionais.

Outro conceito importante do campo desenvolvido por Street (2010) é o de aspectos ocultos – ou dimensões escondidas (expressão também apresentada na tradução para o português brasileiro) – do letramento, que diz respeito a aspectos cobrados no momento de avaliação de uma produção textual, mas não explicitados no momento de instrução para realização dessa atividade. Trata-se de um conceito centrado “[...] nos critérios escondidos que são utilizados por orientadores, por avaliadores de trabalhos submetidos a congressos e por revisores de periódicos”, como define Street (2010, p. 542). A proposta do autor, então, é a de elaborar conceitos de trabalho que, pautados no reconhecimento desses aspectos no contexto de uma determinada disciplina e de um determinado gênero, capacitariam escrevintes (alunos, professores) a cumprir melhor as expectativas institucionais em torno de seu texto, seja ele objeto de produção ou de avaliação.

O estudo de Street (2010), desenvolvido sob a ótica do modelo de letramentos acadêmicos (Lea; Street, 2014), descreve a formulação desses conceitos de trabalho no contexto de uma disciplina sobre a escrita acadêmica em nível de doutorado no âmbito da qual os alunos deveriam produzir o gênero ensaio acadêmico. Naquela ocasião, os conceitos de trabalho formulados a partir de aspectos reconhecidos como ocultos em relação ao gênero centram-se em questões como “contribuição” – em referência à preocupação, em um artigo, de se explicitar qual a contribuição do estudo para a área do conhecimento ou para pesquisas futuras, por

exemplo –, “voz do autor” e “ponto de vista” – em referência à compreensão dos modos como a projeção do autor no texto figura ou deveria figurar em um determinado domínio disciplinar –, “marcas linguísticas” – em referência à seleção de aspectos da língua tomados como esperados de um texto científico, tais como a clareza em explicações, as retomadas e repetições de conceitos teórico-metodológicos – e “estrutura” – em referência à apreensão de que há modos alternativos de se organizar um texto acadêmico (como o ensaio) que não seguem uma estrutura rígida como a de introdução, fundamentação teórica, material e métodos etc. Dessa perspectiva, pois, aspectos ocultos ou dimensões escondidas estão ligados ao aspecto verbal do gênero discursivo e se resolveriam a partir da tentativa de sua explicitação.

Como mencionado, os estudos que se alinham a essa perspectiva sociocultural do letramento contrapõem-se à chamada “grande divisão” entre fala e escrita (Kleiman *et al.*, 2024). No contexto brasileiro, especificamente, há diferentes estudos que se constituem a partir desse princípio teórico, sendo um dos mais influentes o de Marcuschi (2010), formulado no âmbito de uma perspectiva sociointeracionista dos estudos do texto. Nele, o autor compreende as relações entre fala e escrita como organizadas em duas dimensões: a das práticas sociais (oralidade e letramento) e a das modalidades de uso da língua (fala e escrita), cujas diferenças estão arranjadas dentro de um *continuum* tipológico de gêneros textuais. Em oposição a uma dicotomia radical entre fala e escrita, o trabalho de Marcuschi (2010) está pautado numa dicotomização metodológica para a compreensão do fenômeno, como veremos a seguir.

Na proposição de Marcuschi (2010, p. 25), a oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”, enquanto o letramento recobre as “[...] mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita [...] até uma apropriação profunda [...]”. Fala e escrita, por sua vez, são definidas pelo autor como “[...] forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral [...] [caracterizada] pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos [...]” (Marcuschi, 2010, p. 25), no caso da fala, e como “[...] modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos [...] [que] se caracterizaria por sua constituição gráfica [...] [e por tratar-se] de uma modalidade de uso da língua complementar à fala” (Marcuschi, 2010, p. 26), no caso da escrita. Na reflexão do autor, já consta presente a compreensão de que ambas as modalidades – fala e escrita – se constituem como processos/eventos, e não como produtos.

Do caráter “misto” entre fala e escrita de determinados gêneros textuais, Marcuschi (2010, p. 39) depreende, ainda, os conceitos de “meio de produção” – constituído de meio

sonoro e meio gráfico – e “concepção discursiva” – constituída de concepção oral e concepção escrita. Essa sistematização permitiu ao autor argumentar em torno da existência de (i) gêneros prototipicamente falados (de meio sonoro e concepção oral), como a conversação telefônica; (ii) gêneros prototipicamente escritos (de meio gráfico e concepção escrita), como o artigo científico; e (iii) gêneros “mistos” (de meio sonoro e concepção escrita, como a notícia de televisão, ou de meio gráfico e concepção oral, como uma entrevista publicada em uma revista) que se organizam no *continuum* tipológico proposto (nos polos, no caso dos gêneros prototipicamente falados ou escritos, e no intermédio, no caso dos gêneros “mistos”). Sob essa ótica, os gêneros materializados pela mídia *podcast* se localizariam numa posição intermediária pois, como observa Tenani (2024), seu meio de produção é sonoro (no que se refere à etapa de gravação), mas sua concepção discursiva é escrita (no que se refere à etapa de preparação de um roteiro escrito a partir do qual a gravação será realizada).

Apresentamos, até este momento, conceitos importantes formulados no âmbito de uma perspectiva sociocultural dos estudos de letramento, representada pelos trabalhos de Street (1984; 2010; 2014) e Lea e Street (2014), e de uma perspectiva sociointeracionista de estudo das relações entre fala e escrita, representada principalmente pelo trabalho de Marcuschi (2010). Passamos, agora, a apresentar noções ligadas a uma segunda frente de trabalho que busca mostrar as relações de constituição entre fala e escrita, a partir da intersecção entre estudos de letramento e estudos do discurso – posicionamento teórico-metodológico com o qual dialogamos na investigação da divulgação científica enquanto uma prática de letramento acadêmico-científico (Corrêa, 1997; 2004; 2011; 2013).

Na concepção de Corrêa (1997),²⁸ a proposta de divisão metodológica entre fala e escrita e sua compartimentalização no *continuum* de gêneros textuais delineada em Marcuschi (1995, *apud* Corrêa, 1997) não deixa de considerar, por um lado, esses dois fatos linguísticos em dois polos distintos e, por outro lado, a separação entre fato linguístico (fala e escrita) e prática social (oralidade e letramento). Assumindo que “[...] os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas” (Corrêa, 2004, p. 2), o autor se distancia da perspectiva que considera fala e escrita como modalidades de uma mesma língua e propõe que elas sejam compreendidas como *modos de enunciação*, na consideração do trabalho do sujeito com a linguagem, a partir de sua relação com distintas práticas sociais dialogicamente constituídas. A assunção desses fatores e do caráter processual da escrita – em

²⁸ Ao longo do texto, fazemos menção a duas versões do trabalho de Corrêa: a de 1997, publicada como tese de doutorado, e a de 2004, publicada como livro.

oposição a uma ideia de produto – institui, de modo amplo, o que o autor caracteriza como a heterogeneidade constitutiva da escrita.

Como proposta de uma reflexão discursiva a respeito do caráter heterogêneo da língua, de modo amplo, e do letramento, de modo específico, Corrêa (2004, p. 9) conceitua o modo heterogêneo de constituição da escrita como “[...] o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido”. Podemos compreender que, nos modos de enunciação oral/falado e letrado/escrito, o que se deixa mostrar é mais do que o material sonoro, no caso do oral/falado, e do que o material gráfico, no caso do letrado/escrito; mostram-se, imbricados nesses modos de enunciação, tanto traços atribuídos à fala e atribuídos à escrita quanto a circulação do escrevente por distintas práticas sociais. No caso do material analisado – diferente daquele do autor, constituído de produções textuais de vestibulandos –, essa perspectiva sobre a escrita nos permite compreender que, no engajamento com uma atividade genérica à qual não é afeito (a produção de um roteiro de *podcast* de divulgação científica), o escrevente universitário (pesquisador em formação) deixa marcas linguísticas de sua circulação por representações que tem da prática de divulgação científica, do *podcast*, da atividade acadêmica que realiza, das demandas das diversas instituições às quais responde, das forças que o avaliam, da sua formação como pesquisador.

Sem pretender detalhar o trabalho teórico-metodológico traçado pelo autor, salientamos aspectos de sua reflexão sobre letramento, sujeito e escrita a partir dos quais constituímos nossa investigação. A constituição desses conceitos, na perspectiva teórica assumida, implica distanciar-se da noção de letramento como sinônimo de alfabetização e aproximar-se dela como uma prática social historicamente situada; distanciar-se de uma noção de sujeito totalmente consciente ou totalmente inconsciente e aproximar-se de uma noção de sujeito que se deixa mostrar na produção discursiva; distanciar-se de uma noção de escrita como modo de representação da fala (produto) ou como dicotômico em relação à fala e às práticas sociais, e aproximar-se de uma noção de escrita como modo de enunciação fundamentalmente heterogêneo (processo).

Em trabalho posterior, Corrêa (2011) propõe uma reordenação dos trabalhos de Lea e Street (2014) e Street (2010), desenvolvidos sob uma perspectiva etnográfica, em direção a uma perspectiva discursiva de estudo – mas também de ensino – da escrita. Assim, aos três modelos concebidos por Lea e Street (2014), o autor formula uma crítica em relação a aspectos que se tornam “ocultos” – porque não explicitados – quando da presunção de práticas letradas como práticas discursivas. No que se refere ao modelo de habilidades de estudo – restrito a habilidades cognitivas individuais –, a crítica de Corrêa (2011) recai sobre a apreensão de que mesmo

habilidades cognitivas são desenvolvidas num contexto específico, portanto, não se mostram neutras. Em relação ao modelo de socialização acadêmica – pautado na ideia da aculturação –, a crítica do autor reside na homogeneização dos discursos acadêmicos intrínseca a esse modelo, sendo que, mesmo sob um mesmo domínio de especialidade (como um campo disciplinar), há diferentes discursos e gêneros numa relação interdiscursiva e intergenérica com outros discursos e gêneros. Por fim, no que se refere ao modelo de letramentos acadêmicos, o autor pontua que mesmo um modelo que se propõe epistemológico – por discutir a natureza do que é considerado conhecimento em contextos acadêmicos e campos disciplinares específicos – encontra uma fronteira balizada pela relação de alteridade entre os sujeitos da linguagem e as instituições sociais. De acordo com Corrêa (2011, p. 340), “[...] essa fronteira é a do discurso”.

Nessa direção, o olhar do analista deve se deslocar de uma perspectiva etnográfica (apreendida no âmbito dos estudos de letramento) a uma perspectiva discursiva (apreendida no âmbito dos estudos do discurso), e considerar uma concepção de subjetividade que distingue um sujeito empírico (da perspectiva interacional) de um sujeito do discurso (da perspectiva dialógica). Trata-se de proposta que permite discutir, portanto, na produção de textos, fatos de discurso “[...] simultâneos à formulação linguística” que, sendo constitutivos de uma prática discursiva, permitem “[...] reconhecer [...] a trama, ainda que não exaustiva, das relações intergenéricas na composição do texto e a história de sua produção” (Corrêa, 2011, p. 335). Essa perspectiva implica ainda admitir, para além da distinção entre atos de enunciação presenciais e não presenciais, a oposição entre unicidade/não unicidade do sujeito. Se, a partir de uma perspectiva etnográfica, pode-se discutir a relação entre a singularidade do sujeito (empírico) na relação com uma identidade social, de uma perspectiva discursiva, o que importa, como destacado pelo autor, é o papel que um sujeito (do discurso) assume na relação com “uma multiplicidade de vozes” (Corrêa, 2011, p. 341) numa dada posição enunciativa.

Uma última fronteira entre as perspectivas etnográfica e discursiva, na formulação de Corrêa (2011), é apreensível no trabalho de aproximação que o autor faz entre as noções de presumido social (Volóchinov, 2019) e aspectos ocultos do letramento (Street, 2010). Em ensaio originalmente publicado em 1926 sobre a aplicação do método sociológico no estudo da poética literária, Volóchinov (2019) discorre sobre o conceito de *contexto extraverbal*, dimensão intrínseca à composição de sentido de um enunciado que, de acordo com o filósofo russo, “[...] é composto por três aspectos: 1) o *horizonte espacial comum* dos falantes [...]; 2) o *conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois*; e finalmente 3) a *avaliação comum* dessa situação” (Volóchinov, 2019, p. 118-119). Para Volóchinov (2019), desse modo, há de se considerar que o que sustenta as avaliações e valorações que acompanham a parte

verbal de um enunciado concreto é um conjunto de *presumidos*, instância sociocultural ampla necessária à compreensão do(s) sentido(s) de um enunciado. Não se trata, portanto, de uma discussão sobre *gênero*, mas sobre algo mais amplo, da ordem das práticas discursivas.

Destacamos que nas traduções do texto de Volóchinov para o português brasileiro, há uma oscilação entre os termos “presumido” e “subentendido”: enquanto a tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza do inglês para o português brasileiro – versão utilizada por Corrêa (2011) – preserva o uso de “presumido”, a tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo do russo para o português brasileiro (publicada em 2019) investe no uso de “subentendido”. Embora a tradução mais recente da obra não utilize “presumido”, escolhemos manter o uso desse termo de modo a (i) evitar oscilações conceituais na argumentação da pesquisa e (ii) preservar os deslocamentos de sentido advindos da leitura que Corrêa (2011) faz de Volóchinov (2019) na proposição da ideia de *presumidos* de gêneros do discurso.

Nessa discussão, Corrêa (2011) argumenta em favor da extensão da noção de *presumidos* sociais cunhada por Volóchinov (2019) ao nível dos gêneros do discurso pois, de acordo com o autor, se o *presumido* regula a produção de sentido – isto é, se a produção e a compreensão de um enunciado concreto dependem de seu contexto extraverbal e da configuração dessa instância sociocultural ampla –, admite-se que há também um *presumido* que regula a produção de enunciados genéricos – isto é, há também um conjunto de *presumidos* para a produção e compreensão de determinado gênero do discurso que excedem seus elementos relativamente estáveis, como construção composicional, conteúdo temático e estilo. Assim, fatores como “[...] a temática em que o gênero se inclui, o quadro institucional em que é produzido e as perspectivas que, de fora do texto, o orientam” (Corrêa, 2011, p. 344) caracterizam *presumidos* que explicariam certas omissões em relação ao ensino dos gêneros – o que se contrapõe à ideia de que certos aspectos estariam sempre “ocultos” em práticas de letramento (razão pela qual o autor grifa o termo entre aspas, para tomar distanciamento), ou de que certos aspectos conflitantes em relação à escrita acadêmica seriam resolvidos a partir de sua explicitação, como havia sido proposto por Street (2010). Da perspectiva de Corrêa (2011, p. 355), portanto, é “[...] desatenção à parte presumida do gênero que acaba levando aos chamados aspectos ‘ocultos’ do letramento acadêmico”. As fronteiras entre a perspectiva etnográfica e a perspectiva discursiva são sistematizadas a seguir, no Quadro 1:

Quadro 1 – Da perspectiva etnográfica à perspectiva discursiva

Perspectiva etnográfica	Perspectiva discursiva
Sujeitos empíricos	Sujeitos do discurso

Ato de enunciação presencial	Atos de enunciação presenciais e não-presenciais (réplicas ao já enunciado)
Unicidade do sujeito, ligada às identidades sociais ocupadas	Não-unicidade do sujeito, ligada às posições enunciativas possíveis
Preocupação com a explicitação de aspectos ocultos dos gêneros	Preocupação com a atenção aos presumidos de gêneros do discurso

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Corrêa (2011).

A partir da relação estabelecida por Corrêa (2011) entre os aspectos ocultos do letramento (Street, 2010) e o presumido (Volóchinov, 2019), propomos refletir sobre a possibilidade de estender a ideia do presumido social – necessário à constituição do sentido de um enunciado concreto – e do presumido de um gênero do discurso – necessário à constituição de um dado gênero do discurso – para o processo de constituição de uma dada prática discursiva. Ou seja, o presumido necessário à constituição do sentido (e) de um dado gênero discursivo seria, também, necessário à constituição de uma dada prática discursiva: no caso, não restrito a um gênero específico, mas compartilhado por uma rede de gêneros do discurso que materializam uma mesma prática. No que se refere à divulgação científica – tomada como uma prática discursiva ampla –, poderíamos pensar que há um conjunto de presumidos que regulam o modo como diferentes gêneros do discurso devem ser materializados. Trata-se de um empreendimento que se soma àqueles que buscam discutir o gênero de modo não restrito à sua dimensão formal ou verbal, mas sim a partir da sua relação com o que lhe é externo, com o “de fora” (Corrêa, 2011, p. 344).

Assim, podemos compreender que, ainda que haja explicitação dos critérios a partir dos quais a materialização de uma prática discursiva será avaliada, há critérios outros que validam ou não o que é dito do modo como é dito – no caso da divulgação científica, o conflito entre o discurso científico (a missão de manter a cientificidade daquilo que é divulgado) e outros discursos (o midiático, na expectativa de se projetar socialmente a pesquisa e o pesquisador; o didático, na expectativa de se transformar um objeto complexo em um objeto palpável; o político, na expectativa de gerar efeitos de sentido contrários ao negacionismo científico e à desinformação) opera no âmbito de contradições que definem os próprios discursos. Numa investigação que privilegia a observação desses outros critérios, cabe observar como o discurso de divulgação científica na universidade define suas relações de fronteira e constituição na relação com o discurso científico e com outros discursos a partir das representações que seus enunciadores têm dele.

3.2 O METADISCURSO COMO LUGAR DE OBSERVAÇÃO DAS RELAÇÕES DE FRONTEIRA E CONSTITUIÇÃO

Podemos afirmar que as questões “meta” têm sido objeto de interesse dos estudos da linguagem em razão da diversidade de entradas analíticas possíveis para fenômenos dessa ordem. Diferentes trabalhos têm se ocupado de investigações classificadas como metalinguísticas, metaenunciativas e/ou metadiscursivas, assumindo critérios ora mais subjetivistas – considerada certa intenção e autonomia do sujeito em relação à linguagem –, ora menos subjetivistas – considerado o estatuto de assujeitamento do sujeito às diferentes restrições discursivas – para delimitação de categorias de análise. Sem empreender uma descrição exaustiva desse quadro, buscamos particularizar o tratamento dado à metadiscursividade nesta investigação a partir da apresentação de um histórico comum a diferentes perspectivas teóricas, e de intersecções entre elas que consideramos relevantes na apreensão de aspectos linguístico-discursivos em produções textuais de escreventes universitários.

Lima (2009), em seu trabalho de doutoramento, oferece um panorama da emergência das discussões sobre o metadiscorso no contexto das ideias linguísticas. De acordo com o autor, a raiz de diferentes investigações modernas a respeito do metadiscorso é a teoria das funções da linguagem proposta pelo estruturalista Jakobson (1969 *apud* Lima, 2009), que considera a existência de uma função metalinguística num esquema comunicacional, a qual é centrada no próprio código linguístico.²⁹ Essa proposição se contrapõe ao conceito lógico de metalinguagem, “[...] de acordo com o qual a metalinguagem era concebida apenas como um instrumento utilizado pelos lógicos e linguistas para falar da linguagem, ou seja, uma linguagem cuja função é falar da própria linguagem” (Lima, 2009, p. 60). Desse modo, o ganho teórico da proposta de Jakobson quanto à propriedade “meta” da linguagem reside, como destaca Lima (2009), na percepção de que há metalinguagem também na vida cotidiana, sendo tal função a responsável pela atenção atribuída ao código em uma dada relação de destinatário e remetente.

A revisão de Lima (2009) atribui, ainda, ao trabalho de Rey-Debove (1978 *apud* Lima, 2009) a responsabilidade pelo avanço na noção de metalinguagem e seu tratamento enquanto um fato linguístico associado à formulação do texto. Da perspectiva apresentada por Lima (2009), o trabalho da linguista francesa se aproximaria do de Jakobson ao considerar a presença

²⁹ Como é sabido, o conhecido esquema comunicacional de Jakobson considera também as funções referencial (centrada na informação), emotiva (centrada no remetente), conativa (centrada no destinatário), fática (centrada no canal) e poética (centrada na mensagem), ao lado da função metalinguística.

da metalinguagem nas interações cotidianas, e avançaria em relação a ele ao tratar esse fato linguístico como algo decorrente de uma necessidade de reformulação do dito em razão de demandas interlocutivas. No entanto, ainda de acordo com Lima (2009), a concepção de Rey-Debove não deixa de associar esse fato linguístico à codificação do sistema da língua, posicionamento que restringe a metalinguagem aos casos em que se comenta sobre o código, sem promover avanço no que se refere à relação entre metalinguagem e construção do discurso.

Na esteira dessas investigações, podemos situar algumas tendências analíticas à luz de critérios mencionados em nosso trabalho, isto é, à luz de critérios mais subjetivistas ou menos subjetivistas. Em relação ao primeiro, destacamos que grande parte dos trabalhos sobre metadiscorso atribui a Andrée Borillo (1985) o tratamento do fenômeno de um ponto de vista pragmático, que o concebe a partir de uma noção ampla de código e de uma realidade concreta de uso da língua.³⁰ Nesse entendimento, o metadiscorso refere-se “[...] aos próprios signos [...], aos enunciados [...], [mas] integra também outros fatores, como o próprio ato de enunciação, suas condições enunciativas e as intenções e estratégias discursivas do locutor” (Borillo, 1985, p. 49, tradução nossa).³¹ Com base nisso, a autora destacou, à época de sua investigação, a existência de três modalidades de função metadiscursiva quando de seu funcionamento como glosa do próprio discurso: (i) a que, centrada no código em uso, faz referência ao discurso (numa aproximação com a noção estruturalista de metalinguagem); (ii) a que, para explicar certas condições do discurso ligadas à inteligibilidade do diálogo, a ele se refere como fato enunciativo; e (iii) a que, em termos organizacionais e estruturais, faz referência ao discurso enquanto construção de enunciados.

Antes de prosseguir com a discussão, uma precisão relacionada a uma tendência de análise das manifestações do metadiscorso, que se pauta num critério subjetivista, se faz necessária. Trata-se de uma precisão quanto aos trabalhos de Hyland (1998; 2019), constituídos a partir da linguística sistêmico-funcional de Halliday. Dessa perspectiva, o metadiscorso diz respeito à maneira como os escritores se projetam em seus textos, a fim de marcar intenções comunicativas relacionadas ao entendimento do texto enquanto produto e da interação enquanto troca verbal entre autor e leitor (Hyland, 1998). Destacamos que seus trabalhos têm sido muito utilizados em pesquisas em Linguística Aplicada, em estudos de letramentos acadêmicos, na

³⁰ Segundo Lima (2009, p. 68), essa concepção de metadiscorso “[...] cumpre uma realidade concreta de metalinguagem, enquanto a noção de metalinguagem, elaborada por Jakobson (op. cit.) e complementada por Rey-Debove (op. cit.), mantém-se presa a uma visão de língua como estrutura, e não como uso”.

³¹ No original, “[...] soit il porterait sur les signes eux-mêmes [...], soit il mentionnerait des énonces [...]. Or le discours s’élabore en intégrant également d’autres facteurs tels que l’acte d’énonciation lui-même, ses conditions énonciatives, les intentions et stratégies discursives du locuteur”.

investigação de comunidades disciplinares.³² Em razão desses trabalhos lidarem com *corpora* extensos de gêneros acadêmico-científicos consolidados, como artigos científicos, dissertações e teses, optamos por considerar um modelo teórico mais adequado ao corpus da presente pesquisa, caracterizado como proveniente de prática que se distingue da esfera acadêmico-científica, tal como concebida nos trabalhos de Hyland. Há também uma diferença marcada em relação ao que se concebe como dado da investigação, o que implica um conjunto de material distinto. No caso dos trabalhos de Hyland, é sabido que os procedimentos teórico-metodológicos assumidos pelo autor demandam grande quantidade de dados para que a discussão seja promovida naquele campo. Não é o caso de nossa investigação, que privilegia uma análise qualitativa, na investigação de relações de fronteira e constituição entre discursos.

No Brasil, um dos tratamentos dados ao metadiscorso a partir de uma visão textual-interativa de linguagem foi formulado por Jubran (2005; 2009). A perspectiva textual-interativa (PTI) é uma vertente da Linguística Textual que se interessa por processos de ordem textual e interacional envolvidos na construção de textos, assumindo que diferentes processos – como organização tópica, repetição, correção, parafraseamento, parentetização, tematização/rematização, referenciação e uso de marcadores discursivos – funcionam num *continuum* que vai do mais textual (quando recaem sobre formulação linguística, organização tópica) ao mais interacional (quando recaem sobre interlocutores, situação de comunicação). A investigação dos diferentes processos de construção textual é, nesse âmbito, sempre articulada à natureza do gênero discursivo materializado por um determinado conjunto de textos. Nessa concepção, fundada a partir de contribuições da Linguística Textual, da Pragmática e da Análise da Conversação, a atividade verbal congrega “[...] fatores enunciativos que lhe dão existência e que se revelam nos próprios processos de elaboração textual” (Jubran, 2006, p. 31).³³

Nesse locus, Jubran (2005) situa o metadiscorso em meio às discussões sobre o processo de referenciação, a partir do qual se compreende que não há correspondência direta entre referentes instanciados no texto e objetos do mundo, mas, sim, uma relação dinâmica e intersubjetiva entre esse processo de construção textual e a criação e a manutenção de *objetos de discurso*. Assim, o metadiscorso deixa de ser compreendido como mera “menção”³⁴ ao

³² No contexto brasileiro, há também uma entrada no metadiscorso a partir de Hyland nos trabalhos de Cavalcante (2009, dentre outros), de outra perspectiva da Linguística Textual.

³³ O desenho da PTI enquanto instrumento teórico-metodológico é intrínseco ao interesse da descrição dos processos de construção do texto falado, no âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), razão pela qual se tomava como objetos de análise inquéritos de fala e outros tipos de registros de interação oral. Posteriormente, as categorias de análise da PTI passaram a ser empregadas também na descrição de textos escritos, de uma perspectiva tanto sincrônica quanto diacrônica (cf. Penhavel; Cintra, 2022).

³⁴ As aspas são de Jubran (2005, p. 220).

discurso e passa a ser concebido como modalidade de referenciação a partir da qual “[...] as palavras são usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, indicando a introjeção da instância da enunciação na materialidade textual” (Jubran, 2005, p. 220) e configurando, assim, o próprio discurso como objeto-de-discurso. Trata-se, portanto, de uma diferença entre a natureza dos objetos de discurso construídos pelos diferentes processos de referenciação: enquanto a referenciação tópica lida com referentes ideacionais, a referenciação metadiscursiva constrói e atualiza objetos de discurso relativos à própria atividade enunciativa. Na apreensão do fenômeno, a autora formula diferentes tipos de modalidades de metadiscurso que tentam dar conta da multiplicidade de fatores da atividade enunciativa que podem ser construídos como referentes no nível do texto.

O modelo analítico proposto por Jubran (2005) lida com cinco modalidades de metadiscurso reconhecíveis na materialidade textual: (i) referências à elaboração do texto, no que diz respeito à sua formulação linguística; (ii) referências à estruturação tópica do texto, em termos de montagem e progressão textual; (iii) referências às instâncias coprodutoras do texto (locutor e interlocutor), que se marcam no texto a fim de estabelecer condições dialógicas para assegurar o intercâmbio verbal; (iv) referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na dinâmica da interação verbal, ou aos papéis socioinstitucionais de que eles são revestidos, os quais se constituem como o lugar institucionalizado a partir do qual elaboram seu discurso; e, por fim, (v) referências ao próprio ato comunicativo em processo, quanto às suas contingências de realização. Para cada uma dessas modalidades, Jubran (2005) propõe submodalidades que têm como objetivo ampliar a descrição do fenômeno.

Podemos compreender que a ideia do *continuum*, basilar na PTI, mostra-se nessa classificação a partir da distribuição das modalidades em relação ao texto – (i) e (ii) –, aos interlocutores – (iii) e (iv) – e à situação de interação – (v). A autora sinaliza ainda que essas modalidades de metadiscurso se materializam no nível textual a partir de determinados recursos linguístico-discursivos, tais como marcadores discursivos, expressões nominais, frases simples, frases complexas e pares adjacentes (Jubran, 2005). A síntese dessa proposição é apresentada no Quadro 2:

Quadro 2 – Modalidades de metadiscurso de uma perspectiva textual-interativa

Modalidade	Submodalidade
Referências à elaboração do texto	Avaliação sobre propriedade ou não de uso de uma palavra
	Indicação de mudança de registro
	Sinalização de relevo de informação
	Explicitação da referência/grau de abrangência de item lexical

Referências à estruturação tópica do texto	Indicação do tópico discursivo a ser abordado
	Marcação do esquema de composição do texto
	Sinalização de introdução/conclusão de tópico discursivo
	Sinalização de interrupção
	Inserção de parênteses e retomada tópica
	Indicação do estatuto discursivo de um fragmento
Referências às instâncias coprodutoras do texto	Atribuição de qualificações aos interlocutores
	Manifestação de interesse/desinteresse por assunto
	Indicação de outras fontes enunciativas do discurso
	Evocação de conhecimento compartilhado
	Instauração de convivência com interlocutor
	Interpelação ao interlocutor
Referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores	Testagem da compreensão do que é dito
	Menção a papéis discursivos assumidos na interação
Referências ao próprio ato comunicativo em processo	Menção a papéis socioinstitucionais
	Estabelecimento de natureza da interação
	Estabelecimento de condições para realização de evento comunicativo
	Avaliação do modo pelo qual se processa o ato comunicativo
	Negociação sobre como conduzir evento comunicativo

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Jubran (2005).

De outra perspectiva, constituída a partir de um critério não subjetivista, podemos mencionar os trabalhos sobre metaenunciação e metadiscursividade desenvolvidos na seara da Análise do Discurso de linha francesa. É Authier-Revuz (1998) que, no desenvolvimento das investigações relacionadas à heterogeneidade enunciativa, propõe-se a descrever um inventário de formas que caracterizam não coincidências do dizer – momentos determinados pelo inconsciente e pelo interdiscurso durante os quais o sujeito, na ilusão de controle dos sentidos, comenta sua própria enunciação. Nesse estudo, a autora descreve a existência de quatro não-coincidências que se manifestam na forma de glosas metaenunciativas: (i) a não coincidência interlocutiva, que se trata da relação de diferença estabelecida entre os sentidos compartilhados pelos interlocutores; (ii) a não coincidência do discurso consigo mesmo, relacionada a formulações advindas de um discurso diferente daquele de quem enuncia; (iii) a não coincidência entre as palavras e as coisas, relacionada à busca pela completude de sentido no emprego de uma palavra ou termo; e, por fim, (iv) a não coincidência das palavras consigo mesmas, que se trata das glosas que buscam ou fixar um único sentido para o que é dito, ou fazer ressalvas em relação ao que foi dito anteriormente. Lima (2009), ao pontuar a influência que a descrição detalhada de Authier-Revuz (1998) exerceu nos estudos linguísticos, menciona que semelhanças podem ser encontradas nesse quadro e em outros, como o de Jubran (2005).

Num deslocamento do interesse pelas formas – representado pelo trabalho de Authier-Revuz (1998) – para as funções discursivas do metadiscurso, Maingueneau (1997) concebe o

fenômeno como manifestação da heterogeneidade enunciativa, ao propor que um locutor não dialoga só com sujeitos distintos no ato de enunciação (*in praesentia* ou *in absentia*), mas com níveis distintos no (seu próprio) enunciado. O reconhecimento desses níveis distintos, da perspectiva do autor, integra a concepção de que “[...] o dito é constantemente atravessável por um metadiscorso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência” (Maingueneau, 1997, p. 93), fato que permite ao analista investigar “pontos sensíveis” no modo como uma formação discursiva se constitui tanto em relação à língua quanto ao interdiscurso. Dito de outro modo, se, de uma perspectiva textual-interativa, as modalidades de metadiscorso servem à investigação da ancoragem referencial do próprio processo de enunciação, de uma perspectiva discursiva, o metadiscorso se coloca como fato de discurso que indicia o modo como um discurso define sua imagem e identidade no universo interdiscursivo – isso porque, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 326), “[...] o locutor tem, de fato, bastante interesse em oferecer em espetáculo o *ethos* de um homem atento a seu próprio discurso e ao discurso de outros”.

Assim como Jubran (2005), Charaudeau e Maingueneau (2004) citam o trabalho de Borillo (1985) para corroborar a ideia de que o metadiscorso é de difícil definição. Essa dificuldade se traduz, em termos de investigação linguística, na impossibilidade de apreender operações metadiscursivas de modo exaustivo, processo que, na concepção de Maingueneau (1997), desdobrar-se-ia ao infinito. Considerada essa dificuldade, o que interessaria à AD é descrever o fenômeno linguístico-discursivo no âmbito de determinado contexto de realização, uma vez que “[...] uma operação metadiscursiva inscreve-se em uma interação rigorosa, ajustando a enunciação em função de coerções imediatas ou gerais, não sendo, em nenhum caso, gratuita” (Maingueneau, 1997, p. 94). Para tanto, os autores propõem classificações operatórias de funções discursivas do metadiscorso que permitiriam o reconhecimento desse trabalho de ajustamento da enunciação realizado pelo sujeito. Uma síntese das categorias e exemplos propostos por Maingueneau (1997) e Charaudeau e Maingueneau (2004) está disposta no Quadro 3:

Quadro 3 – Funções do metadiscorso de uma perspectiva discursiva

Função	Exemplo de manifestação
Construir imagem do locutor	“Para parecer erudito”, “para falar como os políticos”
Marcar inadequação dos termos	“Metaforicamente”, “de alguma forma”, “se é possível afirmar”, “por assim dizer”
Autocorrigir-se	“Ou melhor”, “deveria ter dito”, “olhe o que estou dizendo!”, “mais exatamente”
Corrigir o outro	“Você quer dizer”

Confirmar o dito	“É exatamente o que estou dizendo”
Solicitar permissão para empregar certos termos	“Se você me permitir a expressão”
Fazer uma preterição	“Eu ia dizer”, “não direi”
Corrigir antecipadamente possível erro de interpretação	“No sentido X da palavra”, “em todos os sentidos da palavra”, “metaforicamente”
Desculpar-se	“Desculpe-me a expressão”, “se eu posso me permitir”
Reformular o propósito	“Dito de outra forma”, “em outras palavras”

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Maingueneau (1997) e Charaudeau e Maingueneau (2004).

Essa proposição lida com uma concepção de metadiscurso na qualidade de “sintoma” e se distancia de outras que poderiam conceber essas manifestações como estratégias para corrigir falhas na comunicação, como visto em tendências pragmáticas de análise do fenômeno. Do ponto de vista da subjetividade, Maingueneau (1997, p. 95) compreende que, por meio do metadiscurso, “[...] o sujeito denega o lugar que lhe destina a formação discursiva em que se constitui: em lugar de receber sua identidade deste discurso, ele parece construí-la, ao tomar distância, instaurando ele mesmo as fronteiras pertinentes”. Trata-se de afirmação cara a esta pesquisa, pois coloca o metadiscurso como uma questão teórico-metodológica que permite apreender o modo como o sujeito do discurso (no caso, o escrevente universitário, pesquisador em formação), na relação com uma multiplicidade de vozes, projeta uma imagem de si na entrada em um “novo” discurso, ou em um discurso em vias de (tentar) se estabilizar – no caso, o discurso de divulgação científica na universidade.

Nosso interesse nas categorias linguísticas e discursivas expostas (na consideração da PTI como teoria auxiliar), relaciona-se com uma tentativa de estudar o metadiscurso no âmbito de uma perspectiva etnográfico-discursiva dos Novos Estudos de Letramento, isto é, de compreender os procedimentos metadiscursivos como fatos de discurso simultâneos ao processo de formulação linguística, na direção do que propõe Corrêa (2011). Esse interesse encontra respaldo em Possenti (2000, p. 101), cujo trabalho compreende que os processos metaenunciativos “[...] são efeitos *simultaneamente* do discurso e das circunstâncias”, rompendo, assim, com uma lógica totalmente subjetivista – que considera critérios unicamente pragmáticos – ou totalmente não subjetivista – que considera unicamente critérios advindos da noção de assujeitamento – na investigação das funções do metadiscurso do locutor.

Nesse ponto, vale a menção ao tratamento que Corrêa (2004, p. 49) dá ao metadiscurso no entendimento da escrita como um modo de enunciação heterogêneo: menciona-o como um “[...] movimento que o escrevente faz na direção de marcar pistas linguísticas que, em determinado momento e por diferentes razões, adquirem *saliência* em sua escrita”. Em outro trabalho, específico sobre a atividade de reformulação (em que uma formulação é negada para

instauração de outra), concebe o retorno do sujeito ao próprio texto como um trabalho com a reflexividade da linguagem, “[...] propriedade que consiste no fato de a linguagem poder tomar como objeto a própria linguagem na dimensão da língua, do enunciado, do texto ou do discurso” (Corrêa, 2022, p. 209). Da perspectiva do autor, o componente central dessa reflexividade (no contexto do letramento acadêmico-científico) é a relação que se estabelece entre escrevente e o seu outro, ou, ainda, a “[...] representação de suas relações com seus outros” (Corrêa, 2022, p. 214-215), em termos de uma negociação com distintas dimensões.

Compreendemos, assim, que há ganhos teórico-metodológicos se o metadiscurso for discutido do ponto de vista do trabalho do sujeito com a linguagem, seara na qual o retorno que o escrevente faz a formulações discursivas em seu próprio texto passa a ser compreendido como um *procedimento metadiscursivo* instanciado por restrições imediatas e não imediatas da situação de enunciação, e impostas pelas relações de fronteira e constituição entre discursos. O termo “procedimento” busca flagrar esse processo de trabalho com a reflexividade da linguagem, por meio da descrição de momentos em que algum aspecto da atividade enunciativa (sua formulação linguística, organização tópica, seus interlocutores e sua natureza enquanto atividade enunciativa) é construído e/ou atualizado como objeto de discurso pelo escrevente. Sendo o metadiscurso um fenômeno linguístico que se manifesta na materialidade textual a partir de coerções imediatas (como propõe Jubran, 2005) e não imediatas (como propõe Maingueneau, 1997), seria possível admitir sua relação não apenas com a manutenção da situação de interação, mas também com funções discursivas diversas, tais como a construção de uma imagem de locutor.

Assim, podemos compreender que, ao formular um comentário metadiscursivo cuja referência é a formulação linguística (por exemplo, um conceito teórico), o escrevente busca circunscrever determinado sentido para o que diz e, ao mesmo tempo, projetar uma imagem de locutor preocupado com a compreensão dos termos que utiliza. Esse movimento nos permite pensar a função de construção de imagem de locutor (Maingueneau, 1997) como uma *macro função* discursiva do metadiscurso, uma vez que outras funções mencionadas pelo autor (como autocorreção, testagem dos termos utilizados, pedido de desculpas) funcionam, no fio do discurso, em favor da projeção de um determinado *ethos* discursivo na negação de outro(s).

No contexto da escrita acadêmico-científica, o modo como se configuram esses procedimentos aponta para restrições imediatas relativas ao cumprimento de determinada atividade, por exemplo, e não imediatas relativas à circulação do escrevente por diferentes tipos de discurso, como o discurso científico, o discurso da divulgação científica e o discurso acadêmico. As fronteiras entre esses tipos de discurso são, assim, (i) supostas pelo sujeito a

partir de certa competência (inter)discursiva; e (ii) instauradas pelo sujeito para a manutenção da enunciação por/a partir de um determinado discurso. Os procedimentos metadiscursivos flagrados nas produções textuais analisadas estão intrinsicamente relacionados à questão da passagem de um discurso para outro (do discurso científico para o discurso da divulgação científica) e à instauração, pelo sujeito escrevente, de fronteiras pertinentes ao discurso a partir do qual se enuncia (de modo que o discurso científico não se confunda com o discurso da divulgação científica). Desse modo, acreditamos que está posta uma entrada para o estudo de fatos de discurso que se manifestam na textualidade.

Nesta seção, apresentamos as concepções de letramento, escrita, sujeito e metadiscurso às quais nos filiamos na assunção de uma perspectiva etnográfico-discursiva de estudo das práticas letradas acadêmico-científicas. Na próxima seção, descrevemos o contexto de coleta do material, a constituição do corpus da pesquisa, organizado em dois eixos de análise, e os procedimentos de análise empregados na investigação dos roteiros de podcast de divulgação científica e dos comentários reflexivos produzidos por pós-graduandos.

4 MATERIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 DESCRIÇÃO DO CONJUNTO DO MATERIAL

O conjunto do material é formado de 76 produções textuais escritas produzidas por escreventes universitários (graduados, mestrands, mestres, doutorandos) vinculados a três Instituições de Ensino Superior da região sudeste do Brasil e a quatro Programas de Pós-graduação com atuação em atividades de internacionalização da pesquisa e de formação de professores/pesquisadores globalizados. Os PPG, vinculados às grandes áreas de Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes, são os seguintes: (i) PPG em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), conceito 5 na última avaliação quadrienal da CAPES (2017-2020); (ii) PPG em Filologia e Linguística Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, conceito CAPES 5; (iii) PPG em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), conceito CAPES 6; e (iv) PPG em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto/SP, conceito CAPES 7.³⁵

Esse conjunto do material constitui o banco de dados *Brazilian Academic Multiliteracy Corpus* (BrAMCorp), vinculado ao mencionado Projeto Temático FAPESP “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para a formação de professores e de pesquisadores globalizados”. Atualmente em desenvolvimento, o BrAMCorp é formado de produções acadêmicas de aprendizes (portanto não *experts*) coletadas longitudinalmente em disciplinas e cursos oferecidos pelas IES vinculadas ao Projeto Temático (UNESP, UNICAMP e USP). Subdivide-se em três bancos, relativos a cada tipo de material coletado e armazenado. As atividades com que trabalhamos constituem o banco BrAcLits: *Brazilian Academic Literacies*, relacionado ao subprojeto UNESP, no qual estão armazenadas produções advindas de práticas de escrita acadêmica para divulgação de conteúdo científico e educativo (como textos escritos para serem veiculados em formato de podcast), por um lado, e de reflexões metalinguísticas e metadiscursivas dos aprendizes (como textos reflexivos sobre a participação em distintas práticas letradas).

³⁵ Como é sabido, os PPG são atualmente avaliados pela CAPES dentro de áreas de avaliação (tais como Educação, vinculada à grande área das Ciências Humanas e ao colégio de Humanidades; e Letras e Linguística, vinculada à grande área de Linguística, Letras e Artes e ao colégio de Humanidades), processo a partir do qual recebem quadrienalmente “conceitos” que vão de 1 a 7. Conceitos superiores a 5 são atribuídos a PPG de excelência, com cursos de mestrado e doutorado e atividades voltadas à internacionalização da pesquisa. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao>. Acesso em: 28 maio 2025.

As produções textuais que integram o corpus da pesquisa subdividem-se em dois subconjuntos, relativos a seus dois eixos de análise: (i) 38 roteiros escritos de podcast de divulgação científica concernente à pesquisa desenvolvida pelo escrevente universitário; e (ii) 38 comentários reflexivos sobre o processo criativo de divulgação científica. Os textos foram coletados a partir de atividades desenvolvidas no contexto de uma disciplina eletiva de pós-graduação oferecida em consórcio no 1º semestre de 2023 pelos PPG mencionados. De acordo com o programa da disciplina, seus objetivos consistiam em “fornecer subsídios linguístico-discursivos para a produção de gêneros discursivos de natureza acadêmico-científica a partir do exercício de leitura crítica, por parte do estudante, de seu próprio texto” e “propiciar a discussão sobre as propriedades desse gênero em consonância com as características dos letramentos acadêmico-científicos em geral”.³⁶

Ainda de acordo com o programa, a disciplina foi organizada em quatro módulos: “Coerções e dominâncias do discurso científico no letramento acadêmico-científico”, “Modos de dizer em/de gêneros acadêmico-científicos”, “Letramentos acadêmico-científicos em campos que não o das Ciências Humanas” e “Letramentos como ações éticas e políticas”, a partir do qual foi discutido problema da desinformação e seu enfrentamento. As atividades das quais derivam o conjunto do material desta pesquisa dizem respeito à produção, por parte do escrevente universitário (pesquisador em formação), de uma sequência de gêneros da esfera acadêmico-científica ao longo desses módulos, como carta de intenção para ingresso em PPG, resenha crítica, *press release*, dentre outros. Destacamos que, conforme o documento citado, a entrega das atividades constituiu critério de avaliação (80% da nota final, junto à participação em discussões de textos teóricos durante as aulas) dos discentes matriculados. Ao todo, a disciplina teve um total de 64 matriculados, entre mestrandos (23), doutorandos (16) e alunos especiais (25, entre graduados, mestres e candidatos a cursos de Mestrado e Doutorado das IES participantes).³⁷

Ao final do último módulo e de uma discussão sobre a emergência da prática de divulgação científica na esfera acadêmica, os discentes matriculados deveriam produzir dois conjuntos de textos, em duas etapas de realização de uma das atividades da disciplina: (i) um roteiro escrito de podcast de divulgação científica concernente a sua pesquisa (em desenvolvimento ou a ser desenvolvida), com mínimo de 400 palavras e máximo de 800; e (ii)

³⁶ Disponível em: <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pos-Graduacao475/EstudosLinguisticos/top-esp-al--oficina-de-letramentos-academicos-profs-komesu-manoel-etc.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

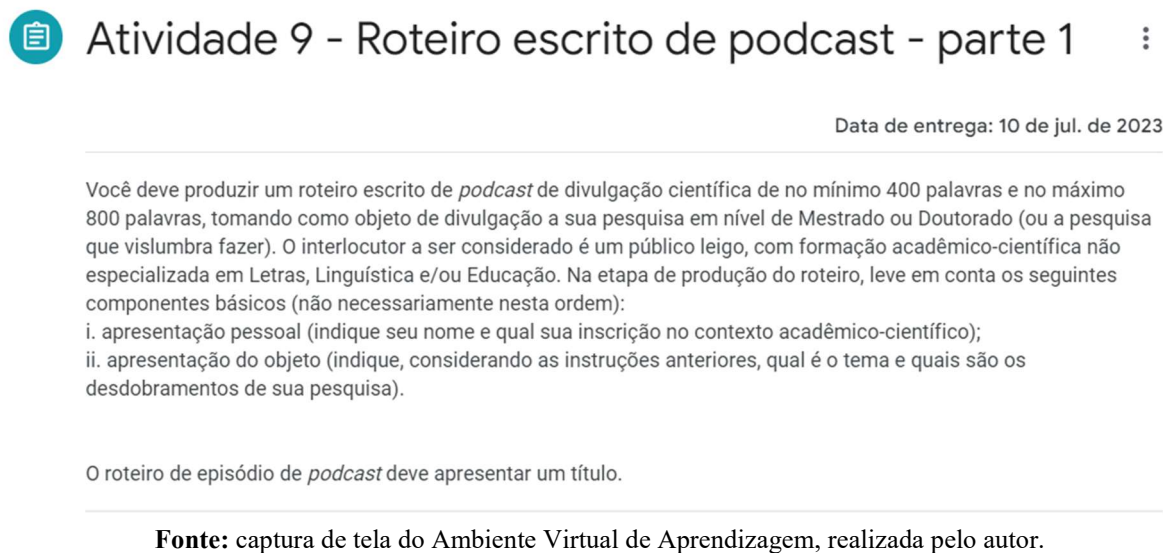
³⁷ As informações citadas foram disponibilizadas por uma das docentes da disciplina, orientadora desta pesquisa.

um comentário reflexivo sobre a atividade realizada anteriormente (produção do roteiro, processo criativo de divulgação científica), com mínimo de 150 palavras e máximo de 300.

Em razão do objetivo da disciplina – discutir a constituição de gêneros acadêmico-científicos a partir do exercício de leitura crítica por parte do estudante –, cabe destacar que não houve momento de instrução explícita relacionada ao gênero solicitado ou à prática de divulgação científica, isto é, o gênero e a prática não se constituíram como objetos de ensino. Desse modo, o que se coloca para análise nas produções textuais se trata de representações dos escreventes sobre o gênero e a prática advindas não de um conjunto de conhecimentos formalizados como objeto de ensino (o que adicionaria uma camada extra à análise), mas sim de sua circulação por diferentes práticas letradas não necessariamente escolarizadas – dados de interesse de uma perspectiva etnográfico-discursiva dos estudos de letramento (Corrêa, 2011).

Na conclusão do prazo de entrega, os aprendizes deveriam compartilhar os arquivos com os professores da disciplina por meio da plataforma Google Sala de Aula. A instrução para realização das atividades pode ser observada a seguir, nas Figuras 1 e 2:

Figura 1 – Instrução para produção do roteiro escrito de *podcast* (Parte 1)



 **Atividade 9 – Roteiro escrito de podcast – parte 1** :

Data de entrega: 10 de jul. de 2023

Você deve produzir um roteiro escrito de *podcast* de divulgação científica de no mínimo 400 palavras e no máximo 800 palavras, tomando como objeto de divulgação a sua pesquisa em nível de Mestrado ou Doutorado (ou a pesquisa que vislumbra fazer). O interlocutor a ser considerado é um público leigo, com formação acadêmico-científica não especializada em Letras, Linguística e/ou Educação. Na etapa de produção do roteiro, leve em conta os seguintes componentes básicos (não necessariamente nesta ordem):

- i. apresentação pessoal (indique seu nome e qual sua inscrição no contexto acadêmico-científico);
- ii. apresentação do objeto (indique, considerando as instruções anteriores, qual é o tema e quais são os desdobramentos de sua pesquisa).

O roteiro de episódio de *podcast* deve apresentar um título.

Fonte: captura de tela do Ambiente Virtual de Aprendizagem, realizada pelo autor.

Como é possível visualizar na Figura 1, a instrução para a produção do roteiro escrito de *podcast* de divulgação científica priorizava aspectos relacionados à extensão do texto (400 a 800 palavras), ao seu conteúdo (a pesquisa do próprio pesquisador em formação como objeto de divulgação) e ao interlocutor a ser considerado (público leigo, sem formação consolidada nas áreas de atuação dos pesquisadores). A instrução solicitava ainda que quatro elementos obrigatórios constassem nos roteiros: o direcionamento a um público leigo, uma apresentação

pessoal do pesquisador, uma apresentação de seu objeto de pesquisa (considerados tema e desdobramentos da pesquisa) e um título atribuído ao episódio roteirizado.

Figura 2 – Instrução para produção do comentário reflexivo (Parte 2)



Atividade 10 - Roteiro escrito de podcast - parte 2 (comentário)

Data de entrega: 10 de jul. de 2023

Considerando a atividade do roteiro escrito de *podcast* (parte 1), elabore um texto de caráter reflexivo (com no mínimo 150 e no máximo 300 palavras) em que você apresenta considerações sobre o processo criativo de divulgação científica.

Fonte: captura de tela do Ambiente Virtual de Aprendizagem, realizada pelo autor.

Na Figura 2, por sua vez, é possível visualizar a instrução para a produção da segunda parte da atividade. Trata-se de uma instrução sucinta, que solicitava dos escreventes a produção de um comentário reflexivo relacionado à atividade realizada anteriormente, isto é, à produção do roteiro escrito de *podcast* de divulgação científica. A instrução mencionava apenas a extensão do texto (150 a 300 palavras) como norma para realização da atividade e requisitava que o escrevente apresentasse considerações sobre o processo criativo da prática de divulgação científica. A ausência de sistematização em relação à natureza da atividade reflete a tendência analítica assumida neste trabalho, a saber, a de discutir as redefinições dos gêneros discursivos coletados apenas em relação ao primeiro subconjunto do material (roteiros de *podcast*), mas não em relação ao segundo. Neste trabalho, os comentários reflexivos constituem o segundo eixo de análise, a partir do qual exploramos representações dos escreventes universitários sobre a divulgação científica de seu trabalho acadêmico, sem o interesse em discutir sua constituição genérica.

Ao todo, foram coletadas 95 produções textuais, sendo 48 delas referentes à primeira parte da atividade, e 47 referentes à segunda parte. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram: (i) ser matriculado na disciplina oferecida em consórcio, independentemente da IES de origem (aluno regular ou aluno especial); (ii) ter realizado pelo menos uma das produções textuais (roteiro escrito de *podcast* ou comentário reflexivo). Os de exclusão, por sua vez, foram: (i) ser aluno ouvinte da disciplina; (ii) não ter realizado nenhuma das atividades-alvo da pesquisa ou ter escrito menos de 20% do previsto (menos de 160 palavras, no caso do roteiro escrito de *podcast*; menos de 60 palavras, no caso do comentário reflexivo). Como

mencionado, o conjunto do material da pesquisa constitui o banco de dados do Projeto Temático ao qual ela se vincula – o BrAMCorp –, motivo pelo qual o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) aplicado para solicitação de participação no estudo foi aquele à época já aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP (CAAE 67001923.9.1001.8142), instituição responsável pelo Projeto.

Após a aplicação desses critérios, chegamos a um conjunto de 39 roteiros de *podcast* (numa redução de 18,7% em relação ao número total de produções coletadas inicialmente) e 38 comentários reflexivos (numa redução de 19,1% em relação ao número total). Esses números excedem em média 20,2% (21,8% no caso do primeiro conjunto, e 18,7% no caso do segundo) a expectativa inicial de coleta de ao menos metade das produções textuais dos universitários – isto é, 32 textos em cada atividade, considerando um total de 64 discentes matriculados na disciplina.

Depois da coleta, as produções textuais foram armazenadas em nuvem em servidor próprio e codificadas em relação: (i) à atividade (A) à qual se referem, em ordem de solicitação (A1 – roteiro de *podcast* de divulgação científica; A2 – comentário reflexivo); (ii) à universidade (U) à qual o participante se vincula, em ordem alfabética (U1 – PUC Minas; U2 – UNESP; U3 – USP); (iii) ao PPG (P) ao qual o participante se vincula, em ordem alfabética de IES (P1 – PPG em Letras da PUC Minas; P2 – PPG em Estudos Linguísticos da UNESP; P3 – PPG em Educação da USP; P4 – PPG em Filologia e Linguística Portuguesa da USP); (iv) ao nome do participante dentro da IES e do PPG, em ordem alfabética (01, 02, 03, 04 e assim sucessivamente), com anonimização de dados pessoais, como assegurado pelo TCLE. Desse modo, a título de exemplo, a produção textual codificada como A1U1P1_01 se refere ao roteiro de *podcast* (A1) produzido por participante vinculado à PUC Minas (U1) e a seu PPG em Letras (P1), em ordem alfabética (01) dentro do quadro de participantes advindos dessa IES e desse PPG. Essa codificação está organizada a seguir, no Quadro 4:

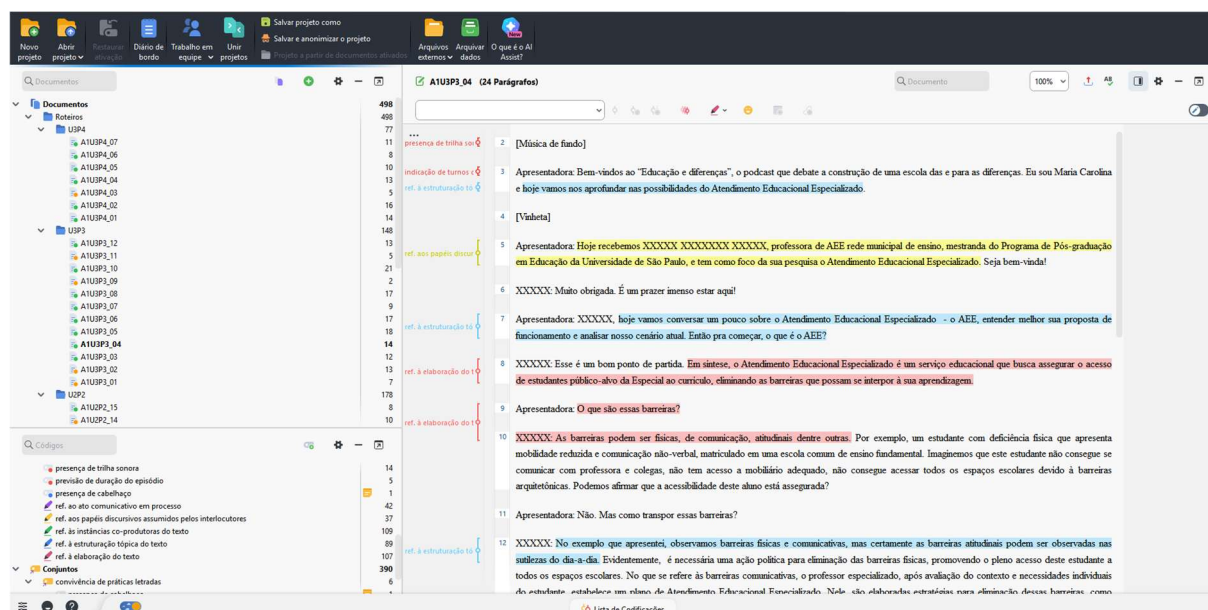
Quadro 4 – Codificação da organização do material coletado

Código				Atributo			
“A”				Atividade			
“A1”		“A2”		Roteiro escrito de <i>podcast</i>		Comentário reflexivo	
“U”				Universidade			
“U1”	“U2”	“U3”		PUC Minas	UNESP	USP	
“P”				Programa de Pós-graduação			
“P1”	“P2”	“P3”	“P4”	Letras	Estudos Ling.	Educação	Filo. e Ling. Pt.

Fonte: elaborado pelo autor.

Após a codificação, o conjunto do material foi organizado com auxílio do *software* de análise qualitativa MAXQDA Analytics Pro 2024, ferramenta que possibilita a criação de etiquetas para categorias de análise em documentos de diversos formatos, tais como arquivos de textos verbais e verbovisuais.³⁸ O *software* tem sido utilizado em outras pesquisas do grupo “Práticas de leitura e escrita em contexto digital” (UNESP/CNPq), tais como as de Komesu, Assis e Donahue (2023), Alexandre (2024) e Costa (2024). Nesta investigação, o MAXQDA foi utilizado para organização dos arquivos e contabilização de palavras e caracteres do material, bem como para o balizamento de aspectos linguístico-discursivos (em termos de ocorrência) e sistematização das categorias de análise. Ressaltamos que a análise não foi automatizada por meio da ferramenta, mas, sim, conduzida pelo pesquisador com base nas funcionalidades de categorização de sequências textuais oferecidas pelo MAXQDA. Um exemplo da organização dos dados e das categorias de análise pode ser visualizada a seguir, na Figura 3:

Figura 3 – Amostragem da organização dos dados no *software*



Fonte: captura de tela realizada pelo autor.

Após a organização, verificamos seguinte disposição das produções textuais em relação às IES e aos PPG aos quais os participantes estão vinculados: quanto à A1 (roteiro escrito de *podcast*), há 05 textos referentes a U1 (PUC Minas)/P1 (Letras) (12,9% de um total de 39), 15 textos referentes a U2 (UNESP)/P2 (Estudos Linguísticos) (38,4%), e 19 textos referentes a U3

³⁸ Disponível em: <https://www.maxqda.com>. Acesso em: 28 maio 2025.

(USP), sendo 12 de P3 (Educação) (30,7%) e 07 de P4 (Filologia e Linguística Portuguesa) (18%), num total de 39 produções textuais (100%). Quanto à A2 (comentário reflexivo), há também 05 textos referentes a U1/P1 (13,1% de um total de 38) e 19 textos referentes a U3, sendo 12 de P3 (31,5%) e 07 de P4 (18,5%); houve uma discrepância entre A1 e A2 no que se refere a U2/P2, aos quais foram atribuídos 14 textos (36,9%) em A2 (01 texto a menos que em A1), num total de 38 produções textuais (100%). A discrepância é justificada pela entrega de apenas uma das partes da atividade (A1) por um participante de U2/P2. Para equiparar o número de produções distribuídas entre os dois subconjuntos e o par roteiro-comentário (isto é, o fato de estar registrado, no conjunto do material, um comentário reflexivo para cada roteiro escrito de *podcast* fornecido pelos participantes), uma atividade do primeiro conjunto (A1) que não apresenta comentário reflexivo correspondente (A2) foi excluída. A organização final do conjunto do material é representada a seguir, na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantidade de produções em relação à filiação institucional dos participantes

A1 (roteiro escrito de <i>podcast</i>)				A2 (comentário reflexivo)			
U1	U2	U3		U1	U2	U3	
05	14	19		05	14	19	
P1	P2	P3	P4	P1	P2	P3	P4
05	14	12	07	05	14	12	07
38				38			
Total: 76 produções textuais							

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim sendo, chegamos ao total de 76 produções textuais analisadas, subdivididas em 38 roteiros escritos de *podcast* de divulgação científica e 38 comentários reflexivos. Passamos agora à descrição dos procedimentos de análise assumidos no trabalho com o conjunto do material.

4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Antes de detalhar os procedimentos empregados na análise do conjunto do material, apresentamos observações de cunho teórico-metodológico a respeito de sua natureza. Como explicitado, o corpus da pesquisa é constituído, em parte, de produções textuais coletadas a partir de atividades acadêmicas que solicitavam que o escrevente ocupasse o posicionamento de produtor de um roteiro de *podcast* de divulgação científica, isto é, de um divulgador científico. Desse modo, o que se registra no conjunto do material não materializa uma prática de divulgação científica propriamente dita (tal como os *podcasts* de divulgação científica

mencionados anteriormente, Dragões de Garagem e Fronteiras da Ciência), mas uma situação ficcionalizada, a partir da qual o pesquisador em formação deveria realizar o exercício de pensar sua própria pesquisa à luz de um destinatário sem formação especializada na área de estudos em questão.³⁹ Como mencionado, no contexto da disciplina, a produção textual figurava como um dos objetos de avaliação do aluno matriculado.

Desse modo, há um dado relevante a ser observado quanto ao contexto extraverbal (Volóchinov, 2019) dos enunciados que constituem o corpus da pesquisa: a amplitude sociocultural e histórica da qual esses enunciados emergem é a de um quadro institucional que envolve a participação de docentes e discentes no ambiente de uma disciplina, a partir da qual os escreventes tiveram de produzir diferentes produções textuais pelas quais seriam avaliados posteriormente. Assim sendo, ainda que o propósito da atividade fosse o de convidar o escrevente a se posicionar como um divulgador científico e que o propósito desta pesquisa seja o de investigar relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica, o material com que efetivamente lidamos é atravessado por valores atribuídos pelo escrevente não somente à constituição do gênero roteiro de *podcast* e da prática de divulgação científica, mas também à disciplina, aos mecanismos avaliativos do contexto acadêmico etc. Essa percepção afasta a pesquisa de uma função descritiva do modo de funcionamento do discurso de divulgação científica – como pesquisas que trabalharam com materiais autênticos de DC fizeram – e a aproxima de uma função descritiva da heterogeneidade de práticas letradas que constituem o processo de escrita do pesquisador em formação na realização de uma atividade à qual não é afeito.

Como delineado na seção 3, esta pesquisa está ancorada em pressupostos teórico-metodológicos dos Novos Estudos de Letramento e da Análise do Discurso, de acordo com uma perspectiva etnográfico-discursiva de abordagem das práticas letradas acadêmico-científicas. Essa perspectiva implica olhar para “[...] as formulações particulares de um texto [...] não na busca da origem dessas formulações, mas na história de sentido que elas carregam” (Corrêa, 2011, p. 334), privilegiando o texto efetivamente produzido pelo escrevente. Desse modo, os procedimentos de análise se voltam à consideração do que Corrêa (2011, p. 335) chama de “fatos de discurso simultâneos à formulação linguística”. Não se trata, portanto, de adotar um

³⁹ O conceito de ficcionalização foi elaborado por Schneuwly (2004) numa agenda centrada na organização do trabalho educacional com os gêneros. De acordo com o autor, esse trabalho implica certa “ficcionalização”, uma vez que “[...] os parâmetros contextuais não estão dados pela situação imediata, mas pré-definidos institucionalmente e materializados no próprio gênero. O enunciador, o destinatário, o lugar social são só parcialmente instâncias físicas e sociais da produção e da recepção imediata e devem, então, ser ‘ficcionalizados’ para aparecer, no texto produzido, em forma de traços diversos” (Schneuwly, 2004, p. 122).

quadro de categorias de análise e testar sua recorrência no material. Trata-se de formular, a partir do próprio material, categorias que englobam fatores sócio-históricos relevantes para a descrição de uma prática de letramento acadêmico-científico de um ponto de vista não subjetivista.⁴⁰

Para cumprir o primeiro objetivo específico da pesquisa – a saber, com base na investigação dos roteiros escritos de *podcast*, analisar procedimentos metadiscursivos (Maingueneau, 1997; Jubran 2005) adotados por escreventes universitários, considerando-se os diferentes modos de envolvimento (ou não) com a realização da atividade –, procedemos inicialmente à identificação das ocorrências de modalidades de metadiscorso descritas por Jubran (2005), originalmente concebidas no âmbito da Perspectiva Textual-Interativa. Neste trabalho, face aos objetivos geral e específicos assumidos, procedemos a uma interpretação discursiva dessas categorias de análise, na soma com categorias emergentes em função da especificidade de nosso material. Em seguida, buscamos observar os diferentes modos de envolvimento do escrevente universitário com a realização da atividade, em termos de maior ou menor proximidade interlocutiva com o que foi solicitado na instrução da atividade, e a relação desses modos de envolvimento com os procedimentos metadiscursivos empregados na construção de uma imagem de locutor.

Para cumprir o segundo objetivo específico da pesquisa – a saber, com base na investigação dos comentários reflexivos, analisar a relação entre presumidos de gêneros do discurso (Corrêa, 2011) e presumidos das práticas discursivas (Volóchinov, 2019), considerando-se a projeção que o escrevente faz das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica –, procedemos à análise qualitativa de regularidades enunciativas nos comentários reflexivos que apontassem para suposições do escrevente universitário a respeito da prática de divulgação científica. Em seguida, sistematizamos essas regularidades em grupos temáticos e as classificamos, buscando caracterizar as relações entre presumidos do gênero do discurso e presumidos da prática discursiva que atuam na constituição do discurso da divulgação científica na universidade.

Nesta seção, descrevemos o contexto de coleta do material, os critérios aplicados para constituição e organização do corpus da pesquisa e os procedimentos de análise empregados na

⁴⁰ Na perspectiva de Corrêa (2011, p. 335), abordagens não atentas a fatores de ordem discursiva podem tomar dados etnográficos obtidos no texto “[...] como dados que, simplesmente, refletiriam e comprovariam uma determinação prévia, seja ela ligada ao contexto situacional, social e histórico”. Em consonância com Maingueneau (1997), acreditamos ser o caso de investigações que tomam a metadiscursividade não como sintoma de restrições de ordem discursiva, mas como efeito de uma intenção comunicativa do produtor do texto/falante, posição que buscamos contornar neste trabalho.

análise dos roteiros de *podcast* e dos comentários reflexivos produzidos pelos participantes. Na próxima seção, apresentamos os resultados obtidos a partir dos dois eixos de análise da pesquisa.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 PROCEDIMENTOS METADISCURSIVOS NOS ROTEIROS DE *PODCAST* E A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE LOCUTOR

Como destacado na seção 3, admitimos, a partir de uma perspectiva etnográfico-discursiva, que fatos de discurso são compreendidos a partir de sua relação simultânea com a atividade de formulação linguística (Corrêa, 2011). Assim, para responder ao primeiro objetivo específico da pesquisa, o de analisar procedimentos metadiscursivos (Maingueneau, 1997; Jubran 2005) adotados por escreventes universitários, considerando-se os diferentes modos de envolvimento (ou não) com a realização a produção do roteiro de *podcast* de divulgação científica, a análise se voltou à sistematização das modalidades de metadiscurso mais recorrentes no conjunto do material, a partir da concepção de Jubran (2005) de que a metadiscursividade é representada pela introjeção de aspectos textuais-interativos na instância da enunciação. O movimento teórico-metodológico realizado foi a apropriação, a partir de uma perspectiva etnográfico-discursiva, de categorias de análise originalmente concebidas para estudo dos processos de construção textual, de uma perspectiva textual-interativa.

Nos estudos sobre metadiscursividade realizados a partir da Perspectiva Textual-Interativa (Jubran, 2000; Lima, 2009; Fortilli, 2016), o que se destaca é a demonstração de que há uma relação intrínseca entre a natureza de determinada interação (isto é, de um determinado gênero do discurso) e a natureza das modalidades de metadiscurso registradas em sua materialidade textual. Nos trabalhos mencionados, a investigação a respeito do gênero entrevista permitiu que os pesquisadores chegassem à conclusão de que o caráter assimétrico de seus interlocutores tem relação com as modalidades de metadiscurso empregadas: no caso da entrevista televisiva, há assimetria entre a figura do entrevistador e a do entrevistado por conta do poder de questionamento do qual o entrevistador é revestido, o que ocasiona numa alta ocorrência de metadiscurso que faz referência às instâncias coprodutoras e à estruturação tópica do texto – no caso de entrevistas realizadas com candidatos à prefeitura de São Paulo (Lima, 2009). No caso da entrevista linguística – como aquelas desenvolvidas no âmbito de projetos de construção de banco de dados de língua falada, como o Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC)⁴¹ e o Projeto Iboruna,⁴² em que há a presença de um documentador (entrevistador) e de um informante (entrevistado) – o estatuto dos interlocutores também é

⁴¹ Disponível em: <https://nurc.fflch.usp.br/>. Acesso em: 28 maio 2025.

⁴² Disponível em: <https://alip.ibilce.unesp.br/>. Acesso em: 28 maio 2025.

assimétrico por conta do poder de organização e condução da interação do qual o entrevistador é revestido, o que implica numa alta ocorrência de metadiscurso que faz referências à estruturação tópica do texto (Fortilli, 2016).

Assumindo a relação entre procedimentos metadiscursivos e aspectos interlocutivos de um dado gênero do discurso como indissociável, consideramos pertinente salientar aspectos que orientaram a análise na investigação das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica em roteiros de *podcast*. Em geral, gêneros materializados pela mídia *podcast* aproximam-se das entrevistas supracitadas pela presença marcada de interlocutores presenciais – no caso de programas de *podcast* de mesa-redonda, *multi-host* ou de entrevista propriamente dita (Figueira; Bevilaqua, 2022) – e delas se distanciam pela presença também marcada de interlocutores que, embora presenciais (na enunciação), não compartilham do mesmo horizonte espacial comum dos interlocutores – no caso do público ouvinte, visível no fio do discurso e ao qual se acena no início, no desenvolvimento e no fechamento do episódio por meio de remissões diretas, perguntas retóricas etc.

Ao tratar de um roteiro de *podcast* de divulgação científica, lidamos com um gênero discursivo que materializa um tipo de discurso – o da divulgação científica – cujas regularidades enunciativas organizam a ocorrência de diferentes estratégias linguístico-discursivas, tais como a reformulação, as quais buscam aproximar termos teóricos do interlocutor visado, situado no exterior desse discurso e da esfera científica (Authier-Revuz, 1998; Grigoletto, 2005; Charaudeau, 2016). Seria de se esperar, portanto, que uma modalidade de metadiscurso recorrente na análise do nosso material fosse aquela que faz referência às instâncias coprodutoras do texto – locutor e interlocutor –, por conta de sua natureza dialogal, e à formulação linguística do texto, por conta de sua natureza explicativa e reformulativa.

Ao assumir uma perspectiva etnográfico-discursiva de estudo das práticas de letramento, podemos admitir que, para além desses encontros presenciais (entre dois ou mais interlocutores), esse tipo de discurso e esse gênero materializam encontros dialógicos tanto em presença quanto em ausência (entre diferentes discursos, formações discursivas, sujeitos), “[...] ambos marcados pelo papel fundamental das réplicas ao já-enunciado, que, situado no processo discursivo, historiciza a ocupação do lugar de sujeito” (Corrêa, 2011, p. 341). No caso do discurso da divulgação científica na universidade, um dos “atos de enunciação não-presenciais” é aquele relativo ao quadro institucional em que é produzido, no qual se dialoga com a figura dos docentes da disciplina (professores que avaliarão a produção do escrevente e lhe atribuirão um conceito) e com a da instituição universidade, que se marca na produção discursiva dos

escreventes universitários de modo constitutivo por conta de sua força coercitiva – outro tipo de relação assimétrica, portanto, dessa vez entre discente e docente/instituição.

Esse tipo de encontro (em ausência) no discurso da divulgação científica na universidade difere-se de outros que ocorrem em práticas de DC que não se constituem no campo acadêmico científico. De nossa perspectiva, consideramos essa ressalva importante pois, como observaram Capristano e Cangussú (2022, p. 121-122) a respeito da escrita infantil em enunciados escolares:

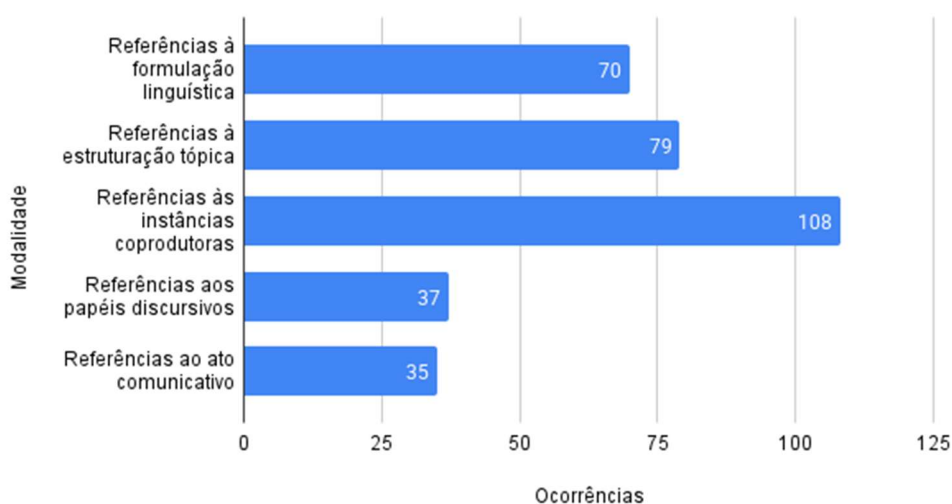
A instituição escolar atua como uma força discursiva determinante das representações construídas pelos escreventes sobre escrever na escola, ou seja, ela fundamenta e constitui a imagem que esses escreventes constroem sobre o que é permitido e o que é interdito para os seus enunciados escritos.

Ainda que o objeto de investigação das autoras (escrita infantil) seja distinto do nosso, podemos pensá-lo no quadro do letramento acadêmico, segundo o qual práticas de leitura e de escrita são consideradas da pré-escola à educação superior, abrangendo a pós-graduação (Lea; Street, 2014). Desse modo, seria possível conceber que, também no contexto da escrita acadêmica, a instituição universitária atua como força determinante das representações do escrevente sobre o que é escrever. Assim, *escrever na universidade implicaria sempre tê-la no horizonte como força coercitiva*, consideradas as “[...] determinações dos diferentes espaços sociais em que a escrita é produzida” (Corrêa, 2011, p. 335). No caso da pesquisa mencionada, Capristano e Cangussú (2022) notaram que essa força da instituição gera oscilações no endereçamento dos enunciados infantis. No contexto de nossa pesquisa, importa observar as implicações dessa força no engajamento do escrevente universitário (sujeito da linguagem) com o discurso da divulgação científica.

Registrados os apontamentos, passamos à apresentação das ocorrências de modalidades de metadiscorso nos roteiros de *podcast* de divulgação científica produzidos por pesquisadores em formação, numa disciplina de pós-graduação. Como categoria analítica, argumentamos que o metadiscorso não deve ser desvinculado de uma discussão sobre práticas sociais que constituem o modo de enunciação escrito e a sua natureza heterogênea, como concebidos por Corrêa (2004). Assim, a ocorrência linguística de uma modalidade de metadiscorso nos roteiros de *podcast* analisados aponta tanto para o processo de organização do texto/discurso, quanto para o conflito fundante da relação interdiscursiva entre discurso científico, discurso da divulgação científica e outros discursos, num espaço interdiscursivo amplo, e para a circulação do sujeito por esses diferentes discursos e presumidos a eles relacionados.

A partir da análise dos roteiros, observamos que as modalidades de metadiscurso (Jubran, 2005) mais frequentes no subconjunto do material estão centradas em: referências às instâncias coprodutoras do texto (108 ocorrências de 329, o correspondente a 32,8% do total), referências à estruturação tópica do texto (79 ocorrências, 24% do total), e referências à formulação linguística do texto (70 ocorrências, 21,2% do total). Em menor número, identificamos referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores (37 ocorrências, 11,2% do total) e referências ao próprio ato comunicativo em processo (35 ocorrências, 10,6% do total). A frequência das modalidades de metadiscurso encontradas nos roteiros de *podcast* é representada a seguir, no Gráfico 2:

Gráfico 2 – Ocorrência de modalidades de metadiscurso nos roteiros de *podcast*



Fonte: elaborado pelo autor.

Como é possível visualizar no Gráfico 2, os resultados da análise confirmaram a expectativa de que os roteiros de *podcast* apresentariam alto índice de movimentos do escrevente em direção ao interlocutor, dado o caráter interlocutivo esperado do gênero. A modalidade de metadiscurso que faz referência à formulação linguística do texto também é recorrente, como esperado, mas menos frequente que as referências à estruturação tópica do texto. Podemos aferir que, para além de priorizar o diálogo marcado entre locutor e interlocutor, o discurso da divulgação científica na universidade contempla também a encenação de uma comunicação “em funcionamento” – nos termos de Authier-Revuz (1998) –, pois frequentemente constrói como objeto de discurso aspectos da atividade enunciativa voltadas à organização e à condução da interação, por um lado, e ao desdobramento linguístico do texto, por outro lado.

Essa classificação, no entanto, não ocorreu de modo isolado. Como havia indicado Jubran (2005), há uma dinamicidade no funcionamento do metadiscorso e certas modalidades podem ocorrer na materialidade textual de modo simultâneo, pois o metadiscorso pode fazer referência a mais de um aspecto da atividade enunciativa ao mesmo tempo. Com efeito, essa assunção encontrou respaldo na análise dos dados e a influenciou ao permitir que, a partir de uma concepção ampla de metadiscorso, um mesmo procedimento fosse identificado como correspondente a mais de uma função textual-interativa e/ou discursiva. É o caso do excerto (01), a seguir, em que o comentário metadiscursivo “**para um melhor entendimento aqui do público**” faz referência tanto às instâncias coprodutoras do texto (em direção à construção de conhecimento compartilhado com o interlocutor, no que se refere à explicação sobre a área de estudos do escrevente) quanto à elaboração do texto (em direção à indicação de mudança de registro, no que se refere ao código de referência compartilhado com o interlocutor). Na apresentação das análises, buscamos destacar em negrito as ocorrências de procedimentos metadiscursivos:

- (01) [...] Uma das abordagens teórico-metodológicas da linguística é a Análise de Discurso. Tal área se propõe a estudar as formas pelas quais o discurso é construído, entendido e utilizado socialmente. Basicamente, **para um melhor entendimento aqui do público**, a AD (como essa abordagem é chamada no meio linguístico) busca entender como as estruturas da língua, presentes nos discursos, se relacionam com os aspectos sociais, políticos, culturais e ideológicos (A1UIP1_03).

Como mencionado, as modalidades de metadiscorso identificadas como mais representativas nos roteiros fazem referências às instâncias coprodutoras do texto (locutor e interlocutor). Na perspectiva de Jubran (2005, p. 223), esse tipo de modalidade tem como função a atribuição de qualificações aos interlocutores para discorrerem sobre o tópico discursivo em curso, a manifestação de (des)interesse em relação ao assunto em pauta, a indicação de convivência com o interlocutor, a interpelação ao interlocutor e a testagem da compreensão do que é dito. Nos roteiros de *podcast* de divulgação científica, observamos a ocorrência de submodalidades mencionadas por Jubran (2005) no quadro geral que formulou, mas também de outras, emergentes em função da especificidade da interação sob análise. No caso das referências às instâncias coprodutoras do texto, trata-se das submodalidades que nomeamos como *convocação reflexiva do interlocutor* e *antecipação de interrogação do interlocutor*.

Nas 109 ocorrências de referências às instâncias coprodutoras do texto, há a seguinte distribuição de submodalidades de metadiscorso que cumprem funções ora específicas, ora

simultâneas: convocação reflexiva do interlocutor (37 ocorrências) (excerto 02), evocação/construção de conhecimento compartilhado (24 ocorrências) (excerto 03), atribuição de qualificações ao interlocutor (19 ocorrências) (excerto 04), indicação de outras fontes enunciativas no discurso (18 ocorrências) (excerto 05), antecipação de interrogação do interlocutor (10 ocorrências) (excerto 06) e testagem da compreensão do que é dito (01 ocorrência) (excerto 07). As ocorrências e seus respectivos exemplos são apresentados a seguir, no Quadro 5, com destaques em negrito:

Quadro 5 – Submodalidades de referências às instâncias coprodutoras do texto

Excerto	Submodalidade	Trecho transcrito
(02)	Convocação reflexiva do interlocutor	[...] Antes de falarmos sobre o meu projeto propriamente, gostaria de discutir as ideias que nós temos, enquanto sociedade, do que seria ciência. Se vocês pensam em ciência, o que vem à cabeça num primeiro momento? Acho que muitos de nós compartilhamos das mesmas imagens: laboratórios, jalecos, tubos de ensaio, microscópios... e não estão equivocados, é claro, mas há outras ciências que não são contempladas por representações desse tipo [...] (A1U3P4_04)
(03)	Evocação/construção de conhecimento compartilhado	[...] Certamente, ao pedir para que vocês pensem em um cientista, a primeira imagem que virá à cabeça será a de um homem, vestindo um jaleco branco e trabalhando em um laboratório. Essa é, sem dúvidas, uma resposta correta, embora não seja a única possível [...] (A1U2P2_12)
(04)	Atribuição de qualificações ao interlocutor	[...] (Descontraído) COMO O OUVINTE PODE PERCEBER POR AQUI NÃO SOMOS IMPARCIAIS, / NÓS TEMOS LADO E DEFENDEMOS A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO PÚBLICA, / GRATUITA E DE QUALIDADE. // (Encerramento da questão e ênfase ao tema) MAS VAMOS DIRETO AO PONTO:// [...] (A1U2P2_01)
(05)	Indicação de outras fontes enunciativas no discurso	[...] Entrevistador: Um tema muito importante, o número de pessoas analfabetas, que não sabem ler e nem escrever é muito grande no Brasil ainda. Como você pensar em fazer isso? Entrevistado: Com certeza. Como diz a professora Magda Soares no seu livro chamado Alfabetização e Letramento, na página vinte e quatro, vou ler para vocês esse trecho [...] (A1U3P4_07)
(06)	Antecipação de interrogação do interlocutor	[...] Mas, vocês devem estar se perguntando: “Se já sabe que isso acontece, porque continuar uma pesquisa no mestrado?” Essa pergunta é ótima. A pesquisa na graduação mostra [...] (A1U3P3_03)
(07)	Testagem da compreensão do que é dito	[...] Essa Sinopse Estatística mostra ainda que a concentração maior desse público é justamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Conseguem perceber o que isso significa? Que você professor se ainda não se deparou em sua sala com um aluno com alguma deficiência, isso acontecerá em breve! [...] (A1U3P3_10)

Fonte: elaborado pelo autor (grifos nossos).

Notamos a ocorrência de duas categorias não previstas por Jubran (2005),⁴³ as quais nomeamos como *convocação reflexiva do interlocutor* e *antecipação de interrogação do interlocutor*. A convocação reflexiva do interlocutor constitui-se, no conjunto do material da pesquisa, como momentos em que o escrevente realiza um movimento de orientar o leitor (futuro e potencial ouvinte do *podcast*) quanto a algum tipo de ação discursiva que deve ser por ele realizada, como pensar sobre um ponto específico do assunto que é tratado no roteiro, perceber uma nuance argumentativa, lembrar-se de ponto mencionado, continuar acompanhando o episódio. No corpus, esse procedimento metadiscursivo é instaurado pela forma interrogativa e por atos ilocutórios diretivos (como “**te convido a refletir [...]**”), a partir dos quais o locutor incentiva o interlocutor a realizar uma ação (02, 08 e 09), com excertos apresentados a seguir, no Quadro 6.

Destacamos que essa categoria presencia, em alguns casos, um entrecruzamento com a submodalidade de evocação/construção de conhecimento compartilhado mencionada por Jubran (2005); isso porque, por vezes, a convocação reflexiva do interlocutor pode servir à evocação/construção de um conhecimento julgado pelo interlocutor como relevante à argumentação e como compartilhado pelos leitores/ouvintes projetados, seja para corroborar esse conhecimento, seja para desconstruí-lo (caso do excerto 02). Justificamos sua especificidade, no entanto, a partir da compreensão de que nem todo questionamento direcionado ao leitor/ouvinte em potencial – isso é, nem toda *convocação à reflexão* – busca construir/desconstruir um conhecimento empírico ou uma posição valorativa quanto a esse conhecimento. Antes disso, o procedimento metadiscursivo de convocação reflexiva do interlocutor presenciado nos roteiros de *podcast* dialoga com aspectos interlocutivos esperados do gênero, como o direcionamento de perguntas (retóricas) ao ouvinte e o investimento num estilo conversacional, um modo do escrevente/locutor marcar a presença de um outro que, mesmo virtualmente, mostra-se projetado no fio do discurso.

Quadro 6 – Excertos de convocação reflexiva do interlocutor

Excerto	Trecho transcrito
(08)	[...] Te convido a pensar sobre este fenômeno de excesso de notícias que circulam nas redes sociais e como podemos combater a desinformação. [...] Você já havia imaginado

⁴³ Ressaltamos que o trabalho de Jubran (2005) não se propõe a descrever uma totalidade de submodalidades de metadiscursos. A nossa contribuição dialoga tão somente com as submodalidades mencionadas pela autora no trabalho citado.

	que, um dia, estaria com um aparelho em mãos que lhe mostre tudo que ocorre no mundo? E você já pensou nos perigos que isso pode resultar? (A1U1P1_02)
(09)	[...] vocês já pararam para pensar sobre essa união entre podcast, ciência e universidade? [...] Agora, caro ouvinte, com todos esses dados em mente, te convido a refletir: e os podcasts de divulgação científica? Você conhece algum? Seu amigo ou seu influencer favorito já te indicou algum nesse estilo? (A1U2P2_10)

Fonte: elaborado pelo autor (grifos nossos).

Para além dessa submodalidade, notamos a ocorrência do procedimento metadiscursivo *antecipação de interrogação do interlocutor* (cf. Quadro 5) como recorrente nos roteiros de *podcast* de divulgação científica. Esse procedimento trata de situações em que o escrevente busca antever uma possível questão do leitor/ouvinte em potencial, introduzida pela fórmula “você(s) deve(m) estar se perguntando” ou construções que compartilham desse mesmo efeito de sentido. No nível do texto, poderíamos destacar o funcionamento dessa submodalidade também como introdutora de tópicos discursivos, uma vez que à interrogação antecipada pelo locutor é fornecida uma resposta que tende a desenvolver o tópico por ela instanciado. Como aspecto interlocutivo do gênero, por um lado, e da prática de divulgação científica, por outro lado, a emergência desse procedimento aponta para a necessidade do escrevente/locutor (i) marcar o distanciamento entre duas esferas, no que diz respeito ao conhecimento teórico e científico difundido por meio do episódio de *podcast* de divulgação científica (esfera acadêmico-científica e esfera da vida cotidiana, por exemplo) e (ii) marcar a (sua) ciência desse distanciamento e de que ele deve ser atenuado por uma estratégia linguístico-discursiva.

O procedimento metadiscursivo de antecipação de interrogação do interlocutor, no conjunto do material, aparece relacionado ao desdobramento e/ou à explicação de conceitos específicos da pesquisa do escrevente universitário (excerto 10), da relação da investigação com a área de estudos (excerto 11), e da relação da investigação com a vida cotidiana (excerto 12). Os excertos que mostram esse procedimento são apresentados a seguir, no Quadro 7:

Quadro 7 – Excertos de antecipação de interrogação do interlocutor

Excerto	Trecho transcrito
(10)	[...] Você deve estar se perguntando: “E o que é Filologia?” ou “Quem é João Ribeiro e por que estudar esse livro dele?” [...] (A1U3P4_06)
(11)	[...] Mas o que isto tem a ver com Letras, muitos podem se perguntar. Alguns poderiam intuir que, se são jogos com história, a minha pesquisa pode envolver a análise narrativa, como se fosse um livro de literatura [...] (A1U3P4_02)
(12)	[...] E vocês podem estar se perguntando, por que eu estou pesquisando isso e o que isso muda na vida das pessoas? [...] (A1U2P2_01)

Fonte: elaborado pelo autor (grifos nossos).

O segundo tipo de modalidade de metadiscurso mais recorrente faz *referências à estruturação tópica do texto*, em termos de montagem e progressão textual, com 79 ocorrências. Da perspectiva de Jubran (2005, p. 222), essa modalidade cumpre com a função de indicação do tópico discursivo a ser abordado, marcação do esquema de composição do texto, sinalização de introdução e de finalização de tópico discursivo, sinalização de interrupção, inserção de parênteses e retomada tópica e indicação do estatuto discursivo de um fragmento (resumo, tese, definição, conceito, conclusão). Na relação com a natureza dos roteiros de *podcast*, essa modalidade de metadiscurso cumpre a função de instanciar certa divisão dos assuntos tratados em blocos (abertura, desenvolvimento e conclusão do episódio, por exemplo), de organizar os tópicos abordados durante o episódio roteirizado e de oferecer ao interlocutor uma imagem de locutor que exerce controle sobre essa organização.

Nas 79 ocorrências desse tipo de referência metadiscursiva, as submodalidades mais frequentes organizam-se em torno de: indicação do tópico discursivo a ser abordado (30 ocorrências) (excerto 13), marcação do esquema de composição do texto (28 ocorrências) (excerto 14), indicação do estatuto discursivo de um fragmento (17 ocorrências) (excerto 15) e sinalização de introdução/finalização/retomada de um tópico discursivo (10 ocorrências) (excerto 16).⁴⁴ Adicionamos a dimensão *retomada* à última submodalidade devido aos vários movimentos do escrevente universitário em direção a porções anteriores de seu texto, regularidade observada nos roteiros de *podcast* de divulgação científica. As submodalidades encontradas e os excertos selecionados são apresentados a seguir, no Quadro 8:

Quadro 8 – Submodalidades de referências à estruturação tópica do texto

Excerto	Submodalidade	Trecho transcrito
(13)	Indicação do tópico discursivo a ser abordado	[...] Primeiro, vamos falar um pouquinho das vertentes da Filologia. Os filólogos do século XIX estudavam as línguas comparativamente, verificando o que havia de semelhante e de diferente entre elas e agrupando em famílias de línguas de origem comum [...] (A1U3P4 06)
(14)	Marcação do esquema de composição do texto	[...] Contextualização (90-120 segundos): Apresentador: Antes de nos aprofundarmos nos detalhes da minha pesquisa, é importante entender o contexto no qual ela se enquadra. No campo do letramento digital pesquisadores têm se dedicado a explorar questões fundamentais relacionadas [...] (A1U3P3 05)

⁴⁴ Como mencionado, essa classificação opera com categorias ora isoladas, ora simultâneas, o que resulta numa diferença entre o número de trechos metadiscursivos destacados e o número de ocorrências de submodalidades de metadiscurso contabilizadas na análise.

(15)	Indicação do estatuto discursivo de um fragmento	[...] Durante minha trajetória profissional como assessora de imprensa [...], por vezes me deparei com um questionamento vindo de organizações principalmente durante campanhas eleitorais. E a pergunta era a seguinte: é possível furar a bolha ideológica e burlar os algoritmos das redes da internet para dialogar com demais grupos e alcançar visibilidade para além daqueles que já concordam com as publicações? [...] (A1U2P2 01)
(16)	Sinalização de introdução/finalização/retomada de um tópico discursivo	[...] pretendo questioná-los sobre a presença de lapsos de língua em seus discursos para tratar da incidência do Outro (novamente, esse Outro pode ser entendido como o inconsciente) na subjetividade de imigrantes. E como já mencionei aqui, esta pesquisa será realizada com base em entrevistas que serão feitas com tradutores de diversas áreas e imigrantes residindo no Brasil (A1U2P2 05)

Fonte: elaborado pelo autor (grifos nossos).

O terceiro tipo mais representativo de modalidade de metadiscurso nos roteiros é a que faz *referências à formulação linguística do texto*, com 70 ocorrências. De acordo com Jubran (2005, p. 221), essa modalidade se manifesta na forma de comentários e avaliações sobre a propriedade (ou não) de uso de uma palavra, indicação de mudança de registro, sinalização de relevo atribuída a determinada informação e explicitação da referência conferida a um item lexical, ou de seu grau de abrangência. No conjunto do material, encontramos ocorrências de outra submodalidade, a qual nomeamos como *explicitação da referência pelo esquema pergunta-resposta*. Em razão da referência que faz à formulação linguística da atividade enunciativa, podemos pensar que essa modalidade de metadiscurso manifesta movimentos do escrevente em direção aos termos teóricos e/ou conceitos específicos que utiliza na passagem de um discurso (o científico) para outro (o da divulgação científica).

Nas 70 ocorrências de referências à formulação linguística do texto, sinalizamos a seguinte distribuição de submodalidades mais frequentes: explicitação da referência conferida a um item lexical/do seu grau de abrangência (39 ocorrências) (excerto 17), avaliação sobre a propriedade ou não de uso de uma palavra (11 ocorrências) (excerto 18), sinalização de relevo de determinada informação (10 ocorrências) (excerto 19), indicação de mudança de registro (09 ocorrências) (excerto 20) e explicitação da referência pelo esquema pergunta-resposta (03 ocorrências) (excertos 21, 22 e 23). O último procedimento metadiscursivo mencionado, não previsto na categorização de Jubran (2005), registra um movimento do escrevente em direção à circunscrição de um sentido único para determinado termo/item da enunciação, cujo funcionamento se dá por meio da projeção de uma pergunta para a qual a resposta não é outra senão o sentido que busca ser circunscrito. Seu funcionamento se dá a partir de uma pergunta

projetada pelo locutor, seguida de uma resposta explicativa. Vejamos esse funcionamento dessas submodalidades no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9 – Submodalidades de referências à formulação linguística do texto

Excerto	Submodalidade	Trecho transcrito
(17)	Explicitação da referência conferida a um item lexical/do seu grau de abrangência	[...] Mais especificamente, a teoria que utilizo, a Análise do Discurso Francesa, que tem como um dos teóricos o pesquisador Dominique Maingueneau, apresenta o conceito de “ethos discursivo”, isso é, a imagem que o enunciador - no meu caso, as influenciadoras digitais - projeta de si mesmo por meio do que diz e do modo com que diz [...] (A1U2P2 15)
(18)	Avaliação sobre a propriedade ou não de uso de uma palavra	[...] Como eu disse, são muitas as práticas científicas – o que não significa que não existam certas “tendências”, ou, melhor ainda , certas imposições que procuram estabelecer regras únicas para algo que é necessariamente plural [...] (A1U3P4 04)
(19)	Sinalização de relevo de determinada informação	[...] É importante ressaltar também , que este tema ainda não é muito explorado em pesquisas no nosso país, então surge a necessidade de expansão e divulgação de algo tão importante [...] (A1U2P2 11)
(20)	Indicação de mudança de registro	[...] Dito isto, o que eu estudo, especificamente, é um gênero de videogame conhecido como <i>Role-playing games</i> , ou RPGs. Nós geralmente traduzimos o termo como “jogo de interpretação de papéis”. Eles são jogos muito complexos, mas, de maneira bem simples, trata-se de videogames nos quais os jogadores entrarão em contato com uma história e mundo muito elaborados, nos quais eles provavelmente interpretarão o papel de algum personagem, que eles podem criar ou não. Daí o nome do gênero: “interpretação de papéis.” [...] (A1U3P4 02)
(21)	Explicitação da referência pelo esquema pergunta-resposta	[...] E o que é o estágio? O Estágio é o momento em que os licenciandos são encaminhados para escolas para compreenderem como a escola funciona, como são desenvolvidas as aulas de língua portuguesa, como os professores lidam com os desafios diários da escola, quais as principais dificuldades dos alunos e quais as estratégias de ensino funcionam [...] (A1U3P3 08)
(22)		[...] [REDACTED]: Esse é um bom ponto de partida. Em síntese, o Atendimento Educacional Especializado é um serviço educacional que busca assegurar o acesso de estudantes público-alvo da Especial ao currículo, eliminando as barreiras que possam se interpor à sua aprendizagem. Apresentadora: O que são essas barreiras? [REDACTED]: As barreiras podem ser físicas, de comunicação, atitudinais dentre outras [...] (A1U3P3 04)
(23)		[...] O que são publiposts? Por que eu quero estudar, de modo mais específico, os termos “ethos” e “estereótipos” que estão neles? Os publiposts nada mais são do que aquelas publis que você vê quando está rolando o seu feed no Instagram; eles são uma junção do post clássico do Instagram – que pode ser em formato único, em carrossel ou em vídeo –

		com as propagandas publicitárias que estamos acostumados a ver em comerciais de televisão, <i>outdoors</i> e muito mais (A1U2P2 15)
--	--	---

Fonte: elaborado pelo autor (grifos nossos).

Como discutimos, de uma perspectiva discursiva, o metadiscorso é concebido como manifestação da heterogeneidade enunciativa e indicia pontos sensíveis no modo como determinada formação discursiva define sua imagem em relação à língua e ao interdiscurso (Maingueneau, 1997). Os procedimentos metadiscursivos apresentados, tratados como momentos em que o escrevente se volta para algum aspecto da atividade enunciativa, apontam para representações do sujeito do discurso (aprendiz universitário, pesquisador em formação) a respeito do que deve ser ajustado a um “código de referência” (Maingueneau, 1997, p. 93) – às restrições enunciativas – do discurso da divulgação científica. Desse ponto de vista, o registro de um procedimento metadiscursivo pode ser compreendido como a manifestação da competência (inter)discursiva do sujeito, o que supõe, de acordo com Maingueneau (2008, p. 55):

- a aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro;
- a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições.

A partir da (sua) competência discursiva, ressalta Possenti (2000, p. 101), “[...] o sujeito faz tais comentários [metadiscursivos] por estar em uma posição que o obriga a impedir que um discurso se confunda com o outro”. Trata-se, no caso do material analisado, da tentativa de o sujeito impedir que o discurso científico se confunda com o discurso da divulgação científica, o que explica a frequência de procedimentos metadiscursivos que buscam circunscrever um determinado sentido – isso é, uma possibilidade de leitura dentre outras – para o que será dito ou para o que foi dito. Na materialidade textual, essa tentativa se manifesta, por exemplo, no modo como o escrevente faz referências à elaboração do texto e registra a diferença entre um termo conceitual e/ou rebuscado e um termo que considera mais simples, como indicado nos excertos (17) e (20); no modo como faz referências às instâncias coprodutoras do texto, de modo a instaurar uma relação próxima com o interlocutor – diferente daquela relação entre interlocutores objetivada pelo discurso científico – (excertos 02, 03, 04, 06, 07); e, ainda, no modo como faz referências à estruturação tópica do texto e oferece ao interlocutor o percurso de um roteiro que deverá ser seguido (excertos 13, 14).

Se, por um lado, Maingueneau (1997, p. 94, grifos nossos) afirma que “[...] os discursos podem opor-se, de modo significativo, pela *quantidade, natureza e função* de suas operações

metadiscursivas”, o autor também compreende que, para a Análise do Discurso, o interesse está em “[...] articular a função deste ou daquele marcador de metadiscurso com o micro e o macro contexto nos quais intervém [...]”, uma vez que a metadiscursividade responde a “[...] coerções imediatas ou gerais, não sendo, em nenhum caso, gratuita”. Não bastaria, portanto, reter-se a uma análise que privilegia a ocorrência isolada de procedimentos metadiscursivos, mas de investir numa análise que considere o micro e o macro contextos dessas ocorrências – ou ainda o *contexto extraverbal* que “[...] *integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica*” (Volóchinov, 2019, p. 120).

De uma perspectiva etnográfico-discursiva dos estudos de letramento, interessada em compreender fatos de discurso “[...] como indícios de saberes que se dão a ler na opacidade dessa escrita” (Corrêa, 2011, p. 354), compreendemos que há uma relação intrínseca entre a ocorrência de procedimentos metadiscursivos e determinados presumidos (Volóchinov, 2019) relacionados ao gênero e à prática discursiva de divulgação científica – que conduzem o percurso do escrevente universitário na passagem de um discurso ao outro. Isso porque, como propõe Corrêa (2011, p. 344), fatores como “[...] a temática em que o gênero se inclui, o quadro institucional em que é produzido e as perspectivas que, de fora do texto, o orientam” constituem presumidos que regulam a produção escrita de gêneros discursivos, por um lado, e o ensino e avaliação desses mesmos gêneros, por outro lado.

Como exposto na seção 4, a atividade que resultou nas produções textuais analisadas deste trabalho foi realizada no contexto de uma disciplina de pós-graduação sem que houvesse trabalho prévio – instrução explícita, nos termos dos estudiosos da pedagogia dos multiletramentos – com o gênero roteiro de *podcast* de divulgação científica, ou ainda com a prática discursiva mais ampla de divulgação científica. A instrução da atividade, apresentada na Figura 1, reunia apenas quatro aspectos obrigatórios na composição do roteiro: (i) o direcionamento a um público leigo, sem formação consolidada na área de estudos; (ii) a apresentação pessoal do pesquisador; (iii) a apresentação do objeto da pesquisa; (iv) atribuição de título ao episódio roteirizado, sem especificidades quando a aspectos formais e/ou interlocutivos do gênero.

Por se tratar de uma prática de letramento contemporânea no campo acadêmico-científico, a divulgação científica tende a não se constituir como objeto de ensino formal de disciplinas ou cursos de pós-graduação; não há, portanto, uma “compreensão explícita” (Metz, 2020) estruturada – isso é, como parte do processo de letramento acadêmico-científico – dos

escreventes a respeito dessa prática ou dos gêneros que a materializam.⁴⁵ Para Metz (2020, p. 20, grifos nossos), o engajamento do escrevente com um gênero ao qual não é afeito e/ou que não foi objeto de compreensão explícita no ensino – caso do roteiro de *podcast* e da prática de divulgação científica, no contexto desta pesquisa – constitui um “[...] *lugar em que a atuação dos presumidos sociais possa se deixar representar de modo mais acentuado*”. Com base nessa reflexão, poderíamos aferir que os modos de responder à atividade proposta também são afetados por presumidos sociais, dos gêneros do discurso e das práticas discursivas, o que regula a emergência de determinados procedimentos metadiscursivos e nos permite discutir as representações do pesquisador em formação a respeito da tarefa de pensar sua pesquisa à luz de um público leigo, não especializado.

Com o objetivo de discutir a emergência de procedimentos metadiscursivos dentro do micro e do macro contextos no qual intervêm – o do gênero roteiro de *podcast* e o da prática discursiva da divulgação científica na universidade, respectivamente –, passamos a apresentar a análise de duas produções textuais na íntegra, representativas dos modos de envolvimento do escrevente universitário com a instrução da atividade. As produções textuais que constituem esse eixo de análise foram organizadas em dois conjuntos: (i) roteiros que mais se aproximaram do que foi requisitado na instrução da atividade (29 produções textuais, o equivalente a 76,3% do subconjunto do material); e (ii) roteiros que menos se aproximaram do que foi requisitado na instrução da atividade (09 produções textuais, 23,7% do subconjunto do material). Com essa organização, buscamos articular a emergência de procedimentos metadiscursivos, a construção de uma imagem de locutor por parte dos escreventes e os diferentes modos de realização da atividade, regulados por presumidos. Sem olhar para as produções da perspectiva do erro, insistimos que esses dados possibilitam discutir as “[...] redefinições dos gêneros do discurso coletados em função da relação pesquisador/informante praticada no ato da coleta” (Corrêa, 2011, p. 334-335).

Na divisão mencionada, os critérios aplicados para seleção das duas produções textuais para apresentação de análise foram: (i) cumprimento (ou não) dos componentes solicitados na instrução da atividade (endereçamento a um público sem conhecimento consolidado na área de estudos, construção de apresentação pessoal do pesquisador, construção de apresentação do

⁴⁵ Numa investigação sobre letramento acadêmico e heterogeneidade enunciativa, Metz (2020) descreve o modo como escreventes universitários respondem ao par dialógico pergunta-resposta em contexto de avaliação, tratado pela autora como um tipo relativamente estável de enunciado. A pesquisadora argumenta que, embora constitua um instrumento de avaliação para os escreventes ao longo do percurso escolar/acadêmico, esse gênero não é objeto de *compreensão explícita* no ensino – o que envolve “[...] características e normas de constituição de gêneros que são explicitamente ensinadas e (eventualmente) apreendidas pelos estudantes no processo de letramento” (Metz, 2020, p. 20) –, motivo pelo qual as formas de responder a ele “[...] figuram no campo dos presumidos sociais”.

objeto de pesquisa e apresentação de título para o episódio roteirizado); e (ii) maior (ou menor) aproximação com construção composicional (organização em turnos de fala e em blocos, uso de vinhetas e trilha sonora), estilística (equilíbrio entre estilo conversacional e posicionamento científico, proximidade com o leitor/ouvinte) e de conteúdo temático (menção a desdobramentos da pesquisa, a relação entre pesquisa e a área mais ampla/a sociedade) do roteiro de *podcast* de divulgação científica. Passamos a apresentar a análise qualitativa dos procedimentos metadiscursivos, no contexto de diferentes modos de envolvimento do escrevente universitário com a produção da atividade.

5.1.1 Modo de envolvimento I: o locutor *pesquisador-divulgador*

Como mencionado, as produções textuais em que o escrevente mais se aproximou do que era requisitado pela situação enunciativa instaurada na instrução da atividade (Figura 1) foram reunidas sob a categoria de *modo de envolvimento I* e constituem 76,3% do subconjunto do material formado pelos roteiros de *podcast* (29 de 38 produções textuais). Nesses casos, há uma apropriação, por parte do escrevente universitário, de aspectos relacionados ao caráter interlocutivo, composicional, estilístico e temático do gênero. A produção textual apresentada a seguir, no Quadro 10, é representativa desse modo de envolvimento. Destaques em negrito foram feitos para indicar ocorrências de procedimentos metadiscursivos que interessam à análise:

Quadro 10 – Produção textual representativa do modo de envolvimento I (A1U1P1_01)⁴⁶

Aluna: [REDACTED]	
ROTEIRO DE PODCAST	
Tema	Divulgação da pesquisa de mestrado “[REDACTED]”, de [REDACTED].
Título	“Expressão pra quê?”
Duração	7min05s
ABERTURA	
18s – Trilha sonora: Electric – Acoustic Guitar & Synths https://artlist.io/song/63892/electric	
1min37s – Reprodução de fragmentos de 05 declarações/diálogos:	
1º – Deputado Gustavo Gayer (1:13-1:27): https://www.youtube.com/watch?v=6GBL2r7w8OQ “Democracia não prospera na África porque pra você ter uma democracia você precisa ter um mínimo de capacidade cognitiva de entender entre o bom e o ruim, o certo e o errado, então	

⁴⁶ Em consonância com os procedimentos éticos aprovados para esta pesquisa, omitimos, com recurso de realce em preto, as informações que podem remeter à identidade do escrevente universitário.

tentaram fazer democracia na África várias vezes e o que acontece, um ditador toma conta de tudo e o povo ehhl!”

2º – Pastor André Valadão (a partir de 0:25):

<https://www.youtube.com/shorts/5w5mENJ4ljc>

“Então agora, é hora de tomar as cordas de volta e dizer não não não pode parar, reseta, Deus fala não posso mais, já meti esse arco-íris aí, se eu pudesse eu matava tudo e começava tudo de novo mas já prometi pra mim mesmo eu não posso então agora tá com vocês, você não pegou o que eu disse, eu disse tá com você, vou falar de novo tá com você. Sacode uns quatro do teu lado fala vão pra cima eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

3º – Presidente da Câmara Municipal de Aparecida de Goiânia – GO contra a vereadora Camila Rosa (0:54-1:02):

<https://www.youtube.com/watch?v=df7HtqK1W90>

“Corta o “telefone” dessa vereadora pra mim, agora, agora. Quer fazer, quer fazer, quer fazer circo aqui, cê não vai fazer não. Quem vai ter que me respeitar aqui é a senhora. Circo aqui a senhora não vai fazer não.”

4º – Jornalista Rui Costa Pimenta (2:48-3:07):

<https://www.youtube.com/watch?v=68YKMKIyX6I>

“A juíza que deu a sentença, ela falou que a liberdade de expressão tem limite, bom, se tem limite, então não é liberdade de expressão. Liberdade de expressão é quando você fala o que você pensa, quando você fala o que o outro permite que você fale já não há liberdade nenhuma.”

5º – Filósofo Mário Sergio Cortella e humorista Rafinha Bastos (2:19-2:36; 6:16-6:27):

https://www.youtube.com/watch?v=wO_LBksfVMk

Cortella:

– “Quando eu vou falar sobre um tema determinado, quando eu vou escrever sobre um assunto que eu sei que ele tem arestas, eu tenho de redobrar meu cuidado.”

Bastos:

– “Mas aí eu te pergunto, Cortella, desculpe te interromper, isso não acaba te tolhendo, te cerceando...”

– “Não, me torna mais criativo.”

[...]

Cortella:

– “Tua grande questão: será que eu fui ofensivo? Pra pessoa fui. Será que eu quis fazê-lo? Não! Será que existe responsabilidade naquilo? Sem dúvida!”

APRESENTAÇÃO e BOAS-VINDAS

(1min40s)

Olá! E aí, sentiu o drama? Acho que por esses breves áudios deu pra perceber que, sim, o assunto é brabo. Mas não se iluda: ele não tem a ver só políticos, jornalistas, celebridades e pessoas públicas em geral. **Trata-se de algo que afeta todos nós, em todas as áreas da vida.** Uma hora ou outra você, ou alguém bem próximo, pode se ver envolvido ou tendo que se posicionar em uma situação, devido ao fato de dizer o que pensa.

Já parou pra pensar nisso? O que significa liberdade de expressão? Isso parece simples pra você? Pois saiba que há pelo menos uns 300 anos, filósofos e juristas, e mais recentemente estudiosos da linguagem, vêm refletindo sobre **o exercício da liberdade de expressão e os seus limites... quer dizer... tem gente que acha que não há limites, outros acham que dever ter um pouco...**

Bem, o assunto é complexo, né? E muito importante, instigante e... polêmico. É por tudo isso que eu decidi pesquisá-lo e quero demais compartilhar com você o que tenho aprendido.

Eu sou [REDACTED], e liberdade de expressão é o tema da pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em [REDACTED]. Meu objetivo é mapear como os estudantes do ensino superior entendem a liberdade de expressão. **E olha, se liga nisso: esse trabalho tá por minha conta, mas a responsabilidade de pensar sobre o tema é de todos nós! Daí o convite pra você refletir um pouquinho comigo.**

Então... boas-vindas ao *podcast* “Expressão pra quê?”.

10s – Vinheta do *podcast*

DESENVOLVIMENTO

(2min55s)

Liberdade de expressão é daquelas ideias fáceis de defender, mas que, na prática, exige um cuidado que nem todo mundo tá disposto a ter ou acha que deve ter. E mais: há divergências até sobre o que deve ser entendido como liberdade de expressão. E quando o direito de expressar de um, chega como ofensa para o outro? E quando a liberdade de alguns, de falar o que pensam, prejudica uma comunidade inteira?

Para vivermos em sociedade, é preciso estabelecer combinados. **Isso é tão comum no dia a dia que a gente nem se dá conta, mas eles são muito importantes, são sinais de civilidade.** Os exemplos se multiplicam desde as regras mais básicas de organização do trânsito até a proteção da honra.

Por que seria diferente com a liberdade que temos de dizer o que pensamos?

Há várias teorias sobre o assunto e as duas mais discutidas são as que veem a liberdade de expressão como um direito em si mesmo e outra que a entende como um instrumento para se conquistar ou manter algo, como a democracia, por exemplo. Dependendo de qual teoria adotamos, chegamos a um resultado diferente para cada caso analisado.

Ao falar de liberdade de expressão, tratamos também de diversas formas de linguagem, de ideologia e de poder, de verdade e pós-verdade, de desinformação e do principal meio de exercício da liberdade de expressão hoje em dia: o ambiente digital.

Nesse tempo em que nunca estivemos tão livres para falar sobre tantas coisas a tantas pessoas ao mesmo tempo, como definir se alguém ultrapassou limites éticos ou morais? Se há limites, como marcá-los? Que critérios adotar? Essas são algumas das questões sobre as quais nos debruçamos quando estudamos o assunto.

Com a pesquisa, intitulada “[REDACTED]”, eu pretendo identificar e compreender como estudantes da graduação e da pós-graduação de uma universidade particular entendem o que seja liberdade de expressão.

Para isso, vou distribuir um questionário eletrônico para alunos de diversos cursos. A ideia é comparar as respostas para traçar as semelhanças e as diferenças entre elas e, então, verificar se a forma de conceber a liberdade de expressão se altera, ou não, de acordo com a área do conhecimento. Os resultados da pesquisa podem ser úteis para a elaboração de campanhas de educação sobre o assunto e para qualificar a abordagem aos diferentes públicos.

Afinal, é possível, e desejável, dizer tudo? **Você já tem uma opinião formada ou aumentei suas dúvidas? Bora lá pensar nisso: afinal, pra que serve nossa liberdade de expressão?**

Se você gostou desse conteúdo e tem interesse em saber um pouco mais, vou indicar um livro que dá uma boa visão do assunto. O nome é “Liberdade de expressão: uma breve introdução”, do filósofo Nigel Warburton.

Até breve!

FECHAMENTO

Repetir a trilha sonora da abertura.

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Nessa produção textual, há a construção, por parte do escrevente, de uma dinâmica genérica que se assemelha ao que Figueira e Beviláqua (2022, p. 128) denominam de “*podcast solo*”, formato em que há a simulação de uma conversa entre locutor e interlocutor (*in praesentia*, mas não presencial, pois os dois não compartilham de um mesmo espaço físico) durante a qual o locutor compartilha informações sobre um tema específico: no caso, o tema “divulgação da pesquisa de mestrado ‘[REDACTED]’, de [REDACTED]”, anunciado no cabeçalho que precede o início do roteiro. Esse cabeçalho guarda informações relativas ao estatuto do escrevente – que se identifica como “aluna” –, à natureza da atividade – “ROTEIRO DE *PODCAST*” –, ao título atribuído ao episódio, como parte dos requisitos de cumprimento da atividade – “Expressão para quê?” – e à duração em minutos prevista para o episódio roteirizado – “7min05s”.

É possível identificar, nesse cabeçalho, a dialogicidade entre diferentes práticas letradas: enquanto há marcas da circulação do escrevente por práticas letradas acadêmicas no modo como a produção textual é apresentada por parte do pesquisador em formação (na sua identificação como “aluna”, que só pode estar subordinada a uma disciplina ou a uma instituição de ensino; no anúncio da natureza da atividade como um “ROTEIRO DE *PODCAST*”, o que remete a práticas de escrita escolar/acadêmica em que a materialização de um dado gênero vem acompanhada do anúncio de seu estatuto pretendido, como “resenha do texto x”, “resumo do texto Y”), há marcas da circulação desse escrevente por práticas letradas digitais no modo como inclui no roteiro informações sobre a minutagem e a duração do episódio e dos turnos de fala, e, em seguida, sobre a trilha sonora a ser utilizada nas etapas (virtuais, no caso da atividade proposta) de gravação e montagem. De nosso ponto de vista, a presença desses últimos aspectos caracteriza um indício das práticas letradas digitais contemporâneas e das relações entre fala e escrita e oralidade e letramento que caracterizam a mídia *podcast*, nos termos sua uma complexidade enunciativa (Tenani, 2024): mesmo sem as etapas de gravação e de montagem do episódio, o escrevente se apropria de marcas que remetem à natureza do roteiro de *podcast* de modo a fazer (mais) parte do jogo enunciativo desejado no cumprimento da atividade.

Na sequência do cabeçalho, o roteiro é desenvolvido a partir de uma espécie de indicação do esquema composicional, dividido em blocos que dizem respeito ao que o escrevente nomeia como “abertura”, “apresentação e boas vindas”, “desenvolvimento” e “fechamento”.⁴⁷ Na seção denominada “abertura”, o que notamos é uma estratégia de introdução da temática do episódio – a pesquisa sobre liberdade de expressão – a partir da apresentação de trechos de falas de diferentes enunciadores (político, líder religioso, jornalista, filósofo) inscritos em diferentes formações discursivas (como uma mais conservadora e outra mais progressista, por exemplo), que têm como alvo do comentário algum aspecto relacionado ao sentido que “liberdade de expressão” assume nessas formações discursivas.⁴⁸

Esse movimento do escrevente, indício de saber que se dá a ler na opacidade da escrita (Corrêa, 2011), dialoga, por um lado, com aspectos interlocutivos do gênero solicitado na instrução de realização da atividade – apresentação de trechos de falas gravadas que serão utilizadas pelo locutor para contextualizar o assunto do episódio – e, por outro lado, com restrições do discurso da divulgação científica – apresentação da temática como um assunto que dialoga com a realidade do interlocutor. Essa estratégia ocupa uma função, também, de construir uma imagem de locutor atenta ao fato de que, para o público leigo ao qual a produção deve ser endereçada, a concepção de “liberdade de expressão” passa a figurar como objeto em disputa (não unívoco) por diferentes grupos sociais.

Há, ainda, um dado interessante na produção textual apresentada – num reflexo do modo de envolvimento I – relacionado ao uso específico de recursos linguístico-discursivos num determinado gênero do discurso, por um lado, e numa determinada prática discursiva, por outro lado. Nesse caso, o “campo [dinâmico] de sentido mais ou menos previsto para o gênero” (Corrêa, 2011, p. 345) e o campo dinâmico de sentido mais ou menos previsto para a prática de divulgação científica – ambos ligados a um ideal de acessibilidade da/na linguagem, como discutido – instancia a ocorrência de recursos como contrações gramaticais (“pra”, “tá”), marcadores discursivos (“né?”) e gírias ou elementos de coloquialidade (“sentiu o drama?”, “brabo”, “bora lá) empregados no processo de escrita do roteiro. Ainda que a mera ocorrência

⁴⁷ É sabido que, em alguns casos, a mídia *podcast* privilegia uma organização baseada em blocos, cuja constituição se dá a partir de desdobramentos do tema central do episódio, ou de temas correlatos. É o caso do programa de *podcast* de política Foro de Teresina, produzido pela Revista Piauí e pela Rádio Novelo, cujo funcionamento se dá por meio de três blocos sobre temas distintos relacionados a acontecimentos políticos da semana no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/foro-de-teresina/>. Acesso em: 28 maio 2025.

⁴⁸ Um exemplo de programa de *podcast* que se utiliza de estratégia parecida – apresentação de trechos de gravações para introdução de um assunto – é O Assunto, produzido pelo G1. Nesse caso, trata-se de um *podcast* jornalístico, e não de divulgação científica, caracterizado por trechos gravados no início do episódio (como os indicados pela escrevente) como um aspecto comum a diferentes gêneros materializados pela mídia *podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>. Acesso em: 28 maio 2025.

de uma contração gramatical e de um marcador discursivo, por exemplo, não garantam maior inteligibilidade do enunciado por parte do interlocutor, acreditamos que o emprego desses recursos pelo escrevente universitário tem relação com a tentativa de alcance de um presumido para a prática de divulgação científica: o ideal de que a linguagem da divulgação científica deve apresentar tom informal motiva o emprego, na materialidade textual do roteiro, de recursos linguísticos condenados pela norma padrão e pela concepção de linguagem formal e objetiva que caracteriza o discurso científico.⁴⁹

Na seção denominada “apresentação e boas-vindas”, o aspecto de conexão entre a temática do episódio e a vida prática é desenvolvido por meio de uma série de procedimentos metadiscursivos que, por um lado, fazem referências às instâncias coprodutoras do texto (locutor e interlocutor) – como em **“e aí, sentiu o drama?”**, **“trata-se de algo que afeta todos nós, em todas as áreas da vida”**, **“já parou pra pensar nisso? O que significa liberdade de expressão pra você? [...]”** e **“olha, se liga nisso: esse trabalho tá por minha conta, mas a responsabilidade de pensar sobre o tema é de todos nós! [...]”**. Nessas ocorrências, especificamente, o uso do pronome pessoal “nós” contribui para a construção de uma imagem de locutor inserido no mesmo contexto do interlocutor e interpelado pelo mesmo problema, materializado em seu projeto de pesquisa. Trata-se de um “nós” diferente do “nós” da ciência, aquele que, para Corrêa (2011, p. 350) “[...] de modo imparcial, busca a prova para o que diz, compondo a figura textual para a qual a marca de pessoa não faz muito mais do que pontuar, a partir de si e do grupo de seus iguais, os passos de uma demonstração”. Pelo contrário, o “nós” da divulgação científica parece privilegiar a projeção de uma relação simétrica entre locutor e interlocutor.

Por outro lado, corrobora ainda a construção dessa conexão entre temática e vida prática a ocorrência de procedimentos metadiscursivos que fazem referências à elaboração do texto – como em **“[...] sim, o assunto é brabo”**, **“[...] quer dizer... tem gente que acha que não há limites [...]”** e **“bem, o assunto é complexo, né?”**. Ao final do bloco, há, ainda, a apresentação do escrevente, com menção direta ao seu vínculo institucional – cumprimento de parte da instrução da atividade –, e menção a um “objetivo” da pesquisa em questão: **“[...] mapear como os estudantes do ensino superior entendem a liberdade de expressão”**. Entre a “apresentação e

⁴⁹ Na intersecção entre a Linguística Aplicada e a Linguística Sistêmico-funcional, há uma discussão sobre a “informalidade” na escrita acadêmica. Autores como Hyland e Jiang (2017) e Babapour e Kuhi (2018) detectaram incursões em práticas de escrita acadêmica a um estilo de linguagem caracterizado como mais informal em materiais de comunicação científica (artigos de periódico) e divulgação científica (artigos em jornais e em revistas) publicados em diferentes períodos de tempo, indicando que o aumento dos “marcadores de informalidade”, como são denominados pelos autores, representa, nas práticas de escrita acadêmico-científica, um investimento do autor na construção de engajamento com o leitor.

boas-vindas” e o “desenvolvimento”, há a inserção de uma “vinheta do *podcast*” prevista para durar 10 segundos, outro indício do engajamento do escrevente com a complexidade enunciativa do *podcast* e de sua circulação por práticas letradas digitais relacionadas à produção e/ou à escuta dessa mídia.

Em seguida, na seção denominada “desenvolvimento”, há registro de outra sequência de procedimentos metadiscursivos que buscam marcar a passagem do discurso científico para o discurso da divulgação científica, como as referências à elaboração do texto, a partir da construção de “liberdade de expressão” como um conceito complexo, cuja complexidade implica debates – é o caso de **“liberdade de expressão é daquelas ideias fáceis de defender [...] E mais: há divergências sobre o que deve ser entendido [...]”** e de **“ao falar de liberdade de expressão, tratamos também de [...]”**, procedimentos que marcam divergências conceituais constitutivas da epistemologia científica e do discurso científico. Acreditamos que esse movimento do escrevente, de modo amplo, e esses procedimentos metadiscursivos, de modo específico, buscam atender a um outro presumido da prática discursiva mais ampla da divulgação científica: a de que deve haver equilíbrio entre ciência (preservado o caráter constituinte do discurso científico) e senso comum (visado o caráter explicativo do discurso da divulgação científica).

Além disso, há mais registros de referências às instâncias coprodutoras do texto, as quais contribuem para a exposição das questões de pesquisa do locutor e para a convocação reflexiva do interlocutor – como em **“[...] como definir se alguém ultrapassou dos limites éticos e morais? [...] Essas são algumas das questões sobre as quais nos debruçamos quando estudamos o assunto”** e **“[...] você já tem uma opinião formada ou aumentei suas dúvidas? Bora lá pensar nisso [...]”**. De nossa perspectiva, esse tipo de movimento, confirmado pela alta ocorrência de procedimentos metadiscursivos que se voltam ao interlocutor, aponta para a tentativa de alcance, por parte do escrevente, de um presumido da prática de divulgação científica relacionado ao papel atribuído ao outro: para ser lida como um produto de divulgação científica, a produção textual precisa marcar a presença do não especialista seja por meio do estilo conversacional simulado, seja por meio de remissões diretas e/ou indiretas. O lugar atribuído ao outro, portanto, parece mostrar-se como um aspecto relevante na avaliação do (in)sucesso comunicativo dessa prática discursiva.

Ainda em “desenvolvimento”, há um trecho em que o escrevente registra passos do que poderíamos compreender como a metodologia da pesquisa – “para isso, vou distribuir um questionário eletrônico para os alunos de diversos cursos. A ideia é comparar as respostas [...]” – e sua possível contribuição, um outro movimento de cumprimento da instrução da atividade

– “os resultados da pesquisa podem ser úteis para a elaboração de campanhas de educação sobre o assunto [...]”. A menção aos procedimentos metodológicos da pesquisa é frequente nos roteiros analisados, seja naqueles que denotam maior ou menor aproximação do escrevente com o requisitado na instrução da atividade, o que aponta, por um lado, para a interdiscursividade e para a relação constituinte do discurso da divulgação científica com o discurso científico; e, por outro lado, para o presumido do equilíbrio entre cientificidade – na menção aos passos metodológicos empregados pelo pesquisador – e senso comum. Na realização da atividade acadêmica para a qual o escrevente universitário não recebeu formação, parece não haver possibilidade de legitimação para o discurso da divulgação científica sem que seja ressaltada a sua interdiscursividade (e sua relação de constituição) com o discurso científico pois, como observa Maingueneau (2015, p. 119):

Os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante [de determinado tipo de discurso] devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta [...].

Assim, os valores relacionados à atividade verbal em pauta, no discurso da divulgação científica, estariam relacionados com a manutenção de um ideal de cientificidade – na relação de constituição que esse discurso estabelece com o discurso científico – e com a acessibilidade do que é dito – nas fronteiras com o discurso científico, em pontos (de distanciamento) entre um discurso e outro que atuam também na constituição do discurso da divulgação científica. Há, assim, uma dupla responsabilidade enunciativa do locutor: enuncia-se com o discurso científico, numa posição de *pesquisador*, e enuncia-se com o discurso da divulgação científica, numa posição de *divulgador*. A imagem de locutor construída pelos escreventes nos roteiros que mais se aproximaram do que era requisitado pela instrução da atividade, portanto, é a de um sujeito que circula por esses dois discursos e que busca, por meio dos comentários que faz a respeito da própria atividade discursiva, responder a responsabilidades avindas de diferentes esferas e de diferentes presumidos, num jogo com a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Essa tarefa, no entanto, não é concretizada sem ser afetada pela força coercitiva da universidade. No caso das produções textuais que representam o modo de envolvimento I, o caráter acadêmico da atividade e a necessidade de resposta à instituição são marcados nos momentos em que o escrevente universitário se apropria de conhecimentos oriundos de sua circulação por (outras) práticas letradas acadêmico-científicas para a realização da atividade, como a simulação de cabeçalho e a organização do texto em conformidade com o que foi

solicitado na instrução (apresentação pessoal, apresentação do objeto de pesquisa, apresentação de desdobramentos da pesquisa, nessa ordem). Trata-se da relação interdiscursiva do discurso da divulgação científica com o discurso acadêmico, como sinalizou Marques (2020): para além de buscar se engajar na produção ficcionalizada do roteiro de *podcast*, volta-se ao processo de uma produção textual que deve ser validada no interior do quadro institucional do qual emerge. Assim, as produções textuais coletadas respondem a determinadas expectativas históricas em torno do discurso da divulgação científica, mas também àquelas em torno do quadro institucional da universidade. Essa força discursiva da instituição se marca de modo distinto, mais acentuado, nos roteiros em que registramos uma menor aproximação do escrevente universitário com o requisitado na instrução da atividade, como buscamos discutir a seguir.

5.1.2 Modo de envolvimento II: o locutor *aprendiz*

Passamos, neste momento, a explorar os dados relativos às produções textuais que caracterizam menor aproximação com a situação enunciativa encenada na instrução da atividade, as quais reunimos sob a categoria de *modo de envolvimento II*. Como mencionamos, trata-se de um conjunto de nove (09) produções textuais, o que constitui 23,7% do subconjunto do material formado pelos roteiros de *podcast* (09 de 38 produções textuais). Nesses casos, há uma menor apropriação, por parte do escrevente universitário, de aspectos relacionados ao caráter interlocutivo, composicional, estilístico e temático do gênero. A produção textual reproduzida a seguir, no Quadro 11, é representativa desse modo de envolvimento:

Quadro 11 – Produção textual representativa do modo de envolvimento II (A1U2P2_14)

Nome do Programa: Aprendendo e Transformando a Educação com a Tecnologia Digital Título do Episódio: Letramento Digital na Educação a Distância Objetivo do Episódio: Letramento digital na formação de professores que atuam no contexto da educação a distância. Estimativa de Duração: 30 min. Introdução Diante das céleres transformações ocorridas pela inserção da tecnologia digital na sociedade contemporânea, os modos de ensinar e aprender nas escolas e universidades mudaram muito, conforme os recursos digitais foram sendo inseridos no dia a dia das salas de aulas, essa tal “novidade” trouxe, também, os desafios dos usos da tecnologia na educação. A evolução das tecnologias, serviços de internet e os dispositivos móveis, tais como: celulares, notebooks, tablets, entre outros, nos aproximaram ainda mais da transformação digital, modificando nossas relações e interações sociais.

Na educação, esses novos recursos modificaram o ensino na sala de aula, a participação dos alunos para com o professor, os trabalhos em grupos, bem como, as habilidades pedagógicas e digitais/letramentos digitais dos professores.

No contexto do Ensino Superior, temos percebido um movimento de sensibilização dos professores do Ensino Superior (ES), para com as propostas de formação docente (LOPES; RADETZKE; GÜLLICH, 2022). A nível do Brasil, não há orientações de políticas públicas que incidem sobre a necessidade de processos de formação continuada no ES, quanto a exercer a docência no ES **a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional salienta no Artigo 66 que:** “a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação prioritariamente em programas de mestrado e doutorado” (BRASIL, 1996).

Dessa forma, **no dizer da LDB**, para se tornar um professor universitário, não se faz necessário que os futuros professores passem por um processo reflexivo e formação mínima sobre a profissão docente, os saberes específicos docente, avaliação, o processo de ensino e aprendizagem, entre outros. Portanto, “a preparação, sem uma preocupação com a formação pedagógica, **tal como proposta na LDB (BRASIL, 1996)**, torna-se uma visão simplista visto que o preparo para a docência está atrelado ao processo desses professores” **conforme asseguram (JOAQUIM; VILAS BOAS; CARRIERI, 2013, p. 355); Forte e Angelo (2022).**

Se pensarmos no contexto da Educação a Distância não tem sido diferente a essa realidade, enquanto pesquisadora sobre essa temática, Letramentos Digitais na Educação a Distância. Os dados obtidos por meio da minha pesquisa de mestrado defendida no ano de 2021, sinalizaram a partir das narrativas dos discentes participantes da pesquisa que os professores formadores não possuíam habilidades de letramentos digitais, relatos esses que foram narrados pelos próprios professores aos alunos, ao conversarem sobre as dificuldades encontradas nesse contexto de formação superior.

São razões como essa que me instigaram a investigar sobre a formação de professores em letramentos digitais para a atuação docente na educação a distância, e a escrever um projeto para a seleção de doutorado 2023/2, para ingressar no curso de doutoramento para desenvolver a pesquisa da referida temática.

Referências

- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 9394/1996.
- FORTE, Joannes Paulus Silva; ANGELO, Jordi Othon; *Formação docente à deriva: a preparação para o magistério superior em programas de pós-graduação em direito no Brasil*, 2022.
- JOAQUIM, Nathália de Fátima. VILAS BOAS, Ana Alice. CARRIERI, Alexandre de Pádua. *Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário?* Educação e Pesquisa, 39: 351-365, 2013.
- LOPES, Eduarda da Silva; RADETZKE, Franciele Siqueira; GÜLLICH, Roque Ismael da Costa. *Formação continuada de professores no ensino superior: processos, interações e desafios*. Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8667147>. Acesso em: 9 jul. 2023.

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Nesse caso, lidamos com uma produção textual cuja construção interlocutiva, composicional, estilística e temática a desaproxima da situação enunciativa requisitada na instrução da atividade. A princípio, podemos visualizar no cabeçalho, informações fornecidas pelo escrevente quanto ao desenvolvimento da atividade: “nome do programa”, “título do episódio” e “objetivo do episódio”, um movimento de cumprimento de uma das instruções

fornecidas para realização da atividade (cf. Figura 1). Em seguida, há uma informação sobre a estimativa de duração do episódio – “30 min.” – no único momento do roteiro em que escrevente parece adentrar o jogo interlocutivo necessário à escrita do episódio roteirizado.

A esse respeito, Komesu (2013, p. 321) sinaliza que a resposta do escrevente à ausência de sistematização em torno do que deve ser feito numa determinada atividade acadêmica “[...] aponta para o *diálogo* sócio-histórico que o universitário estabelece com outros textos já falados/ouvidos e escritos/lidos, numa tentativa de formulação de um ‘novo’”. O mencionado trabalho de Metz (2020), ressalta que o modo de responder a uma atividade sem instrução explícita figura no campo dos presumidos sociais. Assim, podemos compreender que, na formulação de um “novo” – uma nova prática discursiva, um novo gênero do discurso, um novo discurso – no campo acadêmico-científico, o escrevente universitário circula por práticas de oralidade e de letramento diversas, como aquelas que envolvem a escuta prévia de programas de *podcast* ou consumo de conteúdo *on demand*, na reprodução de aspectos que legitimam mais ou menos sua enunciação num determinado gênero do discurso; mas circula também por práticas de leitura e de escrita características e já valorizadas no campo acadêmico-científico, como a produção de projetos de pesquisa, relatórios, resumos, resenhas, artigos científicos.

Ao contrário da produção textual anterior (Quadro 10), o roteiro apresentado no Quadro 11 tem apenas duas seções após o cabeçalho inicial, nomeadas como “introdução” e “referências”, e tem como objeto de discussão um projeto de pesquisa a ser desenvolvido (no exemplo anterior, tratava-se de uma pesquisa em andamento). É possível reconhecer, no desenvolvimento da primeira seção – a única do roteiro, com exceção das referências indicadas ao final –, sequências argumentativas que buscam contextualizar a temática como um problema de pesquisa a ser investigado: há mudanças tecnológicas que afetam, entre outras coisas, as práticas de ensino e de aprendizagem no ensino básico e superior. Há o registro de um procedimento metadiscursivo que faz referência à elaboração do texto e que tem como alvo o item lexical “dispositivos móveis”. Por meio do comentário metadiscursivo, o escrevente busca instaurar o grau de abrangência desse item, bloqueando os sentidos possíveis depois de “[...] **tais como: celulares, notebooks, tablets, entre outros**” e aproximando o termo técnico de uma compreensão que julga comum aos interlocutores.

Em seguida, há procedimentos metadiscursivos que fazem referências às instâncias coprodutoras do texto e que buscam cumprir a função que Jubran (2005, p. 233) denomina como “indicação de outras fontes enunciativas do discurso para apoio ou refutação de argumentos”: é o caso de “[...] **a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional salienta no Artigo 66 que [...]**”, “[...] **no dizer da LDB [...]**”, “[...] **tal como proposta na LDB**” e “[...]”

conforme asseguram (JOAQUIM; VILAS BOAS; CARRIERI, 2013, p. 355); Forte e Angelo (2022)”. Há uma série de procedimentos metadiscursivos que, em vez de instaurar a relação mais próxima entre locutor e interlocutor própria do discurso da divulgação científica, como na produção textual anterior (modo de envolvimento I), funciona dentro das regularidades enunciativas do próprio discurso científico. Nesse caso, as outras fontes enunciativas do discurso indicadas pelo escrevente são vozes do discurso científico – no caso, um documento nacional que sustenta normativas educacionais, e trabalhos de pesquisadores da área da Educação –, introduzidas por meio das normas de apresentação de referências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), como o sistema de chamada autor-data.

Esses dados, representativos da circulação do escrevente por práticas letradas acadêmico-científicas conhecidas num contexto de menor proximidade com o gênero discursivo e a prática discursiva requisitados – a produção de um roteiro de *podcast* de divulgação científica – refletem uma tendência observada em outros roteiros do subconjunto do material. No lugar de representar um índice de insucesso na execução da atividade, a presença de citações e referências nas normas da ABNT representa um indício de saber do escrevente: o de que as práticas discursivas do discurso acadêmico devem ser legitimadas em seu próprio interior, por fechamento. Há a atuação de um presumido relacionado ao contexto extraverbal de realização da atividade e ao quadro institucional em que ela é produzida, pois, para além do engajamento interlocutivo ficcional esperado no seu desenvolvimento, a entrega da atividade representava um critério avaliativo do discente regularmente matriculado a disciplina de pós-graduação.⁵⁰ Desse modo, as referências a outras vozes no discurso, nessa prática específica, poderiam organizar-se de dois modos: um modo constituído nas regularidades do discurso da divulgação científica (a partir de estratégias linguístico-discursivas de modalização, reformulação, apresentação) e um modo constituído nas regularidades dos discursos científico e acadêmico (a partir de estratégias outras, balizadas por normas nacionais e internacionais de apresentação de citações e referências).

Os excertos (24) e (25), apresentados nos Quadros 12 e 13 a seguir, advêm de outras duas produções textuais escritas que, embora classificadas como filiadas ao modo de envolvimento I (maior proximidade interlocutiva com o que foi requisitado na instrução da atividade), representam um indício desse saber acadêmico e desse presumido: o de que, para

⁵⁰ A essa assunção, soma-se o fato de o escrevente ter produzido uma série de gêneros como atividades avaliativas na disciplina em questão, em momento anterior à produção do roteiro de *podcast* (como ilustrado na Figura 1, essa foi a atividade de número 9). Há, portanto, um diálogo também marcado com as práticas de escrita no interior da disciplina.

além de um roteiro de *podcast*, a produção textual responde a demandas do quadro institucional em que é produzida e que deve, de algum modo, marcar essa relação de constituição com o discurso científico e de interdiscursividade com o discurso acadêmico. Representam, ainda, a convivência marcada entre diferentes práticas letradas (digitais, acadêmico-científicas) que operam dentro das relações de fronteira e constituição desses discursos. É possível observar, em um dos trechos, o uso de normas da ABNT para indicação de uma obra e, no outro, a remissão a referências bibliográficas ao final do trabalho, assim como ocorre em (outros) gêneros do campo acadêmico-científico:

Quadro 12 – Excerto (24) (A1U2P2_03)

[...]
[REDACTED]: E o que seria próprio ou não da disciplina?

[REDACTED]: Bom, antes de mais nada é importante entendermos que, assim **como discute Foucault (1970) na sua obra A Ordem do Discurso**, tudo é institucionalizado, ou seja, as coisas só são possíveis de existir por conta de instituições. Isso quer dizer que só construímos aviões, temos escolas, prédios, casas, etc. por conta do financiamento e dos poderes provenientes de instituições. Isso não é diferente com a ciência [...]

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Quadro 13 – Excerto (25) (A1U2P2_10)

[...] Por hoje é só, pessoal! Espero que vocês tenham gostado desse primeiro episódio. E, claro, não se esqueçam de acompanhar o “Debates pró-ciência”!

Referências Bibliográficas
MCGarr, Oliver. A review of podcasting in highr education: Its influence on the traditional lecture. *Australasian Journal of Educational Technology*, 2009. Disponível em: <<https://ajet.org.au/index.php/AJET/article/view/1136>>. Acesso em: 12 de julho de 2023 [...]

Fonte: corpus da pesquisa.

A referência a outras vozes no discurso parece caracterizar um ponto sensível no discurso da divulgação científica na universidade e colocar em funcionamento a *dupla responsabilidade enunciativa* mencionada anteriormente: num discurso em que se enuncia para “[...] comunidades alargadas, diversificadas, com intervenientes que desempenham funções sociais e comunicativas diversas, especialistas, mediadores e não especialistas” (Marques, 2020, p. 18), há espaço para que o sujeito se projete como *pesquisador*, *divulgador* e também como *aprendiz* inscrito numa (nova) prática discursiva, considerada a interdiscursividade entre discurso da divulgação científica, discurso científico e discurso acadêmico.

Admitir essa relação interdiscursiva, por um lado, e a atuação dos presumidos na constituição de (novas) práticas discursivas produz um efeito de deslocamento em relação ao

discurso do déficit atribuído aos produtos de divulgação científica produzidos por pesquisadores e retratado por Watanabe (2015). Para além de se pautar no modelo de habilidades de estudo, em que leitura e escrita são concebidas como habilidades restritas facilmente transpostas de um campo a outro (Lea; Street, 2014) – como campo acadêmico-científico e outros campos, numa concepção discursiva do termo –, esse discurso ignora as coerções e dominâncias das práticas sociais que constituem o ler e o escrever – as práticas de letramento, portanto – na universidade.

Ao contrário do grupo de atividades que presenciou uma maior aproximação com o engajamento interlocutivo requisitado, esse segundo grupo, representativo do modo de envolvimento II, instancia a construção de uma imagem de locutor atenta mais diretamente às coerções imediatas e aos presumidos de realização da atividade acadêmica, na função de um *aprendiz* (discente matriculado na disciplina de pós-graduação) que busca não necessariamente responder ao engajamento interlocutivo esperado, mas ao diálogo já estabelecido com outras atividades acadêmicas que realizou na sua constituição como escrevente universitário. Com Komesu e Gambarato (2013), podemos compreender que a oscilação entre a construção esperada e efetivamente realizada de uma imagem de locutor para o discurso da divulgação científica na universidade – num espaço em que se espera a projeção do locutor *pesquisador-divulgador*, há também a projeção do locutor *aprendiz*, imagens ora sobrepostas, ora em plena interação – tem relação com o modo de funcionamento da instituição acadêmica (a universidade), em termos de textos e de sujeitos, pois: “[...] ainda que exista expectativa em relação à formação do professor [e do pesquisador, no nosso caso], o sujeito ‘responde’ da ‘função-aluno’, obedecendo, expressamente, ao que lhe foi solicitado” (Komesu; Gambarato, 2013, p. 28).

Nesse modo de envolvimento II, o interlocutor projetado tende a ser o professor da disciplina, por quem a produção textual será avaliada (quem efetivamente a lerá). As redefinições dos gêneros do discurso coletados em função da relação pesquisador/informante tendem a aproximar-se de gêneros acadêmicos que fazem parte da formação acadêmica do escrevente, como um projeto de pesquisa – caso da produção apresentada no Quadro 11 –, num reflexo de seus outros modos de responder a instruções de atividades no âmbito interno ou externo a disciplinas. Há um distanciamento, pois, em relação ao que é esperado do escrevente e ao que é construído por meio do processo de escrita, sem que esses fatores indiquem um déficit. Os dados com que lidamos corroboram, na verdade, a assunção de Corrêa (2011, p. 354) de que

Para alguém que se inicia num novo ambiente social, é sempre difícil alcançar o presumido da nova esfera de atividade em sua relação com a manifestação linguística correspondente, isto é, com os enunciados concretos de um gênero de discurso; [...] Da parte dos alunos, as relações entre gêneros conhecidos (incluindo os presumidos que lhe são associados) e gêneros por dominar ocorrem com frequência e podem ser bons indicadores: a) de que, na constituição de um gênero, encontram-se, sempre, outros gêneros; e b) de que não basta relacionar gêneros do discurso com base, apenas, em suas materialidades linguísticas; é preciso, também, estabelecer relações entre os seus presumidos.

Nesta subseção, apresentamos as principais ocorrências de procedimentos metadiscursivos em roteiros de *podcast*, na relação com a construção de imagem de locutor depreendida dos diferentes modos de envolvimento do escrevente universitário com o processo de produção textual. Na subseção seguinte, discutimos quais presumidos em torno da prática discursiva de divulgação científica atuam nesse processo, a partir de comentários reflexivos produzidos por pesquisadores em formação.

5.2 DOS PRESUMIDOS DO GÊNERO AOS PRESUMIDOS DA PRÁTICA DISCURSIVA: REGULARIDADES ENUNCIATIVAS NOS COMENTÁRIOS REFLEXIVOS

Como destacado na Introdução deste trabalho, as pesquisas constituídas no âmbito do Subprojeto UNESP “Letramentos acadêmico-científicos para a formação de professores e pesquisadores globalizados em educação científica: *podcasts*, *ted talks* e o enfrentamento da desinformação” organizam-se em torno de dois eixos de investigação: (i) ações de envolvimento do aprendiz universitário em práticas letradas acadêmico-científicas voltadas à educação científica; e (ii) reflexões do aprendiz sobre essas ações e sobre os modos como elas se relacionam com suas experiências e expectativas. Em nossa investigação, esses dois eixos de análise são observados, respectivamente, nos roteiros de *podcast* de divulgação científica – material a partir do qual discutimos os modos de envolvimento do escrevente com uma prática letrada acadêmico-científica contemporânea – e nos comentários reflexivos produzidos por pesquisadores em formação em etapa subsequente à produção do roteiro – material a partir do qual apreendemos reflexões do escrevente quanto ao seu envolvimento com uma prática letrada “nova” (ou com um “novo” discurso, o da divulgação científica) para a qual não recebeu instrução explícita (mas à qual também não é alheio, assumida a sua circulação histórica por distintas práticas de letradas), lugar privilegiado para observação de presumidos relacionados à divulgação científica na universidade.

Desse modo, para responder ao segundo objetivo específico da pesquisa – com base na investigação dos comentários reflexivos, analisar a relação entre presumidos de gêneros do

discurso (Corrêa, 2011) e presumidos das práticas discursivas (Volóchinov, 2019), considerando-se a projeção que o escrevente faz das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica – procedemos à análise qualitativa das produções textuais em busca de regularidades enunciativas que apontassem para a atuação de possíveis presumidos no processo de produção textual dos escreventes universitários, quando considerado seu engajamento com a prática de divulgação científica na universidade. Alguns aspectos relacionados a esses presumidos foram antecipados na subseção anterior, no contexto da discussão dos procedimentos metadiscursivos emergentes nos roteiros de *podcast* de divulgação científica produzidos por pós-graduandos. Antes de desenvolver essa discussão, no entanto, apresentamos reflexões teórico-metodológicas que precederam o momento de análise.

Nos estudos que tomam a relação entre presumidos sociais (Volóchinov, 2019), presumidos de gêneros do discurso (Corrêa, 2011) e aspectos ocultos do letramento (Street, 2010) como ponto de reflexão, o que se destaca é a relação de tensão entre expectativas institucionais centradas na produção escrita escolar/acadêmica e aquilo que o escrevente efetivamente consegue realizar no âmbito de uma prática de letramento específica, ou de um gênero do discurso específico (Komesu, 2013; Komesu; Gambarato, 2013; Machado; Capristano, Jung, 2019; Metz, 2020). No nosso caso, buscamos observar quais são os presumidos aos quais o escrevente supõe ter de responder quando de seu engajamento com a prática de divulgação científica na universidade, a partir de reflexões expostas na forma de um comentário reflexivo.

Considerado o caráter experimental e sem instrução explícita da atividade à qual os participantes da pesquisa responderam, ressaltamos que nosso interesse não está centrado no que “escapa” ao momento de instrução para a produção escrita e é posteriormente cobrado no momento de avaliação – num olhar para os aspectos ocultos do letramento, de interesse da tradição etnográfica (Street, 2010). Trata-se, para o que nos interessa, de discutir o que o escrevente universitário (pesquisador em formação) supõe a que deve responder quando de seu envolvimento com uma prática pela qual é potencialmente cobrado, mas para a qual não é necessariamente formado, na relação com a amplitude social e histórica que recobre a emergência de seus enunciados – isso é, com o extraverbal constituído dos presumidos do gênero do discurso em questão (o roteiro de *podcast*) e dos presumidos da prática discursiva mais ampla (a divulgação científica).

Como assinala Corrêa (2011), inscrever-se numa perspectiva etnográfico-discursiva dos estudos de letramento implica questionar a proposta de Lea e Street (2014) e de Street (2010) de que dificuldades de escreventes universitários em responder às expectativas institucionais

da produção escrita na universidade seriam resolvidas por meio da explicitação de suas dimensões “escondidas” – isto é, das dimensões que são cobradas no momento de avaliação, mas não são ensinadas no momento de instrução. Trata-se de uma proposta de trabalho que focaliza o aspecto verbal do gênero, sem direcionar atenção ao aspecto extraverbal. Na associação entre os aspectos “ocultos” do letramento (entre aspas, como lembra o pesquisador brasileiro) e o presumido social que acompanha a produção dos enunciados concretos (Volóchinov, 2019), Corrêa (2011) destaca que mesmo os elementos constitutivos de determinado gênero discursivo (como conteúdo temático, construção composicional e estilo), embora geralmente explicitados, são afetados pelos presumidos que acompanham também a constituição de um enunciado genérico. De nossa parte, na associação com o quadro da AD, poderíamos pensar também no modo como essa constituição é afetada pela interdiscursividade entre um discurso e outro(s) num dado campo – em termos de relações de fronteira e constituição – e em como isso se reflete nas práticas discursivas que materializam determinado discurso.

Pensadas no campo acadêmico-científico, essas relações de fronteira e constituição relacionam-se com aquilo que “fala junto com” (Corrêa, 2011, p. 345) a produção de conhecimento no contexto universitário, face à assunção de que:

Em síntese, o gênero do discurso, assim como seus elementos constitutivos: conteúdo temático, construção composicional e estilo, não se vincula apenas a esferas de atividade humana tal como se oferecem à descrição sociológica. Há, também, um campo de sentido mais ou menos presumido para o gênero – *o de um quadro institucional, o de uma temática de época, o de perspectivas externas ao texto* etc. –, campo cujo delimitação é, no entanto, dinâmica, pois está sujeita [...] ao acabamento do interlocutor (Corrêa, 2011, p. 345, grifos nossos).

Num *quadro institucional* acadêmico-científico, numa *temática de época* que coloca em destaque a relação entre divulgação científica, senso comum, utilitarismo e desinformação, face a *perspectivas externas ao texto* que cobram da universidade sua aproximação com a sociedade, por um lado, e *perspectivas outras*, advindas da própria universidade, que cobram do pesquisador (formado ou em formação) o engajamento social com a popularização do conhecimento científico sem necessariamente investir num programa de formação, por outro, a divulgação científica na universidade emerge como prática discursiva em diálogo e em resposta a demandas de diferentes esferas, o que constitui um ponto de tensão para o sujeito pesquisador. Nos roteiros analisados, essa tensão se observa nos movimentos de circulação do escrevente por diferentes práticas letradas para o cumprimento da atividade. Nos comentários reflexivos, essa tensão figura de igual modo, no reconhecimento, por parte do escrevente, de que o

engajamento com a DC e com o formato *podcast* é uma prática relevante, mas com a qual não há familiaridade. Os excertos (26), (27), (28) e (29), organizados no Quadro 14 a seguir, apontam para a existência desse aspecto. Utilizamos o recurso do negrito para indicar

Quadro 14 – Representações do escrevente sobre a falta de familiaridade com a prática

Excerto	Trecho transcrito
(26)	[...] Considerando a total falta de intimidade com o gênero , visto que não o consumo e nunca o produzi, a atividade teve nível de dificuldade acentuado para mim , até mesmo porque as informações que se encontram on-line sobre esse tipo textual não dão conta de explicitar com qualidade sua estrutura [...] (A2U3P4 05)
(27)	[...] Partindo da atividade anterior a respeito da elaboração do processo criativo de um podcast acadêmico vejo que foi uma atividade muito diferente e desafiadora para mim. Não sou muito ligada ao podcast e consumo muito pouco , entretanto achei muito inovador falar sobre a minha proposta de pesquisa em outra perspectiva, em um modelo oral e de forma mais integrativa e que pelo caráter mais comunicativo tem um maior alcance. Mesmo estando no meio acadêmico realmente fico presa em formas muito rígidas e estruturais e quando preciso me locomover dentro da minha própria escrita dúvidas me sobressaem. Fiquei refletindo em toda produção, se estava fazendo certo, se estava atendendo o que estava sendo pedido . Muito interessante, então, refletir em como estamos dentro do nosso ambiente escolar fixos em textos com receitas prontas de como deve ser feito e como temos dificuldade ao tentar pensar e propor algo diferente [...] (A2U2P2 04)
(28)	[...] Escrever um roteiro para um podcast de divulgação científica é um desafio para um pesquisador em formação, como eu, que tenho me dedicado ultimamente, de forma principal, à escrita em gêneros acadêmico-científicos . [...] Iniciar a escrita em um gênero pouco conhecido para mim – o roteiro de um podcast -, num suporte com o qual não tenho muita habilidade , foi, portanto, uma atividade de questionamento da própria prática discursiva e da minha posição como sujeito [...] (A2U1P1 05)
(29)	Partindo da ideia de escrever um roteiro de podcast, em que o ponto principal da escrita deveria estar pautado no meu objeto de estudo e pesquisa, de início considerei a escrita desse gênero um tanto que desafiador para mim . Pois, ao ingressar na universidade o que mais ouvi falar era que para divulgar as pesquisas desenvolvidas a divulgação partiria da escrita de um artigo científico [...] (A2U2P2 14)

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Como se vê no Quadro 14, há tensões que atravessam a prática de escrita universitária ligadas à apontada falta de familiaridade do pesquisador em formação com o consumo de *podcasts*, por um lado, e com a prática mais ampla da divulgação científica, por outro lado. Enquanto o excerto (26) ilustra a relação entre a “**falta de intimidade com o gênero**” e o autodidatismo na condução de produtos de DC (“**as informações que se encontram on-line sobre esse tipo textual não dão conta de explicitar com qualidade sua estrutura**”) – numa preocupação com o aspecto verbal do gênero –, os excertos (27), (28) e (29) ilustram a relação entre essa mesma falta (“**não sou muito ligada ao podcast e consumo muito pouco**”/“**de início considerei a escrita desse gênero um tanto que desafiador para mim**”) e as demandas

às quais o pesquisador já tem de responder no contexto acadêmico-científico (**“fiquei refletindo em toda produção, se estava fazendo certo, se estava atendendo o que estava sendo pedido”/“escrever um roteiro para um podcast de divulgação científica é um desafio para um pesquisador em formação, como eu, que tenho me dedicado ultimamente, de forma principal, à escrita em gêneros acadêmico-científicos”/“ao ingressar na universidade o que mais ouvi falar era que para divulgar as pesquisas desenvolvidas a divulgação partiria da escrita de um artigo científico”**).

Um dado interessante coloca-se à mostra, também, quando o escrevente universitário aponta a relação entre a dificuldade encontrada para realização da atividade e o aspecto da novidade da produção do formato *podcast*. De uma perspectiva idealista, esse caráter de novidade poderia ser reduzido ao fato de o *podcast*, como mídia contemporânea, demandar acesso e envolvimento com recursos tecnológicos para seu consumo e sua produção que são alheios ao pesquisador. Essa dificuldade seria, assim, resolvida pela instrumentalização desse pesquisador para lidar com recursos específicos relacionados à produção da mídia.⁵¹ De nossa perspectiva, no entanto, assumimos que o caráter de novidade atribuído a essa prática – a divulgação científica, de modo amplo, e a divulgação científica por meio de programas de *podcast*, de modo específico – reside no engajamento esperado do escrevente: para além do domínio de recursos técnicos (tarefa que pode ser atribuída a equipe técnica de uma IES, por exemplo, no caso de projetos de DC institucionalizados),⁵² a produção de *podcasts* de divulgação científica demanda do sujeito um deslocamento e um equilíbrio entre diferentes posições enunciativas que não é objeto de discussão das práticas de leitura e de escrita tradicionalmente atribuídas à universidade.

Nos excertos apresentados, essa demanda aparece de modo marcado na assunção do escrevente universitário de que esse tipo de atividade se inscreve na ordem de um distanciamento de práticas já conhecidas e consolidadas no contexto escolar/acadêmico (**“muito interessante, então, refletir em como estamos dentro do nosso ambiente escolar fixos em textos com receitas prontas de como deve ser feito e como temos dificuldade ao**

⁵¹ Sabemos que não é raro, também de uma perspectiva idealista, conceber questões relacionadas ao chamado letramento digital do ponto de vista do déficit, a partir de lacunas dos sujeitos que seriam resolvidas no momento de instrumentalização e da aproximação com dispositivos eletrônicos. O que escapa a essa perspectiva, no entanto, é o fato de que a mera instrumentalização do sujeito a ele não garante sucesso na interação e na produção de sentido em práticas “novas”, situadas em esferas diferentes daquelas nas quais circula.

⁵² Essa assunção figura também em outro trecho do comentário do qual o excerto (28) é oriundo, quando o escrevente pontua que “[...] ainda assim, penso ser importante que **esse tipo de atividade, quando feita por um acadêmico ou pesquisador, conte com o auxílio de pessoas com formação e experiência na área de comunicação e de marketing. A divulgação científica pode ter mais resultados se realizada por uma equipe multidisciplinar**” (A2U1P1_05).

tentar pensar e propor algo diferente”), a ponto de gerar questionamentos ligados à própria inscrição como escrevente e como sujeito pesquisador em formação (**“iniciar a escrita em um gênero pouco conhecido para mim [...] num suporte com o qual não tenho muita habilidade, foi, portanto, uma atividade de questionamento da própria prática discursiva e da minha posição como sujeito”**). A novidade, portanto, reside num outro tipo de apropriação de conhecimentos sobre leitura e escrita não necessariamente alheios ao contexto acadêmico-científico – dada a relação de constituição do discurso da divulgação científica com o discurso científico –, mas envolvidos principalmente com a negociação do escrevente com presumidos sociais de outras esferas que não somente a acadêmico-científica, tal como a midiática, por exemplo. O “problema”, assim, não se resolveria em termos de maior ou menos familiaridade com o aspecto verbal do gênero, num modelo de habilidades de estudos ou de socialização acadêmica (Lea; Street, 2014), mas sim a partir de um modelo de letramentos acadêmicos que valorize o diálogo com os presumidos que afetam a constituição dessa prática discursiva, aos quais buscamos direcionar nosso olhar.

No nosso caso, a atividade de caráter experimental nos permite refletir sobre dificuldades e questões de letramento locais, como essa pontuada pelos escreventes. Num olhar para um contexto global, no entanto, acreditamos que a atenção aos presumidos supostos pelos mesmos escreventes quando da realização da atividade podem apontar para aspectos a serem levados em consideração na condução de iniciativas de formação em divulgação científica que corroborem um discurso contrário àquele do déficit.⁵³ Trata-se de uma assunção importante numa investigação sobre letramento acadêmico-científico, pois, se concordamos com Corrêa (2011, p. 355) que “[...] do ponto de vista da linguagem, é a desatenção à parte presumida do gênero que acaba levando aos chamados aspectos ‘ocultos’ do letramento acadêmico”, há de se admitir que a desatenção aos presumidos da prática mais ampla em que o gênero se insere não geraria efeito oposto. Com o objetivo de investir num olhar para essas relações, passamos à apresentação das três regularidades enunciativas encontradas na análise dos comentários

⁵³ No contexto do estudo da heterogeneidade enunciativa no par pergunta-resposta em situação avaliativa, Metz (2020, p. 93) assume que “não se pode dizer que todos os enunciados produzidos numa situação específica apresentem as mesmas representações da atuação dos presumidos, já que esses enunciados são produzidos por sujeitos que negociam de forma irrepitível com o verbal e com a amplitude sociocultural e histórica do verbal. No entanto, o que se pode observar é que certas recorrências ou regularidades nos modos de negociar com a heterogeneidade constitutiva em pontos específicos da construção do enunciado, sem que haja uma determinação explícita, sinalizam para determinações de outra ordem, não explícitas, mas que figuram como padrões de dizer”. Acreditamos que o estudo do discurso da divulgação científica na universidade pode ser concebido sob essa mesma ótica, uma vez que diferentes regularidades enunciativas nos roteiros de *podcast* e nos comentários reflexivos apontam para presumidos supostos pelo escrevente universitário (no diálogo com a falta de instrução explícita da atividade) que podem sinalizar demandas mais amplas desse tipo de prática letrada.

reflexivos: (i) presumido do equilíbrio entre ciência e senso comum; (ii) presumido do estilo de linguagem a ser empregado; e (ii) presumido do lugar atribuído ao interlocutor.

5.2.1 Presumido I: equilíbrio entre ciência e senso comum

Na análise dos comentários reflexivos produzidos pelos pós-graduandos como resposta à instrução da segunda parte da atividade (cf. Figura 2), uma das regularidades mais recorrentes – as quais refletem aquilo que parece ter afetado a produção escrita na etapa anterior de realização da atividade – diz respeito à expectativa de que o discurso da divulgação científica supõe um equilíbrio entre o rigor do saber científico e os sentidos que circulam no senso comum. Trata-se de um presumido oriundo da posição de mediador entre conhecimento científico e vida prática na qual o pesquisador em formação se encontra quando de seu envolvimento com a prática de divulgação científica. A presença dessa suposição nos comentários reflexivos sugere que, para o escrevente universitário, o gênero e a prática demandam uma competência genérica e discursiva que ultrapassa a simples tradução de termos e jargões técnicos; ao invés disso, exige uma reconfiguração dos sentidos em função da interlocução com a imagem de público não especializado que se encontra na ponta do processo de DC. Os trechos que apontam para a existência dessa regularidade estão reunidos a seguir, no Quadro 15, com destaques em negrito:

Quadro 15 – Presumido do equilíbrio entre ciência e senso comum

Excerto	Trecho transcrito
(30)	[...] Acredito que tenha conseguido criar um roteiro com recursos interessantes e em que equilibrei linguagem técnica e termos acessíveis a pessoas leigas . [...] Especialmente, é preciso considerar certo equilíbrio entre a precisão das informações e da terminologia técnica e o uso de termos que sejam acessíveis ao público leigo [...] (A2U1P1_05)
(31)	[...] Procurei explicar o meu trabalho de pesquisa para pessoas próximas sem perder de vista o critério e os termos científicos , até para impor um certo respeito sobre a produção de ciência no campo das humanidades [...] (A2U2P2_01)
(32)	[...] Apesar de a divulgação requerer uma linguagem simples e de fácil acesso , não se deve abrir mão da precisão científica , pois todo o estudo está fundamentado em evidências sólidas. Dessa maneira, os cientistas enfrentam o desafio de traduzir conceitos complexos em termos compreensíveis, sem comprometer a exatidão e a integridade das informações [...] (A2U2P2_02)
(33)	[...] Mas, se é um projeto que visa alcançar outros públicos, ele pode conciliar a técnica científica com uma linguagem mais acessível [...] (A2U2P2_10)
(34)	[...] A linguagem utilizada deve ser clara e acessível, evitando jargões técnicos excessivos que possam alienar o público não especializado. É essencial encontrar o equilíbrio entre a simplicidade e a precisão , transmitindo conceitos complexos de maneira compreensível e interessante [...] (A2U2P2_13)

(35)	[...] Um dos principais desafios do processo criativo de divulgação científica é encontrar uma linguagem adequada para o público-alvo. Os cientistas geralmente têm uma tendência a utilizar terminologias técnicas e jargões que podem ser intimidantes para o público não especializado. Portanto, é necessário traduzir conceitos complexos em uma linguagem acessível, sem comprometer a precisão e a essência da ciência. [...] O processo criativo de divulgação científica é uma tarefa desafiadora que requer um equilíbrio delicado entre a precisão da informação científica e a capacidade de transmiti-la de forma clara e acessível ao público em geral [...] (A2U3P3_05)
(36)	[...] Eu mesma, durante a elaboração do roteiro de podcast, tive muita dificuldade em explicar minha pesquisa de uma forma mais simples, mais acessível, porque me parece que seria, também, simplificá-la, diminuí-la. Ao mesmo tempo, é difícil explicar termos tão complexos de maneira tão simplista, pois aí também há riscos. Entretanto, ainda que a ciência, por vezes, seja dotada de complexidade, é importante considerar sua divulgação para diferentes contextos e público [...] (A2U3P3_08)
(37)	[...] A segunda dificuldade que surgiu no momento do planejamento da escrita do texto foi a da seleção de informações. Uma vez que o público não é especializado, quais informações são mais relevantes? Como deixá-las suficientemente claras para que sejam acessíveis ao ouvinte? Até que ponto é possível simplificar informações que advêm de pesquisas aprofundadas? Pensando nessas questões, procurei criar o roteiro na ordem do mais simples para o mais complexo, sendo incluindo explicações breves a respeito de alguns conceitos [...] (A2U3P4_05)
(38)	[...] A bibliografia que trata dos conceitos (no plural) de Filologia é vasta. Assim, como explicar qual Filologia orienta o meu trabalho? Bastaria explicar apenas esta ou distinguir as vertentes? Escolhi a última opção porque considerei meu público leigo quanto ao assunto. Com isso, o próximo desafio: como explicar as diferentes vertentes da Filologia da maneira mais concisa possível, sem ser superficial? Percebo agora que essa superficialidade depende do ponto de referência: meu roteiro é inútil para um especialista, mas é informativo para uma pessoa totalmente ignorante do assunto [...] (A2U3P4_06)

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Como é possível visualizar no Quadro 15, há uma regularidade enunciativa nos comentários reflexivos que aponta para a existência de um presumido do roteiro de *podcast* de divulgação científica relacionado ao desejado equilíbrio entre ciência e senso comum. Nesse caso, o que parece interpelar a prática do escrevente universitário é a coerção advinda da mencionada dupla responsabilidade enunciativa da qual é revestido: enuncia-se, ao mesmo tempo, com o discurso científico e com o discurso da divulgação científica. Observadas suas relações de fronteira (o DDC deve marcar sua diferença com o discurso científico) e constituição (o DDC não pode se desvincular do discurso científico) com o discurso científico, o discurso da divulgação científica na universidade parece ser afetado por um presumido que cobra, do escrevente, a manutenção da cientificidade do que é dito ao mesmo tempo em que se pensa essa própria cientificidade em termos do senso comum, pois, caso contrário, um produto de DC será avaliado negativamente como um produto muito teórico e de linguagem rebuscada (Watanabe, 2015).

Nos excertos, há menção frequente à ideia de “equilíbrio” (**“equilibrei linguagem técnica e termos acessíveis a pessoas leigas”/“é preciso considerar certo equilíbrio entre a precisão das informações e da terminologia técnica e o uso de termos que sejam acessíveis ao público leigo”/“é essencial encontrar o equilíbrio entre a simplicidade e a precisão, transmitindo conceitos complexos de maneira compreensível e interessante”**), por um lado, e à preocupação com a “manutenção da cientificidade” (**“procurei explicar o meu trabalho de pesquisa para pessoas próximas sem perder de vista o critério e os termos científicos”/“não se deve abrir mão da precisão científica”/“desafio de traduzir conceitos complexos em termos compreensíveis, sem comprometer a exatidão e a integridade das informações”/“conciliar a técnica científica com uma linguagem mais acessível”/“é necessário traduzir conceitos complexos em uma linguagem acessível, sem comprometer a precisão e a essência da ciência”/“é difícil explicar termos tão complexos de maneira tão simplista, pois aí também há riscos”/“até que ponto é possível simplificar informações que advêm de pesquisas aprofundadas?”/“como explicar as diferentes vertentes da Filologia da maneira mais concisa possível, sem ser superficial?”**).

Esse conflito entre ciência e senso comum suposto pelos escreventes como constitutivo do seu engajamento com o discurso da divulgação científica – e como um movimento tomado como consciente e individual pelo pesquisador-divulgador – aponta, no plano da reflexão do escrevente sobre suas próprias práticas de leitura e de escrita, para o fato de a divulgação científica exigir habilidades específicas muitas vezes desconfortáveis para um sujeito cuja história de engajamento com práticas de leitura e de escrita se deu majoritariamente a partir da socialização com gêneros escolares e acadêmico-científicos. No caso, o escrevente universitário parece tentar lidar, na sua enunciação, com o fato de estar inscrito num espaço interdiscursivo amplo que congrega valores, restrições e demandas de diferentes tipos de discurso – o que motiva a ocorrência de procedimentos metadiscursivos que, como ilustrado com a produção textual apresentada no Quadro 10, fazem referências à elaboração do texto para marcar diferenças conceituais e epistemológicas constitutivas do pensamento científico.

Na relação entre os presumidos do gênero do discurso e os presumidos das práticas discursivas que atuam na constituição desses enunciados, acreditamos que o presumido do equilíbrio entre ciência e senso comum não seja restrito aos roteiros e os programas de *podcast* que materializam o discurso da divulgação científica. Tratando-se de uma prática ampla, materializada por diferentes gêneros discursivos, a divulgação científica se constitui em meio a uma série de presumidos compartilhados por esses diferentes gêneros e que propiciam a ocorrência de diferentes fatos de discurso, não restritos à dimensão metadiscursiva dos

enunciados. Desse modo, pela impossibilidade de aferir se esse presumido é particular ao gênero do discurso em questão, avaliamos que o desejado equilíbrio entre explicação e cientificidade se relaciona com a prática mais ampla da divulgação científica (portanto, não exclusivamente com o roteiro de *podcast*), face à amplitude sociocultural e histórica de sua emergência e às relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica.

5.2.2 Presumido II: estilo de linguagem a ser empregado

Outra regularidade enunciativa nos comentários reflexivos diz respeito ao estilo de linguagem presumido como adequado ao gênero e à prática discursiva em questão. Trata-se de um presumido oriundo da diferença conceitual existente entre produtos de comunicação científica, aos quais os escreventes universitários são aculturados quando de seu ingresso no ensino superior, e produtos de divulgação científica, com os quais, como já vimos discutindo, não há garantia de instrução explícita para o escrevente fora de uma agenda de formação em DC. Na relação com os presumidos do gênero, esse presumido atua em contraste com o estilo impessoal e normativo atribuído à escrita acadêmico-científica, e se associa a práticas de oralidade e letramento próprias dos gêneros cujo *meio de produção* é escrito, mas a *concepção discursiva* (Marcuschi, 2010) é oral – caso do roteiro de *podcast* de divulgação científica. Os excertos que apontam para a existência dessa regularidade estão reunidos a seguir, no Quadro 16, com destaques em negrito:

Quadro 16 – Presumido do estilo de linguagem a ser empregado

Excerto	Trecho transcrito
(39)	[...] Optei por uma linguagem informal e, para falar da pesquisa, priorizei aspectos da vida cotidiana, na tentativa de facilitar a compreensão , de mostrar a relevância da pesquisa e de fazê-los entender que o assunto os atinge [...] (A2U1P1_01)
(40)	[...] Em síntese, o processo criativo de divulgação científica baseia-se na tarefa de transmitir conhecimentos científicos de forma clara, acessível e envolvente para o público em geral [...] (A2U2P2_02)
(41)	[...] Além disso, o gênero discursivo também pode ser um fator de restrição, pois a grande maioria das pessoas não são familiarizadas com esse tipo textual. Já o gênero de podcast tem se mostrado mais popular e acessível, pois além de estar disponível nas redes sociais, também apresenta uma linguagem mais descontraída e até lúdica. Isso facilita a compreensão de pesquisas científicas para leigos e amplia as possibilidades de acesso e divulgação [...] (A2U2P2_03)
(42)	[...] Portanto, adaptar a linguagem , escolher exemplos relevantes e utilizar formatos adequados são aspectos cruciais para garantir que a mensagem seja transmitida de forma clara e interessante [...] (A2U2P2_11)

(43)	[...] O que o diferencia dos outros gêneros é a linguagem adotada ao se comunicar com os ouvintes [...] (A2U2P2 14)
(44)	[...] Ao direcionarmos o olhar sobre o contexto educacional, fica ainda mais evidente a importância de produzirmos materiais de divulgação científica que se apresentem acessíveis, com linguagem clara a objetiva , capaz de dialogar com as bases da sociedade e não somente com instituições de produção acadêmico-científica [...] A escrita de divulgação também apresenta o desafio da síntese. Considerando a diversidade do público-alvo, é fundamental que a apresentação dos conceitos se desenvolva de maneira precisa, objetiva e coesa, dirimindo as possibilidades de interpretações equivocadas [...] (A2U3P3 04)
(45)	[...] Um dos grandes desafios foi o de encontrar novas abordagens para comunicar informações e dados científicos de forma envolvente e acessível ao nosso público. Para isso, utilizei uma linguagem clara, direta, acessível e livre de jargões técnicos , além de explorar diferentes formatos e recursos, como histórias pessoais, entrevistas com especialistas e exemplos práticos [...] (A2U3P3 12)
(46)	[...] Uma das principais dificuldades enfrentadas por mim durante o processo de escrita foi com relação à linguagem . Visto que o roteiro de podcast é um texto que será, na verdade, falado, é fundamental fazer alterações de registro pensando em como as estruturas soarão ao leitor quando lidas, se produzirão o sentido imaginado, se gerarão compreensão e se estão adequadas ao tipo de podcast e de público (A2U3P4 05)
(47)	[...] Assim, ao fazer divulgação científica poderia também ser usado uma linguagem mais informal, acessível para atrair, informar e conscientizar outros públicos além dos acadêmicos (A2U3P4 07)

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Nos excertos apresentados, representativos da regularidade enunciativa relacionada ao estilo de linguagem a ser empregado, há uma dualidade interessante do ponto de vista de como o escrevente universitário projeta uma identidade para o discurso da divulgação científica. Especificamente, na relação com o “[...] uso específico de recursos linguísticos” (Maingueneau, 2015, p. 122) no gênero discursivo em questão, os escreventes apresentam preocupações com uma construção estilística que se utilize de uma *linguagem clara/objetiva* (“**tarefa de transmitir conhecimentos científicos de forma clara, acessível e envolvente**”/“**garantir que a mensagem seja transmitida de forma clara e interessante**”/“**materiais de divulgação científica que se apresentem acessíveis, com linguagem clara a objetiva**”/“**é fundamental que a apresentação dos conceitos se desenvolva de maneira precisa, objetiva e coesa**”/“**utilizei uma linguagem clara, direta, acessível e livre de jargões técnicos**”), e/ou de uma *linguagem informal* (“**optei por uma linguagem informal [...], na tentativa de facilitar a compreensão**”/“**apresenta uma linguagem mais descontraída e até lúdica**”/“**poderia também ser usado uma linguagem mais informal, acessível para atrair, informar e conscientizar outros públicos além dos acadêmicos**”).

Se, junto com Maingueneau (2015, p. 122), admite-se que “[...] todo locutor tem à disposição um repertório mais ou menos extenso de variedades linguísticas [...] e [que] cada

gênero do discurso impõe, tacitamente ou não, restrições na matéria”, torna-se possível relacionar essa preocupação exposta pelos escreventes com as redefinições de gêneros discursivos que falam junto com a resposta à atividade acadêmica: o *podcast* de divulgação científica parece guardar, em seu funcionamento, o ensejo de que haja uma “abertura” do sujeito ao uso de uma variedade estilística pouco usual no contexto em que sua enunciação emerge – isto é, de um estilo situado fora das restrições dos discursos científico e acadêmico. Mesmo a *linguagem objetiva* que o escrevente busca atingir (na suposta ordem da consciência, de uma tomada de atitude em direção ao emprego de um certo padrão estilístico), como ilustrado nos excertos anteriores, é diferente da *linguagem objetiva* da escrita acadêmico-científica: enquanto esta procura um efeito de objetividade no “[...] modo como o quadro teórico, a metodologia, os objetivos, a análise são discursivamente representados” (Marques, 2020, p. 14), aquela visa à objetividade relacionada ao ideal da *transparência* na transmissão de informações científicas a um público leigo.

Assim, enquanto o discurso científico é “objetivado” por um ideal de clareza e impessoalidade (Marques, 2020), o discurso da divulgação científica parece se constituir num espaço aberto à subjetivação, em que a desejada clareza e transparência dos sentidos na transmissão de informações é balizada pelo uso de uma linguagem objetiva/clara, de um lado, e informal, de outro. Assim, a presença de recursos linguístico-discursivos que podem ser lidos como coloquiais nos roteiros de *podcast* – contrações gramaticais, marcadores discursivos e gírias, como visto na produção textual apresentada no Quadro 10 – parece ser um indício da tentativa de alcance desse presumido por parte do escrevente, tensionando os modos de enunciar apre(e)ndidos na academia. Nessa concepção, para o escrevente universitário, o ideal de ser acessível por meio da crença em uma concepção de linguagem transparente oculta o fato de que, numa prática de divulgação científica, as condições do sucesso comunicativo vão além do componente temático, composicional e estilístico do gênero – relacionam-se também com o componente interlocutivo e, como propõe Corrêa (2011), com o quadro institucional em que o enunciado é produzido, a temática de uma época e as perspectivas externas ao texto.

Na relação entre os presumidos dos gêneros do discurso e os presumidos das práticas discursivas que buscamos investigar, o presumido do estilo de linguagem a ser empregado emerge como um valor partilhado tanto pela forma genérica do episódio roteirizado de *podcast*, quanto pela prática mais ampla da divulgação científica. Isso se deve ao fato de que a dinamicidade da linguagem e a busca por uma simulação conversacional não são atributos exclusivos dos *podcasts* de divulgação científica, mas características presentes em diversos formatos comunicacionais e midiáticos mediados por voz, como programas de *podcast* de outra

natureza. Essa abrangência também se reflete na própria concepção da prática de divulgação científica, frequentemente orientada por um pressuposto de acessibilidade: seus produtos devem adotar um estilo comunicativo inteligível e atraente para um público amplo e não especializado (Chagas; Massarani, 2020).

5.2.3 Presumido III: lugar atribuído ao interlocutor

Uma terceira e última regularidade enunciativa observada com maior recorrência nos comentários reflexivos produzidos pelos pós-graduandos faz referência ao lugar atribuído ao interlocutor. Trata-se de um presumido que dialoga com o ideal da desejável impessoalidade da escrita acadêmico-científica a partir da suposição do escrevente de que, ao invés de assemelhar-se aos produtos de comunicação científica (artigos, ensaios, dissertações, teses, comunicações individuais ou em grupo) com os quais tem contato, os produtos de divulgação científica devem projetar um lugar privilegiado ao interlocutor, aproximando-o sempre que possível do assunto em pauta. Esse presumido aponta, ainda, para um posicionamento do locutor que reconhece a alteridade e a necessidade de construir um espaço de escuta no discurso da divulgação científica, o que reforça o caráter dialógico e interativo presumido no gênero em questão. Os excertos que apontam para a existência dessa regularidade estão reunidos a seguir, no Quadro 17, com destaques em sublinhado:

Quadro 17 – Presumido do lugar atribuído ao interlocutor

Excerto	Trecho transcrito
(48)	[...] Escrevi o roteiro para um grupo formado por estudantes do ensino médio, da graduação e da pós-graduação. Optei por uma linguagem informal e, para falar da pesquisa, priorizei aspectos da vida cotidiana, na tentativa de facilitar a compreensão, de mostrar a relevância da pesquisa e de fazê-los entender que o assunto os atinge [...] . Ao longo da apresentação e do desenvolvimento, vivi a experiência de que, de fato, a palavra é um ato bilateral, pois cada escolha foi uma decisão dividida com os interlocutores que elegi [...] (A2U1P1_01)
(49)	[...] Tratando-se de um texto que seria direcionado a um público leigo, busquei assumir uma voz textual que conversasse com os leitores/ouvintes , direcionando a exposição ao tema com indagações que acredito serem pertinentes para uma (possível) entrada no tema e/ou reentrada [...] (A2U1P1_02)
(50)	[...] O podcast tem, em geral, uma linguagem que remete a aproximação dos locutores com o público , então é importante ter uma pauta fluída, que abra espaço para o diálogo (A2U2P2_01)
(51)	[...] Cada audiência possui diferentes níveis de familiaridade com a ciência e diferentes interesses. [...] Conhecer o público-alvo também permite identificar as questões e dúvidas mais comuns, direcionando a divulgação para abordar tais aspectos . Também é importante avaliar o feedback do público, medir o alcance das iniciativas de divulgação e estar aberto a críticas construtivas são formas de aprimorar o processo

	criativo. A comunicação científica deve ser um diálogo, uma troca de conhecimento entre cientistas e público , permitindo que ambos os lados aprendam e se beneficiem mutuamente [...] (A2U2P2_11)
(52)	[...] A principal preocupação é centrada na apresentação do objeto de pesquisa de maneira que o leitor/ouvinte consiga observar o caráter pragmático da pesquisa , ou seja, perceba que o objeto de estudo relaciona-se diretamente com elementos cotidianos [...] (A2U3P3_04)
(53)	[...] Esse processo partiu de perguntas reflexivas para o público , com o intuito de compreender suas aspirações, preocupações e desafios enfrentados e para estabelecer uma conexão para que a divulgação científica fosse possível [...] (A2U3P3_12)
(54)	[...] Partir da ideia de que divulgar a pesquisa em um podcast é o mesmo que contar para um amigo sobre o que se trata a pesquisa , facilita o processo de escrita do roteiro, pois se torna mais leve e sem muita preocupação com formatos e/ou regras que geralmente são impostos na escrita acadêmica e muitas vezes podem atravancar o processo de escrita e posterior divulgação científica [...] (A2U3P4_03)

Fonte: corpus da pesquisa (grifos nossos).

Nos excertos apresentados no Quadro 17, representativos da regularidade enunciativa relacionada do lugar atribuído ao interlocutor, é possível observar aspectos que, por variadas razões, explicam a alta ocorrência de procedimentos metadiscursivos que fazem referência às instâncias coprodutoras do texto. Uma primeira razão tem relação como o movimento do escrevente de, no comentário reflexivo, reconhecer a importância do leitor, num movimento parecido com o que Fiad (2011) descreveu após uma etapa de trabalho educacional com a reflexividade e a reescrita de gêneros da esfera acadêmica. Na análise de comentários reflexivos de seus estudantes, a autora destaca que “a importância a ser dada ao leitor do texto e as mudanças que isso provoca na escrita é um dos aspectos mais presentes nas reflexões dos estudantes”, e que esse “[...] provavelmente era um aspecto sobre o qual os estudantes não tinham sido levados a refletir em suas escritas escolares antes da entrada na universidade” (Fiad, 2011, p. 367).

No nosso caso, a atenção dada pelo escrevente ao caráter interlocutivo esperado do gênero se manifesta em “**vivi a experiência de que, de fato, a palavra é um ato bilateral, pois cada escolha foi uma decisão dividida com os interlocutores que elegi**” (48), “**linguagem que remete a aproximação dos locutores com o público**” e “**é importante ter uma pauta fluida, que abra espaço para o diálogo**” (50), bem como “**conhecer o público-alvo também permite identificar as questões e dúvidas mais comuns, direcionando a divulgação para abordar tais aspectos**” e “**a comunicação científica deve ser um diálogo, uma troca de conhecimento entre cientistas e público**” (51). O reconhecimento da importância de marcar o diálogo com o interlocutor e do lugar de privilégio a ele atribuído constitui, assim, uma entrada interpretativa para a ocorrência majoritária de metadiscorso que toma as instâncias coprodutoras do texto como alvo de comentário, especialmente no caso das

submodalidades classificadas por nós, a convocação reflexiva do interlocutor e a antecipação de dúvida do interlocutor. Trata-se de uma forma de negociar com os presumidos do gênero, por um lado, e com os presumidos da prática discursiva, por outro lado (**“esse processo partiu de perguntas reflexivas para o público [...] para estabelecer uma conexão para que a divulgação científica fosse possível”**).

Há, ainda, outro aspecto relacionado ao lugar atribuído ao leitor que chama a nossa atenção: o da conexão entre conhecimento científico e vida prática. É o que se pode reconhecer em (48), com **“priorizei aspectos da vida cotidiana, na tentativa de facilitar a compreensão, de mostrar a relevância da pesquisa e de fazê-los entender que o assunto os atinge”**, e em (52), com **“a principal preocupação é centrada na apresentação do objeto de pesquisa de maneira que o leitor/ouvinte consiga observar o caráter pragmático da pesquisa, ou seja, perceba que o objeto de estudo relaciona-se diretamente com elementos cotidianos”**. Trata-se de um aspecto que, embora acreditemos que possa constituir um presumido autônomo da prática discursiva da divulgação científica, emerge no subconjunto do material analisado como relacionado ao lugar atribuído ao leitor. O traço de uma ciência aplicada como regularidade do discurso da divulgação científica parece se manifestar nesses relatos de modo mais presente, a partir do reconhecimento do escrevente de que ele deve responder (também) a esse presumido para que sua produção seja bem avaliada.

No caso do *podcast* de divulgação científica, o presumido de que deve haver diálogo marcado com o interlocutor oculta o fato de que a remissão a ele, no fio do discurso, não garante o alcance ao caráter interlocutivo esperado do gênero. Como vimos, os procedimentos metadiscursivos mais frequentes nos roteiros de *podcast* fazem referências às instâncias coprodutoras do texto, com foco no interlocutor; não significa, no entanto, que a projeção desse interlocutor tenha sido sustentada ao longo de toda a prática discursiva, porque o quadro institucional em que ela é produzida (a universidade) impõe ao sujeito o diálogo com interlocutores não previstos pelo discurso da divulgação científica – é o caso dos roteiros de *podcast* que menos se aproximaram do que foi requisitado na instrução, que tinham como leitores projetados os professores da disciplina, e não necessariamente um público não especializado. Assim, na relação entre os presumidos do roteiro de *podcast* e os presumidos da divulgação científica como uma prática discursiva, o lugar de privilégio atribuído ao interlocutor e a necessidade de marcar o diálogo com ele aparecem como aspectos compartilhados tanto pelo gênero, quanto pela prática. Trata-se de um aspecto que “fala junto” com a produção de sentido em práticas letradas contemporâneas de letramento acadêmico-

científico, na negociação com a amplitude sociocultural e histórica da qual essas práticas são revestidas.

Como se vê, há presumidos da prática discursiva mais ampla da divulgação científica – aspectos necessários à sua constituição, relacionados à amplitude sociocultural e histórica de um determinado tempo, mas também às relações interdiscursivas a partir das quais o discurso da divulgação científica se constitui – que parecem influenciar a produção escrita do escrevente no desenvolvimento da atividade, mesmo sem o momento de instrução explícita. Neste trabalho, concebemos esse fenômeno na qualidade de presumidos de uma prática discursiva, por entender que são necessários à constituição de diferentes gêneros discursivos, de modo não exclusivo ao roteiro de *podcast* de divulgação. Há, no entanto, presumidos que parecem ser compartilhados tanto pela prática quanto pelo gênero, como é o caso do lugar de privilégio atribuído ao interlocutor. O que destacamos é que o interesse esteve em observar como diferentes presumidos afetam o trabalho do sujeito com a linguagem numa prática discursiva “nova”, localizada em posição de fronteira entre diferentes discursos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta Dissertação de Mestrado foi o de investigar relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica no processo de produção de roteiros de *podcast* de divulgação científica e de comentários reflexivos produzidos por universitários vinculados a programas de pós-graduação da região sudeste do Brasil. A partir da associação entre os Novos Estudos de Letramento e a Análise do Discurso, partimos da hipótese de que, longe de serem reduzidos a um processo de adequação de linguagem (na passagem de um discurso a outro), procedimentos metadiscursivos empregados pelo escrevente universitário apontam para regularidades enunciativas do discurso da divulgação científica na universidade e para presumidos em torno dessa prática discursiva, num contexto marcado por forte demanda de popularização da pesquisa acadêmica.

Para comprovar essa hipótese e alcançar o objetivo geral, foram definidos dois objetivos específicos, em torno de dois eixos de investigação:

- (i) com base na investigação dos roteiros escritos de *podcast*, analisar procedimentos metadiscursivos (Maingueneau, 1997; Jubran, 2005) adotados pelos escreventes no que respeita à construção de uma imagem de locutor, considerando-se os diferentes modos de envolvimento (ou não) com a realização da atividade; e
- (ii) com base na investigação dos comentários reflexivos, analisar a relação entre presumidos dos gêneros do discurso (Corrêa, 2011) e presumidos das práticas discursivas (Volóchinov, 2019), considerando-se a projeção que o escrevente faz das relações de fronteira e constituição entre discurso científico e discurso da divulgação científica.

Com a aproximação entre quadros teóricos distintos motivada pela assunção de uma perspectiva etnográfico-discursiva de estudo das práticas de letramento, pudemos verificar que a hipótese de partida se confirma em dados provenientes do engajamento do escrevente universitário com uma prática letrada acadêmico-científica contemporânea.

No cumprimento do primeiro objetivo específico, verificamos que as modalidades de metadiscursos mais frequentes em roteiros de *podcast* de divulgação científica produzidos por pesquisadores em formação fazem referências às instâncias coprodutoras do texto (num movimento de abertura e de aproximação em relação ao outro), referências à estruturação tópica do texto (numa simulação de organização do discurso) e referências à elaboração do texto, em

termos de formulação linguística (numa tentativa de alcance da transparência dos sentidos e da inscrição de determinados sentidos num dado campo discursivo). Observamos que, por um lado, nos roteiros em que houve maior aproximação interlocutiva do escrevente com a instrução da atividade, a ocorrência de procedimentos metadiscursivos está ligada à construção de uma imagem de locutor de *pesquisador-divulgador*, na relação com presumidos do gênero em questão e presumidos da prática discursiva de divulgação científica aos quais busca responder; por outro lado, nos roteiros em que houve menor aproximação interlocutiva com a instrução da atividade, a ocorrência de procedimentos metadiscursivos está relacionada à construção de uma imagem de locutor *aprendiz* que responde aos presumidos do quadro institucional em que sua enunciação é produzida.

No cumprimento do segundo objetivo específico, verificamos a existência de três regularidades enunciativas que corroboram a emergência dos procedimentos metadiscursivos nos roteiros de *podcast* e que apontam para uma relação intrínseca entre presumidos do gênero e presumidos da prática discursiva mais ampla de divulgação científica: trata-se dos presumidos do equilíbrio entre ciência e senso comum (relacionado à dupla responsabilidade enunciativa do locutor do discurso da divulgação científica na universidade), do estilo de linguagem a ser empregado (relacionado à busca pela transparência dos sentidos em linguagem, na relação com a complexidade enunciativa do *podcast* e com o traço explicativo do discurso da divulgação científica) e do lugar de privilégio atribuído ao outro (relacionado à desejável marcação explícita da presença do interlocutor no discurso, em termos de uma maior aproximação entre conhecimento científico e vida cotidiana). Constituem-se como presumidos relacionados ao quadro institucional do qual os enunciados emergem, a uma temática de época e a perspectivas externas ao texto, como propõe Corrêa (2011), mas também à relação interdiscursiva entre discurso científico, discurso acadêmico e discurso da divulgação científica.

A pergunta da pesquisa – a saber, numa conjuntura de luta contra a desinformação, uso massivo de redes sociais digitais e demanda pela popularização do conhecimento científico, quais presumidos atuam na constituição do discurso da divulgação científica na universidade? – foi respondida a partir da assunção de que o discurso da divulgação científica na universidade é afetado por relações de fronteira e constituição com o discurso científico e acadêmico não somente em termos de restrições enunciativas, mas também de presumidos sociais compartilhados tanto pelo gênero discursivo em questão, quando pela prática mais ampla materializada por ele. Os modos de envolvimento (ou não) do escrevente universitário com essa prática letrada e com esse tipo de discurso não são concretizados, no entanto, sem tensões de ordem discursiva, pois a “passagem” de um discurso a outro não é uma tarefa automática, como

poderiam fazer supor perspectivas que tratam (i) a divulgação científica como mera tradução de um discurso para outro; e (ii) o metadiscurso como mero processo de adequação de linguagem. O desafio de manter a cientificidade da informação didatizada (o equilíbrio entre ciência e senso comum), de empregar um estilo de linguagem que visa à objetividade, à transparência e à informalidade (na tentativa de estabelecer diferenças enunciativas entre produtos de comunicação e de divulgação científica) e de marcar a presença do outro no discurso (de modo a aproximá-lo da discussão) representam presumidos para os quais devemos nos atentar na condução e na discussão de práticas de divulgação científica desenvolvidas na universidade.

Na relação com a hipótese principal do Projeto Temático FAPESP “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para a formação de professores e de pesquisadores globalizados” no âmbito do qual esta pesquisa se constituiu – a de que a identificação e a contextualização de interesses, valores, capacidades e recursos mobilizados pelos aprendizes em processos de ensino e a reflexão sobre esses processos são cruciais para que as práticas de letramento acadêmico-científico na universidade tornem-se significativas –, verificamos as potencialidades do trabalho de pesquisa com eixos de investigação distintos, relacionados às etapas de produção e de reflexão posterior do escrevente sobre a produção realizada. Em nosso trabalho, especificamente, em que a etapa de produção dos roteiros de *podcast* foi realizada sem instrução explícita, pudemos verificar a negociação do escrevente universitário com diferentes presumidos a que ele supõe ter de responder quando de seu envolvimento com uma prática “nova”, bem como a sua circulação dialógica por diferentes práticas letradas mobilizadas para o cumprimento da atividade. O retorno ao texto produzido – necessário à etapa de produção do comentário reflexivo –, permitiu ao escrevente a reflexão a respeito das demandas às quais supunha ter de cumprir para que sua produção fosse bem avaliada, por um lado, mas também a atenção para aspectos da amplitude sociocultural e histórica que falam junto com sua produção discursiva.

Em acordo com Corrêa (2011, p. 340), para quem “[...] as contradições que definem, em termos de linguagem, as pessoas, as instituições e as próprias identidades sociais põem uma fronteira à visada empírica da pesquisa etnográfica”, podemos admitir ganhos teórico-metodológicos aos estudos de práticas de letramento acadêmico-científico contemporâneas ao tratar a relação entre metadiscurso, divulgação científica, o trabalho com *podcasts* no ensino superior e com a reflexividade da linguagem de um ponto de vista discursivo, voltado às contradições entre conhecimentos valorizados ou desprestigiados no contexto acadêmico-científico. No caso da divulgação científica, o trabalho de uma perspectiva etnográfico-

discursiva nos permitiu reconhecer que, mesmo sem instrução explícita, o escrevente universitário (na posição de pesquisador em formação) circula por diferentes práticas letradas de modo a balizar as fronteiras existentes entre discurso científico e discurso da divulgação científica.

Como resultado do trabalho realizado, observamos ainda outras frentes de pesquisa que podem interessar àqueles que buscam discutir os deslocamentos sofridos pela divulgação científica face às transformações do mundo contemporâneo. Trata-se da possibilidade de investigar:

- (i) a sistematicidade de presumidos relacionados à divulgação científica em gêneros discursivos distintos, uma vez que há características compartilhadas por diferentes produções languageiras que materializam esse tipo de discurso;
- (ii) a negociação do escrevente universitário com presumidos que emergem em outras situações de trabalho educacional experimental, sem instrução explícita em relação a determinado gênero ou prática discursiva; e
- (iii) as representações do escrevente universitário sobre o fazer científico e/ou outras práticas de letramento acadêmico-científico a partir da observação da dupla *modos de envolvimento do escrevente-reflexões do escrevente sobre a própria prática*, num investimento no caráter (auto)reflexivo da linguagem.

Concluimos este trabalho argumentando que, num contexto de demanda por popularização do conhecimento científico para além dos muros da universidade, o pesquisador em formação (mas não somente) encontra-se numa posição de tensão em meio à cobrança institucional e social que afeta o (seu) trabalho e os modos de engajamento com práticas de leitura e de escrita contemporâneas. Por vezes, essa tensão corrobora a perspectiva do déficit já criticada por estudos que concebem leitura e escrita como práticas sociais, culturais, históricas e ideológicas. De nossa perspectiva, acreditamos que essa tensão pode ser atenuada se o olhar da instituição for direcionado a conhecimentos já existentes na história de engajamento do escrevente universitário com práticas letradas outras, não necessariamente valorizadas no contexto acadêmico-científico. Observar aquilo que escapa ao aspecto verbal do gênero ou a um aspecto linguístico-discursivo específico (como o metadiscurso) pode constituir uma entrada para práticas pedagógicas que valorizam o processo de aculturação acadêmica, mas também a circulação do sujeito por diferentes (e novos) discursos e esferas comunicacionais, para além do que permanece “oculto” no trabalho com a leitura e com a escrita.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, G. G. *Desinformação sobre covid-19: concepções de texto em práticas letradas de agências de fact-checking da Argentina, do Brasil e dos Estados Unidos*. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255141>. Acesso em: 28 maio 2025.
- ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M-C. A formação do leitor no contexto da desinformação e das fake news: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. *Scripta*, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/27640>. Acesso em: 28 maio 2025.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução: Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 19, n. 1, p. 25-42, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. As não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa – estudo linguístico e discursivo da modalização autonímica. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução: Maria Onice Payer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. cap. 1, p. 13-28.
- BABAPOUR, K.; KUHI, D. Popularization of scientific discourses and penetration of informal elements. *The Journal of Applied Linguistics and Applied Literature*, v. 6, n. 2, p. 49-97, 2018. Disponível em: https://jalda.azaruniv.ac.ir/article_13849.html. Acesso em: 28 maio 2025.
- BORILLO, A. Discours ou métadiscours? *DRLAV*, n. 32, p. 47-61, 1985.
- BLANCO, B.; AMARAL, A. R.; GOULART, L. A. Disputas interseccionais a partir da divulgação científica nas plataformas digitais: as contradições entre cientista e influenciador em Átila Iamarino. *Fronteira – estudos midiáticos*, v. 24, n. 1, p.181-196, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23983>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CAPRISTANO, C. C.; CANGUSSÚ, T. A. Endereçamento em produções textuais infantis. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 26, n. 1, p. 110-129, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unitau.br/caminhoslinguistica/article/view/3280>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CAVALCANTE, M. M. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 3, p. 345-354, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51371>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CGEE. *Percepção pública da C&T no Brasil – 2023: Resumo Executivo*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2024. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.
- CHAGAS, C.; MASSARANI, L. *Manual de sobrevivência para divulgar Ciência e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Sobre o discurso científico e sua mediação*. Tradução: Maria Eduarda Giering; Luciana Cavaleiro. *Calidoscópio*, v. 14, n. 3, p. 550-556, 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.18/5819>. Acesso em: 28 maio 2025.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/113475>. Acesso em: 28 maio 2025.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 4, p. 333-356, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1115/1038>. Acesso em: 28 maio 2025.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, p. 481-513, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/ndCmMjqNqdfb4CsYhkBvhQP/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

CORRÊA, M. L. G. A reformulação e seu(s) outro(s): um exemplo no campo dos letramentos acadêmicos. In: LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. (org.). *Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. cap. 8, p. 205-222. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2022/12/EBOOK_Letramentos-Academicos-no-Brasil.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

COSTA, J. R. P. *Práticas letradas em Ciências Biológicas e Ciências Exatas e da Terra: autocitação e pertencimento disciplinar*. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/261756>. Acesso em: 28 maio 2025.

DANTAS-QUEIROZ, M. V.; WENTZEL, L. C. P.; QUEIROZ, L. L. Science communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 90, n. 2, p. 1891-1901, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aabc/a/5H5N4NnbzJCnqhvhqRcDzYSM/abstract/?lang=en>. Acesso em: 28 maio 2025.

ESCOBAR, H. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. In: VOGT, C.; GOMES, M.; MUNIZ, R. (org.). *ComCiência e a divulgação científica*. Campinas: BCCL/UNICAMP, 2018. cap. 3, p. 31-36. Disponível em: <https://www.comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>. Acesso em: 28 maio 2025.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. *Revista da Abralin*, v. 10, n. 4, p. 357-369, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1116>. Acesso em 10 mar. 2025.

FIAD, R. S. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. *Revista do GEL*, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1867>. Acesso em: 28 maio 2025.

FIGUEIRA, A. C. P.; BEVILAQUA, D. V. *Podcasts* de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, v. 16, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2427>. Acesso em: 28 maio 2025.

FORTILLI, S. C. Enunciados metadiscursivos em entrevistas do banco de dados Iboruna. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 19, n. 2, p. 193-214, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/25505>. Acesso em: 28 maio 2025.

GRIGOLETTO, E. *O discurso da divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5322>. Acesso em: 28 maio 2025.

HEATH, S. B. *Ways with words*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HYLAND, K. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. *Journal of Pragmatics*, v. 30, p. 497-455, 1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216698000095>. Acesso em: 28 maio 2025.

HYLAND, K; JIANG, F. Is academic writing becoming more informal? *English for Specific Purposes*, v. 45, n. 1, p. 40-51, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0889490616301016>. Acesso em: 28 maio 2025.

HYLAND, K. *Metadiscourse: exploring interaction in writing*. Londres: Bloomsbury, 2019.

JUBRAN, C. S. Especificidades da referência metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referência e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219-264. cap. 9, p. 219-242.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução – A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S. O metadiscorso entre parênteses. *Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 3, p. 293-303, 2009.

KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B.; VIANNA, C. A. D.; SITO, L. S.; VELSECHI, M. C.; DE GRANDE, P. B. O conceito de letramento na produção científica brasileira: retorno às origens, discussões para o futuro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 63, n. 1, p. 240-254, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/p9F37675xm94vWt9TrKCFSP/>. Acesso em: 28 maio 2025.

KOMESU, F. Concepção(ões) de texto em contexto de EaD semipresencial. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. 1, p. 305-333, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/76205>. Acesso em: 28 maio 2025.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R. R. Letramentos acadêmicos no ensino superior: aspectos verbo-visuais no processo de textualização em contexto semipresencial. *Linguagem & Ensino*, v. 16, n. 1, p. 15-38, 2013. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15437>. Acesso em: 28 maio 2025.

KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; DONAHUE, C. The disciplinary culture of citation in scientific articles in humanities. *Nueva Revista del Pacífico*, n. 78, p. 166-191, 2023. Disponível em: <http://www.nuevarevistadelpacifico.cl/index.php/NRP/article/view/272>. Acesso em: 28 maio 2025.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075079812331380364>. Acesso em: 28 maio 2025.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução: Fabiana Komesu; Adriana Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 477-496, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79407>. Acesso em: 28 maio 2025.

LENHARO, R. I.; CRISTÓVÃO, V. L. L. *Podcast*, participação social e desenvolvimento. *Educação em Revista*, v. 32, n. 1, p. 307-335, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/fqTjw5mQ9ZLYBVCjdLDsxSm/>. Acesso em: 28 maio 2025.

LIMA, F. F. *Metadiscursividade e persuasão em entrevistas com candidatos à prefeitura de São Paulo*. 2009. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10022010-141441/>. Acesso em: 28 maio 2025.

LUZÓN, M. J.; PÉREZ-LLANTADA, C. *Digital genres in academic knowledge production and communication: perspectives and practices*. Bristol/Jackson: Multilingual Matters, 2022.

MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C.; JUNG, N. M. Letramento acadêmico: dimensões mostradas e escondidas em rasuras em contexto digital. *Linguagem & Ensino*, v. 22, n. 3, p. 933-956, 2019. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/17149>. Acesso em: 28 maio 2025.

MAINGUENEAU D.; COSSUTTA, F. L’analyse des discours constitutants. *Langages*, n. 117, p. 112-125. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23906733>. Acesso em: 28 maio 2025.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução: Freda Indursky. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1997.

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução: Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 28 maio 2025.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, M. A. Vozes da ciência: discurso científico e enunciação. In: NASCIMENTO, J. V.; FERREIRA, A. (org.). *Discursos constituintes*. São Paulo: Blucher Open Acess, 2020. cap. 1, p. 11-33. Disponível em: https://www.blucher.com.br/discursos-constituintes_9786555500158. Acesso em: 28 maio 2025.

MASSARANI, L.; ALVARO, M.; MAGALHÃES, D.; VALADARES, P. Pesquisa em divulgação científica: um estudo dos artigos científicos na América Latina. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, v. 19, n. 56, p. 33-57, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacts.net/index.php/CTS/article/view/377>. Acesso em: 28 maio 2025.

McGARR, O. A review of podcasting in higher education: its influence on the traditional lecture. *Australasian Journal of Educational Technology*, v. 25, p. 309-321, 2009. Disponível em: <https://ajet.org.au/index.php/AJET/article/view/1136>. Acesso em: 28 maio 2025.

McINTYRE, L. *Post-Truth*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 2018.

METZ, M. C. *Escrita acadêmica e heterogeneidades: presumidos sociais no par pergunta-resposta em situação de avaliação*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020. Disponível em: <https://ple.uem.br/tese-monica-cristina-metz-versao-definitiva.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

MOREIRA, I. C; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002. cap. 3, p. 43-64. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.

OLIVEIRA, A.; ALEXANDRE, G. G.; KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; FLUCKIGER, C. Discursive authority in COVID-19 vaccination fact-checking: the case of @butantanoficial on Instagram. *Revista do GEL*, v. 20, n. 3, p. 213-236, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3584>. Acesso em: 28 maio 2025.

PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *História do português brasileiro*: diacronia dos processos de construção de textos. São Paulo: Contexto, 2022.

POSSENTI, S. Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância. *Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 1, p. 91-108, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28891>. Acesso em: 28 maio 2025.

ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/hZy3yNBcGjdn4Mp7jjMQYjf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

SALGADO, L. S.; DELEGE, M. Mundo ético e mídiu: uma cenografia paulistana para a ciência brasileira. *Letras de Hoje*, v. 53, n. 3, p. 374-385, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/LQPfz9nv47GLWVDRNyzzCZP/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. cap. 5, p. 109-124.

SOTÉRIO, C.; QUEIROZ, S. L. Improving writing skills through scripting a science podcast for non-expert audiences. *Journal of College Science Teaching*, v. 52, n. 6, p. 30-37, 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0047231X.2023.12315864>. Acesso em: 28 maio 2025.

STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. London: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. Tradução: Armando Silveiro; Adriana Fischer. *Perspectiva*, v. 28, n. 2, p. 541-567, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p541>. Acesso em: 28 maio 2025.

STREET, B. V. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

SCRIBNER, S.; COLE, M. *The psychology of literacy*. Boston: Harvard University Press, 1981.

SIGNORINI, I.; FIAD, R. (org.). *Ensino de língua*: das reformas, das inquietações e dos desafios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

TENANI, L. Complexidade enunciativa do podcast em contexto de intercâmbio virtual no Ensino Superior. *Estudos Linguísticos*, v. 52, n. 1, p. 283-301, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3469>. Acesso em: 28 maio 2025.

VIANNA, C. A. D., SITO, L. VALSECHI, M. C.; PEREIRA, S. L. M. Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (org.). *Significados e ressignificações do letramento*:

desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2016. cap. 1, p. 27-60.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização e tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. cap. 2, p. 109-146.

WATANABE, G. *A divulgação científica produzida por cientistas: contribuições para o capital cultural*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-17122015-110656/en.php>. Acesso em: 28 maio 2025.